

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

LUIZ CARLOS LISBOA GONDIM

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM CASAIS E DOCUMENTOS DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA**

Salvador
2008

LUIZ CARLOS LISBOA GONDIM

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM CASAIS E DOCUMENTOS DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lívia A. Fialho Costa

Salvador
2008

Ficha catalográfica elaborada por Cristina Alexandra de Godoy
Bibliotecária – CRB 5/1479

G637r Gondim, Luiz Carlos Lisboa
Representações de gênero em casais e documentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia / Luiz Carlos Lisboa Gondim. – Salvador, 2008.
149 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2008
Orientação: Dr^a. Lívia Alessandra Fialho da Costa

1. Relação de gênero – Casais adventistas. 2. Casamento - Dominação masculina. I. Título. II. Universidade Católica de Salvador.

CDD 305.3

LUIZ CARLOS LISBOA GONDIM

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM CASAIS E DOCUMENTOS DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Lívia Alessandra Fialho da Costa
Doutora em Antropologia Social e Etnologia, EHESS (França)

Christine Jacquet
Doutora em Sociologia e Ciências Sociais, U. LYON 2 (França)

Lúcia Vaz de Campos Moreira
Doutora em Psicologia, USP

Salvador
2008

Dedico esta pesquisa a minha mãe por ter convivido com um esposo dominador e doente, que mesmo tendo sido perdoado por nós, tanto sofrimento nos ocasionou. Ela conseguiu me ensinar a respeitá-lo, levou-o à conversão e o amou até ele deixar este mundo.

Agradeço a Deus, que me fortaleceu e me inspirou nessa longa jornada.

A professora Livia, por sua preciosa orientação que tantas vezes me motivou e me fez repensar idéias e práticas.

Aos amigos Pr. Milton, Cristina e Uariton pela ajuda no inglês e ABNT.

A minha esposa, Rosinha e filhos, Rebecca, Lucas, Davi e Felipe pela paciência, longanimidade e apoio emocional e espiritual.

O vento é o mesmo, mas a resposta é diferente em cada folha.

Cecília Meireles

RESUMO

Muitos teóricos têm mostrado que a habilidade em se relacionar constitui um importante ingrediente das relações de gênero dentro de um casamento e isso parece ainda mais relevante no discurso evangélico, talvez por se considerarem como *guardiões* do depósito edênico da igualdade de gêneros. Os pressupostos deste trabalho estão trançados nas categorias relacionamento/sexualidade, objetivando encontrar uma chave para compreensão das relações entre marido e mulher na contemporaneidade. Nesta pesquisa, realizada com 12 casais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Cachoeira-BA, o autor procura perceber os modos como esses casais representam as relações conjugais examinadas nos seus ditos e nos escritos dessa igreja, organizados na forma de periódicos, livros e manuais diversos. A entrevista investigativa e o exame documental foram utilizados visando uma reflexão contextualizada e moldurada num processo de reconstrução da realidade investigada. Os achados em documentos e nos ditos regulares das entrevistas se cruzaram com as idéias dos diversos teóricos, na montagem exaustiva de uma grade de análise por categoria de estudo. O resultado revela, dentre as diversas descobertas, que a unidade doméstica na IASD é um lugar de diferentes conotações semânticas, em que a desigualdade opera moderadamente e às vezes fortemente, tornando a submissão feminina fundadora de qualidades negativas e que a nova paternidade alcançou os lares da IASD ainda que imersa num individualismo também próprio das transformações ideológicas da sociedade. A santificação do dia de sábado, entre os adventistas, recebe tons singulares pela sua implicação com a visão de santidade do sexo e a divinização das relações. Muitos casais sentem-se mais inspirados no sábado para resolver suas diferenças, reforçar seus relacionamentos e sexualidade. O tema é de considerável importância para produção sobre família no Brasil.

Palavras-chave: Relação de gênero; Casais adventistas; Casamento; Dominação masculina.

ABSTRACT

Several scholars have demonstrated that the ability to relate is an important component of gender relationships in marriage and this seems to be even more relevant in the evangelical discourse, possibly because they claim to be keepers of the Edenic deposit of gender equality. The presuppositions of this work are connected to the categories relationship/sexuality, aiming at finding a key for the understanding the relationships between husband and wife in contemporaneity. In this research, performed with 12 seventh-day Adventists couples, in Cachoeira-BA, the author seeks to perceive the ways in which these couples represent the conjugal relationships examined in their sayings in writings of this church, organized in the form of periodicals, books and different handbooks. The investigative interview and the documentary examination employed aimed at a contextualized reflection and shaped in a process of reconstruction of the reality investigated. The finds in documents and regular sayings of the interviews were crossed with the ideas of several scholars, in the exhaustive assemblage of an analysis grid per category of study. The result reveals, among other findings, that the domestic unity in the SDA Church is a place of different semantic connotations, in which the inequality operates moderately and sometimes strongly, making feminine submission a founder of negative qualities and that the new paternity reached ASD homes, even though it is immersed in an individualism proper of the ideological transformations of society. The sanctification of the Sabbath day, among Adventists, receives singular overtones because of its implications to the vision of the holiness of sex and divinization of relationships. Many couples feel more inspired on Sabbath to solve their differences, reinforce their relationships and sexuality. The topic is of considerable importance for the production about family in Brazil.

Key words: Gender relations; Adventist couples; marriage; male domination.

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROPONDO ALGUMAS DISCUSSÕES	11
1.2	OLHANDO PARA O CAMPO	16
1.2.1	A Igreja Adventista	16
1.3	O CAMINHO METODOLÓGICO	19
1.3.1	A localização	19
1.3.2	Etapas de desenvolvimento do trabalho	20
1.3.3	Participantes	21
1.3.4	Documentos	24
1.3.5	Suposições teóricas	26
2	OLHANDO A LITERATURA E CONSTRUINDO UM OBJETO	29
2.1	ESTUDOS NO ÂMBITO DAS SOCIEDADES EM GERAL	29
2.1.1	Assimetrias relacionais	29
2.1.1.1	<i>Conceitos e pré-conceitos – um breve histórico</i>	30
2.1.1.2	<i>A nova perspectiva igualitária</i>	32
2.1.1.3	<i>Trabalhos domésticos femininos</i>	33
2.1.1.4	<i>Quando o trabalho é fora do lar</i>	36
2.1.1.5	<i>Pessoas coisificadas e coisas personalizadas</i>	38
2.1.2	Assimetrias sexuais	39
2.1.2.1	<i>Sobre fidelidades</i>	42
2.1.2.2	<i>Imperativo orgástico</i>	44
2.1.2.3	<i>Variações sexuais</i>	45
2.1.2.4	<i>Exigências contemporâneas</i>	49
2.1.2.5	<i>O homem - vítima sexual das mulheres?</i>	51
2.1.2.6	<i>Para além das diferenças de gênero</i>	53
2.2	ESTUDOS NO ÂMBITO DAS COMUNIDADES RELIGIOSAS	55
2.2.1	Assimetrias relacionais	56
2.2.1.1	<i>Ethos evangélico – um dilema entre a igreja e a “rua”</i>	56

2.2.1.2	<i>Anomias e autonomias - entre masoquismo e/ou histeria</i>	59
2.2.1.3	<i>Ambiguidades nas relações conjugais</i>	60
2.2.2	Assimetrias sexuais	61
2.2.2.1	<i>O dispositivo da individualidade</i>	61
2.2.2.2	<i>Influência da divinização do sexo nas práticas sexuais</i>	64
2.2.2.3	<i>Aparentes desvios da divinização do sexo</i>	65
3	A IGREJA ADVENTISTA E AS SUAS	
	REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO	67
3.1	O GARIMPO DOCUMENTAL	67
3.1.1	Revista Adventista – A divinização dos relacionamentos	67
3.1.2	Revista Ministério – “Diferenças” de gênero	68
3.1.3	Revista Afam - A modelagem feminina	69
3.1.4	Revista Diálogo Universitário – As injunções da igreja (ônus por desviar-se)	70
3.1.5	Lições da Escola Sabatina – O amor na simetria dos gêneros	71
3.1.6	Programas Na TV Novo Tempo – Infidelidades relacionais e sexuais	72
3.1.7	Debate em estudos na Escola Sabatina – Indivíduos-no- mundo	74
3.1.8	Batismo num Culto de Adoração – Desejos de posse e dominação	75
3.1.9	Guia para Anciãos – O pecado do adultério e as vias de perdão	76
3.1.10	Manual da Igreja – Pluralidade sobre a permanência da díade	77
3.1.11	Guia para Ministros – Simetrias oficiais, desigualdades oficiosas	77
3.1.12	As relações conjugais nos livros escritos de autores da IASD	78
3.2	O DITO DOS ATORES	84
3.2.1	Questões relacionais	84
3.2.1.1	<i>Práticas assimétricas</i>	85

3.2.1.1.1	Modelação feminina	85
3.2.1.1.2	Ideais nubentes e práticas desiguais, depois de um tempo...	87
3.2.1.2	<i>A rotinização</i>	88
3.2.1.3	<i>O dualismo entre práticas laicas e religiosas</i>	89
3.2.1.4	<i>Práticas igualitárias</i>	91
3.2.1.5	<i>Trabalho doméstico</i>	93
3.2.1.6	<i>O dilema entre um emprego e a educação dos filhos</i>	96
3.2.1.7	<i>A divinização dos relacionamentos</i>	99
3.2.1.8	<i>O significado relacional do dia de sábado</i>	101
3.2.2	Questões da sexualidade	103
3.2.2.1	<i>Frequência das relações</i>	104
3.2.2.2	<i>Variantes do repertório sexual</i>	107
3.2.2.3	<i>Afetividade feminina</i>	111
3.2.2.4	<i>As novas exigências da mulher e o homem vitimado...</i>	114
3.2.2.5	<i>Divinização da sexualidade</i>	116
3.2.2.6	<i>O significado sexual do dia de sábado</i>	120
3.2.2.6.1	Injunções da própria consciência	120
3.2.2.6.2	O sábado como liberdade e como afrodisíaco	121
3.3	RECONSTRUÇÕES SOBRE A DESIGUALDADE ENTRE GÊNEROS NO SEIO DA IASD	122
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
	REFERÊNCIAS	129
	APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA	137
	ANEXO – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA DA FACULDADE ADVENTISTA DE FISIOTERAPIA	148

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROPONDO ALGUMAS DISCUSSÕES

Este trabalho procura analisar como fiéis da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) concebem e representam as relações conjugais usando como chave interpretativa as elaborações religiosas dessa instituição acerca das simetrias relacionais e sexuais. Entendo que essas categorias são instrumentos importantes para melhor compreensão dos achados, para o norteamento e a delimitação da pesquisa, além de funcionar como lentes que facilitam a visão de elementos de igualdade ou desigualdade nos estudos teóricos e no campo de estudo. A pesquisa foi desenvolvida na IASD localizada em Cachoeira, Bahia, conhecida como Igreja Adventista da Faculdade do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste – IAENE.

O interesse por analisar como são elaboradas as representações de gênero no seio da IASD e qual a sua relação com a construção do modelo de relação de gêneros entre cônjuges dessa igreja, ocorreu em virtude da minha experiência como pastor, trabalhando com os casais dessa igreja, realizando palestras, encontros de casais e visitando seus lares nos últimos vinte anos. Durante esse tempo ouvi muitos casais que me intrigaram com seus dilemas entre o ideal bíblico e a realidade do mundo, com seus discursos sobre relacionamento conjugal, suas perguntas sobre simetrias relacionais e suas inquietações sobre sexualidade. Venho me perguntando há algum tempo sobre o tipo de elo existente entre o aporte teórico¹ produzido pela igreja para os casais e a prática dos seus membros; sobre a conjugalidade frente às individualidades dos que compõem o casal; sobre os ideais de igualdade conjugal que estão por trás das elaborações sobre a mulher e o homem adventistas ideais. Na verdade, enquanto adventista, esposo e pastor caminho entre dois mundos: o da prática e discurso idealizado e o do homem, estudante, pesquisador, que tenta compreender o que há de singular em tudo isso.

¹ A igreja adventista tem produzido desde a sua fundação um conjunto de *teorias* – no sentido de doutrina resultante de regras ou leis que visam sistematizar conhecimentos tendo por finalidade última orientar comportamentos. Tais teorias podem ser encontradas nos escritos da IASD, que estão organizados na forma de periódicos, livros, manuais diversos.

Acreditando que esse estudo interessava não apenas aos fiéis ou estudantes adventistas, parti para uma incursão no terreno acadêmico, local capaz de me dar subsídios teóricos para compreender a relação família/religião/conjugalidade. Considerando a importância do tema e sua atualidade para a produção sobre *família* no Brasil e para os estudiosos da diáde evangélica², o estudo concretizou-se através do projeto apresentado ao Mestrado em Família e Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, quando ingressei no curso em 2007.

Minha permanência no IAENE nos últimos quatro anos atuando como professor de filosofia nas Faculdades de Teologia, Pedagogia e Administração tem me propiciado uma aproximação mais “densa” e tem enormemente colaborado com a realização da investigação etnográfica e contribuído para uma interpretação acurada dos fatos observados e para discriminação do que é regular e/ou irregular. O que vi, o que ouvi, o que conheço dos adventistas ajuda a depurar esse processo de estudo.

Tento entender nessa pesquisa a configuração das representações dos gêneros, numa estrutura de poder socialmente organizada entre os sexos e como elas são engendradas no seio dessa Igreja³. Ao lado disto que se delineia aqui como o objetivo principal da minha pesquisa, junta-se a inquietação acerca dos modos mediante os quais essa instituição realiza atividades de reprodução ou atenuação de possíveis simetrias ou assimetrias nessas relações. Investigo abordagens sobre simetrias relacionais e sexuais transversalizadas nos conceitos de relacionamento entre casais discutidos nos escritos de Bourdieu (2005); Aboim (2006); Heilborn (1992). Outros autores como Araújo e Scalon (2005)⁴, interessados no tema da construção social da dominação e os determinantes culturais das ações dos indivíduos, são importantes na medida em que funcionam como contraponto a essas análises. Eles informam que mesmo quando ocorre algum tipo de iniciativa masculina no sentido de transcender sua própria perspectiva de dominação há,

² Esta diáde é singularizada pelas injunções eclesiásticas e pelo dilema vivido pelos casais entre essas injunções e as normas menos restritivas do meio laico individualista. Na sessão denominada - Estudos no âmbito da sociedade religiosa - tento demonstrar porque família e relação conjugal formam um terreno privilegiado da religião.

³ A IASD realiza regularmente encontros de casais, semanas de oração para famílias, etc, orienta formalmente os membros casais da igreja e casais que não são membros, sobre relações de gênero. As idéias dos seus autores são divulgadas em grande escala pela CPB – Casa publicadora Brasileira, editora da igreja.

⁴ Araújo e Scalon organizaram uma coletânea com os trabalhos realizados no âmbito da pesquisa “Gênero, trabalho e família”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperrj). Essa pesquisa contemplou vários aspectos das relações de gênero no âmbito da família, especialmente no que diz respeito às percepções sobre a inserção da mulher na força de trabalho e à divisão do trabalho doméstico.

como que, uma resistência operada pelo meio social. Esses autores revelam também que grande parte dos homens nota como suas relações são marcadas pelos condicionantes culturais e que muitas vezes tentam justificar o seu domínio em função da educação que receberam. Tais abordagens são de grande valia na tarefa de entender até onde a 'marca' religiosa é determinante de atitudes e formas de agir dos gêneros. Nesse sentido, ao iniciar a pesquisa de campo, uma questão se apresentou como uma importante preocupação: como avaliar se as posturas e valores, sobretudo dos maridos, poderiam ser caracterizadas como sendo exclusivamente adventistas? Ou seja, em que medida podemos afirmar que um suposto perfil de dominação seria próprio à denominação religiosa ou se simplesmente estaria reproduzindo um padrão aprendido na sociedade mais ampla. Logo no início da pesquisa, algumas pistas levavam a crer que os adventistas não estavam longe das pressões sociais, apesar destes estabelecerem, mais frequentemente, relações intragrupo. Uma possível mudança visando uma relação menos assimétrica parecia acarretar um enfrentamento de cobranças em seu meio social.

Por outro lado, Biddulph (2003), psicólogo inglês e terapeuta familiar, salienta na sua pesquisa sobre a compreensão do homem, que não se deve duvidar de que vivemos no tempo do novo homem e que é importante compreender até que ponto as mudanças operadas pela liberação feminina, têm ajudado a descobrir o que o próprio homem também pode fazer em função de uma equidade na relação conjugal.

No dizer de Carreira et al. (2004)⁵, a opressão operada pela dominação masculina tem levado as mulheres a questionarem muitas das categorias referidas nas abordagens de gêneros, dando sentido à idéia de um novo tipo de relações conjugais ancorado na igualdade entre homens e mulheres. O mesmo autor observa que muitos maridos passam a aceitar a competência das suas mulheres no mercado de trabalho, e, nesse caso, a renda trazida pela mulher não é vista como um simples complemento, mas antes fruto do resultado de uma investida legítima e competente no mundo exterior à casa.

⁵ Carreira junto com outros autores organizou uma série de experiências sobre a promoção da equidade entre homens e mulheres no mundo do trabalho no Brasil, apoiada pelo Fundo para Igualdade de Gêneros (FIG) da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA).

Uma outra importante contribuição conceitual a esse trabalho vem das análises de Bourdieu (2005) sobre o mundo social e o poder da imposição de conteúdos *arbitrários*, mas legitimados socialmente como os mais verdadeiros. Trata-se, aqui, sobretudo, do conceito de ‘violência simbólica’, termo cunhado pelo autor e que foi alvo de uma larga produção em torno dele. Bourdieu (2005) vê na dominação masculina, e no modo como ela ocorre, o resultado daquilo que ele chama de violência simbólica, sutil, que nem sempre é visível por aquelas que experimentam e reproduzem a vida social. Além disso, nota que um jogo de sinais ou uma postura de corpo e sexualidade podem veladamente caracterizar uma díade marcada pela dominação masculina. Quando Bourdieu (2005) examina a topologia sexual do corpo, rica em significados revela que a constituição da sexualidade na forma das expectativas da sociedade nos fez perder de vista o sentido da visão sexual cosmológica. Tal abordagem pode aqui ser utilizada como uma lupa através da qual podemos focar o mosaico das representações do corpo na relação conjugal entre o homem e a mulher adventista. Foi nesse sentido que me apropriei dos conceitos de Bourdieu (2005), para notar até que ponto a mulher convive e reage diante das situações de dominação pelo seu cônjuge. A inquietação desse autor com relação a esse fato é revelada quando se refere ao reconhecimento mútuo, a troca de justificações de existência e de razões de ser, aos testemunhos recíprocos de confiança, signos, todos, da total reciprocidade que confere ao círculo em que se encerra a díade amorosa, unidade social elementar, indivisível e dotada de uma potência autárquica simbólica, o poder de rivalizar vitoriosamente com todas as consagrações que ordinariamente se pedem às instituições e aos ritos da ‘sociedade’, identificada por ele como substituto mundano de Deus.

Kaufmann (2001) pergunta se o processo de familiarização não seria um movimento peculiar, que integra as pessoas, as coisas e animais domésticos como se tudo fosse num certo sentido “objeto”. Afirma ainda que quanto mais se avance nesse ciclo familiar, esse questionamento toma um sentido mais amplo. Percebe, além disso, que a rotinização dos gestos e a acumulação dos objetos esmagam as pessoas em papéis fixos e coisificados. Valendo-me desses referenciais, oriundos de análises produzidas em contextos diversos, tento examinar como esse processo pode afetar os relacionamentos entre casais demarcando possíveis assimetrias.

Outro ponto importante desse trabalho está nos estudos, entre grupos evangélicos, realizados por Machado (1994 e 2005); Barbosa (1999); Bessa (2006); Vila (2002) dentre outros.

Em sua pesquisa sobre representações e relações de gênero nos grupos pentecostais, Machado (2005) lembra que entre as principais características identificadas pelos estudiosos desses grupos até início dos anos oitenta estava a opressão feminina, e enfatiza a necessidade de maiores estudos sobre os arranjos de poder entre homens e mulheres evangélicos.

Além das análises de estudos feitos em sociedade laicas e outros realizados em grupos ou denominações religiosas, achei interessante incluir nesse garimpo uma rápida passagem por dados históricos do *ethos* privado de casais através do tempo encontrados nas pesquisas de Castan (1990); Hunt (1991); Hall (1991); Perrot (1991); Prost (1992) e tentar perceber como certas atitudes menos ou mais igualitárias entre cônjuges contemporâneos têm ligações com um passado remoto, que dá origem a posturas, vivências, formas de estar e se relacionar com os outros em sociedade.

A literatura tem mostrado que as habilidades relacionais constituem um importante ingrediente das relações conjugais e que a competência nesse aspecto é determinada por múltiplos fatores, incluindo-se aí as crenças e normas individual ou coletivamente assimiladas. A comunidade religiosa exerce grande influência sobre o comportamento de seus membros através de normas e preceitos com relação a comportamentos esperados em diversas situações, dentre elas o contexto das relações conjugais (VILA, 2002).

Todas essas abordagens, em campos laicos, religiosos e históricos abrem o caminho para as minhas inquietações e conduzem os meus primeiros movimentos na intenção de focar o mosaico da sexualidade e das relações de poder nas representações de gênero entre casais adventistas.

1.2 OLHANDO PARA O CAMPO

1.2.1 A Igreja Adventista

No Brasil, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, é composta de 1.350.000 membros, sob a coordenação de seis Uniões que administram as Associações e Missões. As instituições da IASD do Brasil e sete países latino americanos formam a Divisão Sul Americana, com sede em Brasília, Distrito Federal. Em todos os Estados do Brasil, inclusive na Bahia, a igreja dispõe de um “Departamento da Família”, que realiza um ministério em função das famílias provendo orientação pré-marital acessível a todos os casais. Além disso, tem por objetivo: prestar assistência aos casais, através de ações de ‘fortalecimento’ do casamento⁶; acompanhar a educação dos pais; dar atenção às necessidades mais específicas de famílias sem pai ou mãe, ou em que há padrastos ou madrastas (IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2000).

A IASD conta com mais de 250.000 membros batizados nas sete sedes administrativas espalhadas pelas capitais e outras cidades do nordeste. A Bahia com 120.800 membros tem encabeçado o crescimento da Igreja na Região promovendo a criação de novos campos. O último deles tem a sede na cidade de Vitória da Conquista e é chamado de Missão Sudoeste da Bahia. Próximo dessa cidade está o campo de estudo desta pesquisa, um lugar chamado Capoeiruçu no município de Cachoeira. Segundo registros das três igrejas adventistas dessa comunidade, há 3.250 adventistas de um total de 5.000 habitantes de Capoeiruçu.

Entre os casais participantes da igreja há uma tendência para endogamia, contudo existem diversos cônjuges convertidos apenas após o casamento.

⁶ Esse fortalecimento é delineado através das literaturas editadas ou recomendadas pela igreja; abordagens sobre relacionamento conjugal através de sermões; Encontros de casais; normas estabelecidas pela igreja e até visitas dos pastores ou anciãos aos lares dos cônjuges adventistas com problemas em suas relações.

Essa igreja vê o casamento como uma união igualitária, homóloga, divinamente estabelecida e confirmada por Cristo⁷. Consta no seu “Manual da Igreja” a seguinte declaração:

A unidade no casamento é alcançada por mútuo respeito e amor. Nenhum dos cônjuges é superior ao outro (Efés. 5:21-28)...A Palavra de Deus condena a violência nas relações pessoais (Gên. 6:11 e 13; Sal. 11:5; Isa. 58:4; I Tess.5:11). Entre os seguidores de Cristo não há lugar para controle despótico e abuso de poder. Violência no âmbito do casamento e da família é abominável. Nem o marido nem a mulher devem buscar dominar. O marido deve amar a mulher como Cristo à igreja. E a mulher deve respeitar o marido. Ambos devem cultivar espírito de bondade, resolvidos a nunca ofender ou prejudicar o outro. (IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2001, p. 194).

Tais injunções são reafirmadas constantemente, segundo exame dos documentos oficiais e idéias de diversos autores da instituição, que nem sempre são teólogos, mas profissionais das mais diversas áreas do conhecimento (pedagogos, psicólogos, sociólogos, médicos, etc.). Namoro, preparação para o casamento, papéis conjugais, organização, produção, sexualidade, simetria entre gêneros, são amplamente estudadas nos templos e instituições da IASD⁸.

Um evento importante é o Concílio de Famílias pastorais realizado anualmente em todos os Estados do Brasil. É um acontecimento especial em que temas e agendas profissionais dão lugar ao lazer, interação familiar, estudos sobre educação dos filhos e boa convivência entre o casal ministerial. Os estudos são ministrados por pastores que se especializaram em função de leituras, “tempo de obra”, cursos de graduação ou pós-graduação.

Na igreja de Cachoeira, freqüentada pelos casais que fazem parte deste trabalho, é realizado um Encontro de Casais, que acontece uma vez no ano e com duração média de três dias. Nesse evento, os casais discutem temas diversos, sobretudo aqueles que dizem respeito às relações conjugais nos dias atuais. Temas como o divórcio, a sexualidade, os novos tipos de família são igualmente levantados. É claro, vale lembrar, que esses temas são tratados à luz da prática e da idealização adventista do que seja uma ‘família’. Não há, portanto, nesse sentido, nenhuma

⁷ Na IASD somente os documentos oficiais elaborados em Assembléias representam o pensamento formal da instituição, já os ditos dos seus diversos autores funcionam mais como representações menos ou mais impregnadas pelos dogmas. Isso poderá ajudar o leitor a entender algumas aparentes “contradições”.

⁸ Esses estudos são realizados por pastores locais ou de outras regiões do país ou do mundo, também por sexólogos, médicos e outros profissionais, através de palestras expositivas, Encontros de Casais com diversas dinâmicas, grandes Congressos ou de uma reunião menor numa pequena igreja.

proposta de problematização ou relativização da idéia de família ideal, tal como é elaborada no seio da igreja. Apenas concebe-se, com base numa compreensão bíblica específica, assim como através das diversas tendências da Educação, que a família ideal é a nuclear com filhos, que conta com a presença dos dois membros parentais no lar. Embora a psicologia ocidental contemporânea não considere mais, depois dos anos 80, que a presença de ambos os pais no lar seja uma condição necessária ao bom desenvolvimento da criança, a IASD entende que aquela família vista como ideal tem uma chance maior de oferecer aos filhos apoio e assistência à sua estruturação sócio-psicológica, colaborando com o desenvolvimento da personalidade do indivíduo a partir da internalização das experiências afetivas oriundas da relação com os dois gêneros (masculino-pai, feminino-mãe). Isso não quer dizer para a Igreja, porém, que outras configurações familiares não sejam toleradas: ao contrário, a Igreja tem uma proposta de ‘suprir’ carências e ajudar seus membros a lidar com os entraves sociais gerados pelas suas opções ou circunstâncias sociais.

Há também Encontros de Casais que ocorrem em momentos distintos e com grupos diferenciados: um, com casais da classe média em hotéis das proximidades; outro, com casais de seminaristas e convidados laicos realizados normalmente no auditório da Faculdade de Teologia; e outros esporádicos que atendem a casais “populares” e são realizados nas duas outras igrejas da comunidade.

No Seminário, o curso de Bacharel em Teologia, elege no seu currículo disciplinas como Fundamentos e Prática da Educação Cristã, Teologia da Família e Família e Sociedade.

Além disso, os adventistas possuem uma editora no Brasil, a Casa Publicadora Brasileira (CPB), que é uma das suas 56 editoras espalhadas pelo mundo. A CPB foi fundada em julho de 1900, no Rio de Janeiro, mas hoje funciona em Taquari, Rio Grande do Sul e está classificada entre as três maiores editoras dos adventistas no mundo. Muitos de seus livros estão editados em mais de 200 línguas e dialetos e, no Brasil, produzem centenas de títulos e servem como um importante instrumento de divulgação da normatividade eclesiástica através dos seus diversos autores⁹. A autora de maior destaque da igreja chama-se Ellen White (1827-1915). “Seus volumes impressos reúnem mais de cinco mil páginas” (Centro de Pesquisa E.

⁹ Muitos autores adventistas são independentes, ou seja, suas publicações podem ser editadas pela CPB ou por uma outra editora.

G. WHITE, 1983, p.23). Pioneira do movimento adventista que surgiu no cenário americano de 1844, White obteve maior destaque do que seu marido e ocupou importante posição de liderança nos cenários administrativos da IASD. Suas obras referentes aos casais adventistas reforçam a igualdade de gêneros, a sexualidade nos moldes bíblicos, o amor conjugal e o amor a si mesmo dentre outros temas da vida conjugal.¹⁰

Para reforçar as suas convicções sobre a díade evangélica¹¹ a IASD, além de contar com periódicos e livros, conta com votos, cultos de adoração, emissora de TV e outros.

O que tento entender neste trabalho é o sentido de todo esse acervo e das relações de gênero operados nessa igreja, o que constitui um exercício importante na medida em que observo até que ponto todo esse suporte influencia na visão de relação conjugal, na sexualidade evangélica e nas relações de poder entre os informantes envolvidos.

1.3 O CAMINHO METODOLÓGICO

1.3.1 A localização

O lugar da pesquisa é a comunidade de Capoeiruçu, um bairro da cidade de Cachoeira, interior da Bahia. A igreja freqüentada pelos casais abordados está situada no *campus* do IAENE, na antiga Fazenda Capoeiruçu, numa área de 120 hectares, às margens da BR-101, Km 201, a 130 km de Salvador, sendo circundados pelos municípios de Conceição de Feira, Cruz das Almas, Feira de Santana, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muritiba, São Félix e Sapeaçu. Três mil membros fazem parte dessa igreja eleita para essa pesquisa durante os anos de 2006 a 2008. As figuras a seguir dão uma melhor idéia da localização:

¹⁰ Outros autores da igreja como Vieira (1978), Guedes (2005), Reis (2001), Rios (2004) serão apresentados quando da pesquisa documental no estudo de campo.

¹¹ União em que se supõe um comportamento inspirado na lógica adventista ancorada nos ideais bíblicos de igualdade entre marido e mulher.



Foto 1: Visão parcial do prédio da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Capoeiruçu, Cachoeira-BA.

Fonte:

www.adventista.edu.br



Figura 1: Mapa de localização da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Capoeiruçu, Cachoeira-BA.

Fonte:

www.adventista.edu.br



Foto 2: Interior da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Capoeiruçu, Cachoeira-BA, templo com capacidade para 2000 pessoas.

Fonte:

www.adventista.edu.br

1.3.2 Etapas de desenvolvimento do trabalho

O processo de investigação foi realizado em três etapas, seguindo orientações teóricas acerca da investigação científica em ciências sociais (LÜDKE & ANDRÉ, 2001). Assim, esta pesquisa segue as seguintes etapas: a) fase aberta ou exploratória; b) trabalho de campo (coleta de dados); e c) análise dos dados (codificação e processamento dos dados) e elaboração do documento final, conforme ilustração seguinte:

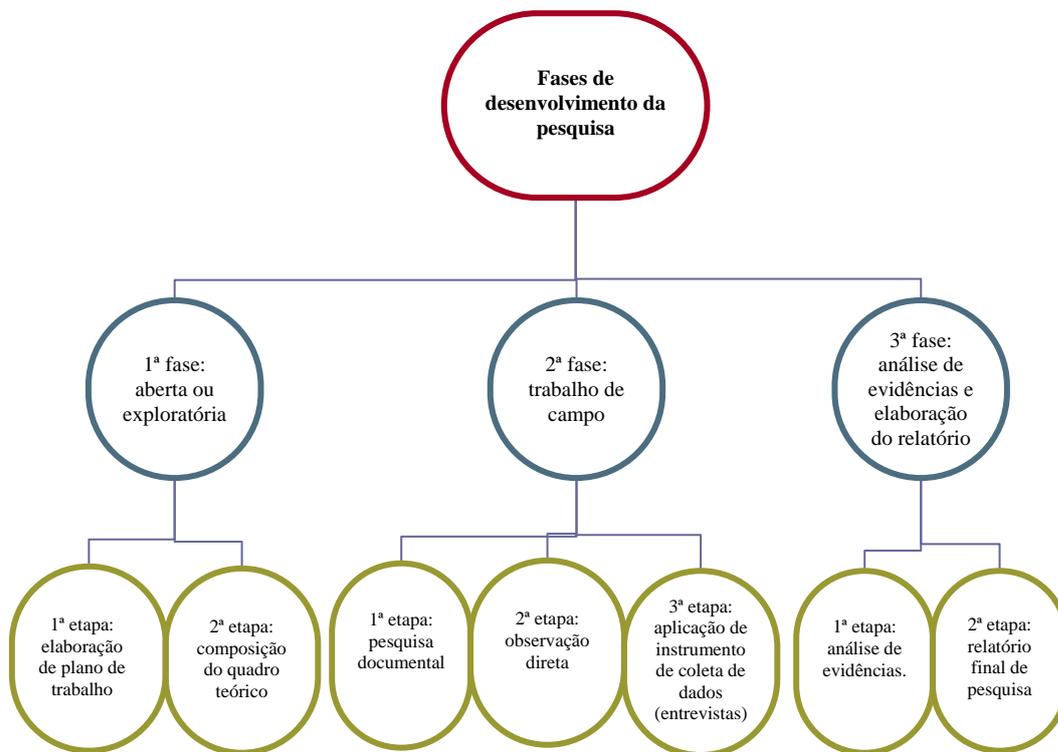


Ilustração 1: Organograma das fases de desenvolvimento da pesquisa.
Fonte: Ilustração elaborada por Luiz Carlos Lisboa Gondim, em 2008.

1.3.3 Participantes

Para dar conta do objetivo principal deste trabalho, qual seja o de investigar sobre a configuração das representações dos gêneros, numa estrutura de poder mediada pela religião, foram selecionados doze casais adventistas para serem entrevistados. Foi utilizada a entrevista investigativa visando uma reflexão contextualizada e para moldurar um processo de reconstrução da realidade a ser pesquisada (MINAYO; CONSTANTINO; SANTOS, 2005). Alguns critérios pré-definidos serviram para dar certa homogeneidade às características dos participantes: o tempo mínimo de conversão é de um ano; apenas um cônjuge (homem) foi convertido após um ano de casamento; estão na faixa etária de vinte a quarenta e quatro anos de idade; o tempo de casados varia entre um a vinte anos,

residem juntos num lar só deles; não possuem empregada doméstica; são heterossexuais; um dos dois tem graduação superior completa ou incompleta, com exceção de duas esposas com ensino médio; todos têm filhos em idade tenra (um filho ou mais com idade entre um a quatorze anos). Esse perfil viabilizou uma observação mais acurada dos papéis, das relações e da necessidade de apoio mútuo especialmente na fase de atenção e de cuidados especiais com as crianças.

Os casais entrevistados responderam as perguntas individualmente, ao mesmo tempo e em locais diferentes, para evitar comentários sobre as questões abordadas ou interferências na fala do outro. Os homens foram entrevistados pelo pesquisador e as mulheres por uma secretária, evitando assim o constrangimento em determinadas questões, especialmente sobre sexualidade. As perguntas foram predeterminadas e feitas numa entrevista gravada e semi-estruturada com um roteiro previamente estabelecido, proporcionando aos entrevistados, a informação necessária e a oportunidade de expressar-se livremente sem se prender a indagação formulada (MINAYO, CONSTANTINO & SANTOS, 2005). A entrevista foi um instrumento eficaz de investigação (total de 72h), seguida de um trabalho de transcrição das falas (360 páginas em 228 horas) e posterior análise do conteúdo, objetivando embasar essa etapa do trabalho no que houve de regular no dito dos informantes. Além disso, o fato de ser professor e pastor adventista viabilizou a minha vivência no campo e uma aproximação menos tensa com os casais participantes (QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, 1998).

O quadro a seguir apresenta uma visualização das características sócio-demográficas dos entrevistados. Essa visualização terá lugar especial quando da análise dos ditos dos atores.

CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DA AMOSTRA DOS CASAIS												
NOME	ID	TC	TCA	IDADE FILHO	TU	NE	CO	RO	IQC	COR	P	R
ISAQUE	38	18 ANOS	15	2 ANOS 14 ANOS	CIVIL	TEOLOGIA	CASTANHAL	CATÓLICO	23	PARDA	PASTOR	800
REBECA	34	19 ANOS	ANOS			ENS. MÉDIO	SÃO DOMINGOS DE ARAGUAIA	CATÓLICA	19	PARDA	DO LAR	*
ABRAÃO	28	28 ANOS	3 ANOS	1 ANO 4 MESES	RELI-GIOSO E CIVIL	SUPERIOR INCOMPLETO	SALVADOR	ADVENTISTA DE BERÇO	25	PARDA	GERENTE DE SISTEMAS	1.800
SARA	33	22 ANOS				PEDAGOGIA	SALVADOR	ADVENTISTA DE BERÇO	39	PARDA	PADAGOGIA	*
JOSÉ	34	23 ANOS	7 ANOS	3 ANOS 7 ANOS	RELI-GIOSO E CIVIL	BIOLOGIA	JUAZEIRO	CATÓLICO	27	NEGRO	TÉC. EM LABORATÓRIO	1.000
MARIA	28	13 ANOS				FISIOTERAPIA	JUAZEIRO	CATÓLICA	21	BRANCA	PROFESSORA	2.500
MOISÉS	24	24 ANOS	4 ANOS	1 ANO 2 ANOS	RELI-GIOSO E CIVIL	TEOLOGIA / 6º P	BELO HORIZONTE	ADVENTISTA DE BERÇO	20	BRANCO	VENDEDOR	600
ZÍPORA	21	21 ANOS				PEDAGOGIA / PAROU	BELO HORIZONTE	ADVENTISTA DE BERÇO	17	BRANCA	DO LAR	*
DAVI	29	1 ANO	2 ANOS	9 MESES 10 ANOS PRIMEIRO CAS.	RELI-GIOSO E CIVIL	PÓS-GRADUADO EM ADMINISTRAÇÃO	FEIRA DE SANTANA	BATISTA	27	BRANCO	PROFESSOR	5.000
ABIGAIL	30	1 ANO				PÓS-GRADUADA EM SAÚDE PÚBLICA	JUAZEIRO	CATÓLICA	28	BRANCA	ESTUDANTE	*
ELIMELEQUE	42	42 ANOS	14 ANOS	4 ANOS 7 ANOS	RELI-GIOSO E CIVIL	PEDAGOGIA	VITÓRIA DA COM-QUISTA	ADVENTISTA DE BERÇO	28	NEGRO	PROFESSOR	2.300
NOEMI	34	14 ANOS				ENFERMAGEM / 2º P	CORBELIA	CATÓLICA	20	BRANCA	DO LAR	*
BOÁS	34	34 ANOS	12 ANOS	6 ANOS 8 ANOS 9 ANOS	RELI-GIOSO E CIVIL	TEOLOGIA / 2º P	BELO HORIZONTE / MG	ADVENTISTA DE BERÇO	22	BRANCO	ECONOMISTA	2.500
RUTE	38	15 ANOS				PEDAGOGIA / 2º P	BELO HORIZONTE	CATÓLICA	26	BRANCA	DO LAR	
LAPIDOTE	36	36 ANOS	3 ANOS	8 MESES	RELI-GIOSO E CIVIL	PEDAGOGIA	SALVADOR	ADVENTISTA DE BERÇO	33	NEGRO	VIGILANTE	800
DÉBORA	33	16 ANOS				ENS. MÉDIO	PUNO / PERU	CATÓLICA	30	PARDA	DO LAR	*
EUCANA	44	44 ANOS	20 ANOS	2 ANOS 4 ANOS 6 ANOS 12 ANOS 13 ANOS	RELI-GIOSO E CIVIL	DOUTORADO EM TEOLOGIA	SÃO PAULO	ADVENTISTA DE BERÇO	24	BRANCO	PROFESSOR	2.600
ANA	40	30 ANOS				MESTRADO EM ENFERMAGEM	IPATINGA	CATÓLICA	20	BRANCA	ENFERMEIRA	*
ASSUERO	20	20 ANOS	1 ANO	1 ANO	CIVIL	PAROU ADMINISTRAÇÃO	CARUARU	ADVENTISTA DE BERÇO	19	BRANCO	VENDEDOR	500
ESTER	21	9 ANOS				ADMINISTRAÇÃO / 4º PERÍODO	LAGARTO	CATÓLICA	20	BRANCA	PROFESSORA	500
JACÓ	31	31 ANOS	3 ANOS	11 MESES	RELI-GIOSO E CIVIL	ADMINISTRAÇÃO	SERRINHA	ADVENTISTA DE BERÇO	28	BRANCO	ADMINISTRADOR	2.000
RAQUEL	31	20 ANOS				PAROU / PEDAGOGIA	PAULISTA	CATÓLICA	28	PARDA	DO LAR	*
SALOMÃO	34	20 ANOS	6 ANOS	1 ANO 3 ANOS	RELI-GIOSO E CIVIL	ESPECIALIZAÇÃO / FISIOTERAPIA	S. JOSÉ DE MIPIBU	CATÓLICO	28	PARDO	FISIOTERAPEUTA	4.000
SULAMITA	30	10 ANOS				PAROU / PEDAGOGIA	TANGARÁ	CATÓLICA	24	BRANCA	DO LAR	*

ID - IDADE; TC - TEMPO DE CONVERSÃO; TCA - TEMPO DE CASADOS; TU - TIPO DE UNIÃO; NE - NÍVEL EDUCACIONAL; CO - CIDADE DE ORIGEM; RO - RELIGIÃO DE ORIGEM; IQC - IDADE QUANDO CASOU; P - PROFISSÃO; R - RENDA.

1.3.4 Documentos

Esse caminho configurou o *début* formal dessa pesquisa. Examinei as publicações institucionais da IASD, os registros de diversas solenidades realizadas para as famílias; as atas dos encontros de casais, as cerimônias dos cultos, os programas de televisão, mas concentrei maiores esforços garimpando os escritos dos seus autores sobre relação conjugal em livros e revistas periódicas. Junto a essas fontes diversificadas e dispersas tento verificar o que está por trás daquilo que se diz sobre a prática dos casais.

No quadro a seguir mostro um quadro contendo alguns dos periódicos examinados nessa pesquisa.

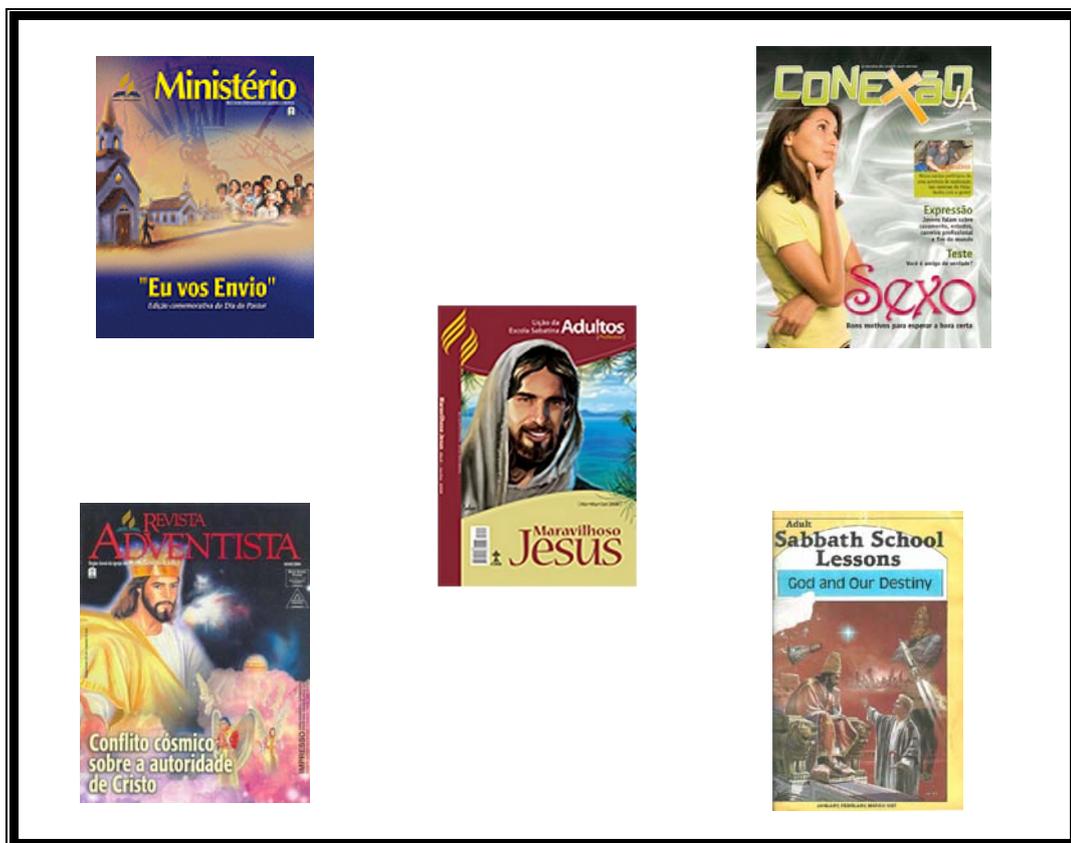


Figura 1 apresentando alguns dos periódicos examinados.

Em cada um dos achados em periódicos e eventos tendo identificar a categoria encontrada e faço uma análise correspondente. Outro aspecto dessa etapa documental é que ela se constituiu como um aprendizado para a minha prática de pesquisador. Quer dizer, através da pesquisa documental realizei um maior afastamento da minha prática como pastor, no sentido de que a leitura dos escritos e, concomitantemente, sua análise, me colocou na posição de leitor crítico, o que, de um ponto de vista muito pessoal, colaborou para o estabelecimento de uma dinâmica de 'libertação' de conceitos ou pré-conceitos, muito próximos da minha experiência e prática adventista. Na leitura crítica dos documentos passei a compreender aquilo que se mostrava aos meus olhos, no mesmo tempo em que tentei compreender a mim mesmo enquanto pensava e refletia sobre o que investigava, num movimento de apreensão do meu objeto de pesquisa (GIL, 2002; SOCOLOWSKI, 2004; MANSINE, 1989).

No quadro seguinte apresento algumas das obras analisadas, cujos autores são adventistas.

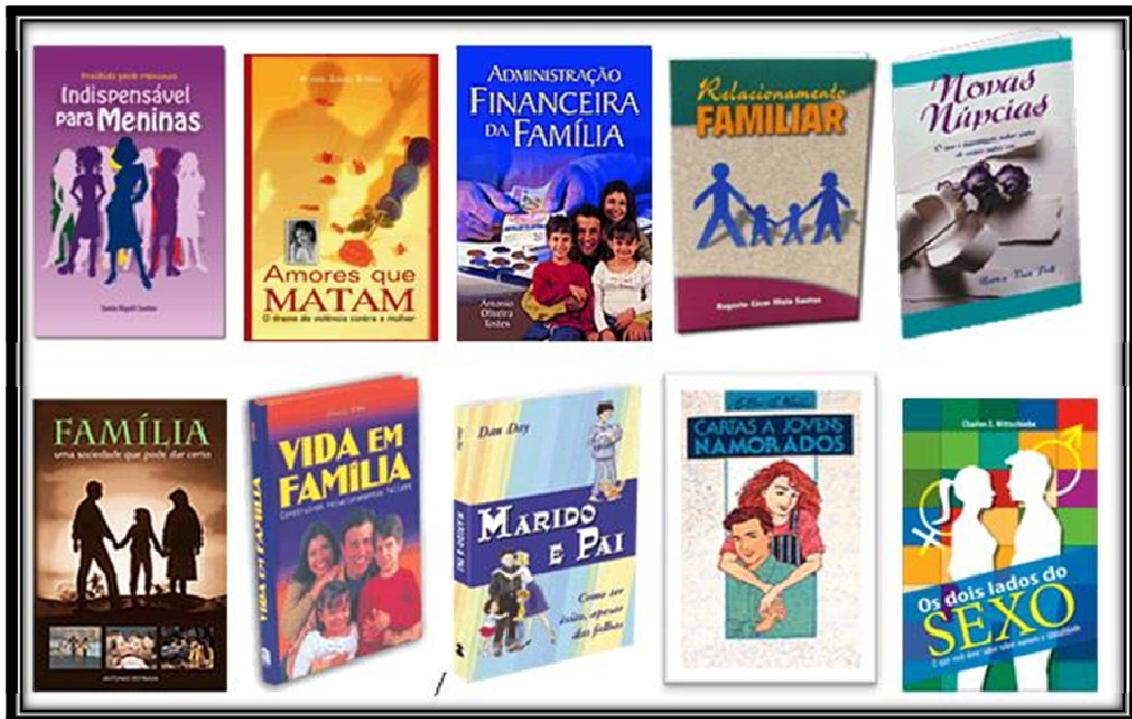


Figura 2 identificando algumas das obras examinadas, cujos autores são adventistas.

A minha presença no templo da igreja, nos encontros de casais, em visitas ocasionais no dia a dia do campo universitário ou na sala de aula proporcionou-me também a descoberta de achados interessantes para esse estudo. Além do olhar e da escuta, busquei examinar fatos e fenômenos que pudessem contribuir com o estudo permitindo-me encontrar respostas às minhas inquietações. Dessa forma obtive outras evidências de dados que complementaram o roteiro das entrevistas. Passei dois anos observando e participando dos Encontros de casais, cultos de adoração, classes de estudo da lição da Escola sabatina¹ e outros eventos. Queria perceber o que estava por trás das falas ou atitudes. (CRESWELL, 2007).

Informo inclusive, que o projeto dessa pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade Adventista da Bahia e os participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido.

1.3.5 Suposições teóricas

A IASD, conforme seus instrumentos de injunções, orienta seus membros numa ideologia sobre relações entre marido e mulher, inspirada em ideais bíblicos de igualdade de gêneros, mas muitos dos seus autores parecem defender uma postura menos simétrica entre os gêneros no casal. (ASSOCIAÇÃO GERAL, 2000).

Nos autores da igreja, a preocupação aparentemente demasiada em orientar a esposa² não se opera na mesma medida da orientação aos maridos, o que tende a reforçar um padrão assimétrico de relacionamento entre os cônjuges no pastorado e na membresia que costuma se inspirar no que é produzido pela sua instituição religiosa (NAGEL, 2001; RIOS, 2004).

As representações de vocação do casal nos escritos dos autores adventistas parecem, paradoxalmente, reforçar assimetrias na medida em que uns discursam sobre a igualdade entre casais e, ao mesmo tempo, outros reforçam necessidades

¹ Todo sábado no templo, os fiéis são organizados em grupos para o estudo e discussão de um tema diversificado a cada trimestre.

² Encontrei um periódico (Revista AFAM – Associação Feminina da Área Ministerial) que trata do “perfil ideal da esposa de pastor”, mas não encontrei nenhum que trate especificamente do perfil ideal do pastor como esposo.

de adaptação feminina a uma aparente superioridade dos maridos (KUZMA, 2000; IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2001).

No casal adventista, conforme tenho observado, os maridos costumam falar em atitudes igualitárias, contudo suas práticas tendem para a dominação masculina. Os olhares e gestos femininos supõem uma acomodação a essa tendência (REIS, 2001; VIEIRA, 1978). Os casais também discursam sobre essa igualdade, contudo, sua prática parece inscrever-se numa anamnese daquele ideal edênico tendendo a dar lugar às práticas laicas de dominação masculina (OLIVEIRA, 2001; FLORÊNCIO, 2005).

Já a sexualidade do casal adventista é demarcada por uma visão bíblica do sexo como algo divinizado e esse olhar tende a restringir-lhe determinadas práticas sexuais entendidas como promíscuas. (ANDREASEN, 1984).

Essa visão santificada do sexo tem implicações, inclusive com o dia de Sábado que é visto também como santo pelo manual e pelos membros da igreja. Há uma discussão entre os cônjuges sobre a influência do sábado na questão sexual. Alguns acham que podem se relacionar sexualmente no sábado nivelando-o com a santidade do sexo, outros entendem que o sábado é santo, mas o sexo é secular, por isso não se relacionam sexualmente nesse dia. Outra influência do Sábado se reflete em questões relacionais mais amplas. A maneira como esses casais vivenciam esse dia, inspirados na Bíblia e nos escritos dos autores denominacionais, exerce influência para maior ou menor simetria nas suas relações. Uns se concentram nesse dia em torno do aperfeiçoamento simultâneo das relações com Deus e entre o casal, oram, lêem a Bíblia mais enfaticamente e refletem sobre seus relacionamentos, suas diferenças, adaptações, sobre os ideais de Deus e os seus próprios ideais para vida. Outros estão tão envolvidos com os “trabalhos espirituais” da obra do Senhor que se esquecem do Senhor da obra e de suas relações conjugais (BACCHIOCCHI, 1980).

O tema da “assimetria entre marido e mulher”, entretanto, não é abordado comumente entre os adventistas. Com exceção das questões de violência contra a mulher, não se observa nos teóricos, periódicos e programas de sua emissora de TV a intenção de discutir as desigualdades nas relações de gênero. Em lugar disso, percebemos uma acomodação, um silêncio que parece esconder o que emerge em tons simbólicos e literais.

No decorrer dessa semiologia busco checar a *rés* e a heurística dessas hipóteses, o seu caráter provisório, e se elas são firmadas ou infirmadas pelos fatos, na expectativa de que encontre, ao menos, respostas parciais ao problema proposto. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998).

2 OLHANDO A LITERATURA E CONSTRUINDO UM OBJETO

Na tentativa de dar melhor consistência à pesquisa, e realizar uma construção coerente do objeto, resolvi apropriar-me da literatura e dos autores de duas formas distintas e, ao mesmo tempo, complementares. Detive-me, inicialmente, nos estudos realizados no âmbito das sociedades em geral, onde os autores trabalham sobre temas relacionados à família e à construção das relações conjugais sem preocupações específicas com a fé professada pelos indivíduos; em seguida, investiguei as pesquisas que foram feitas com grupos ou comunidades religiosas. Percebi que apesar das diferenças de tempo e lugar, as bases de análise para as minhas inquietações sobre as questões de relações de gênero entre casais evangélicos juntamente com as categorias de simetrias relacionais e sexuais, minhas chaves interpretativas, estão fortemente presentes nesses dois campos distintos. Nessa fase do trabalho tento, sempre que possível, situar em outras épocas e alhures, as idéias que procuro investigar, tentando evitar alguma forma de linearidade com o tempo e o espaço.

2.1 ESTUDOS NO ÂMBITO DAS SOCIEDADES EM GERAL

2.1.1 Assimetrias relacionais

Numa pesquisa ouvindo as mulheres francesas, individualmente ou reunidas em grupos de discussão, Touraine (2007), apesar de sua busca por uma alternativa para além das diferenças de gênero, teve de admitir que o movimento feminista transformou profundamente a situação das esposas em diversos países e continua lutando onde a dominação masculina ainda mantém seu poder. Já Prost (1992) salienta que os papéis sexuais não deveriam existir, pois eles são um empecilho para a afirmação e expressão das pessoas e relaciona o êxito desse movimento com a reivindicação de igualdade total entre as mulheres e os homens. Trata-se,

segundo esse autor, não tanto de uma luta entre sexos, mas de um conflito contra as discriminações sexistas.

Ser uma esposa “feminina”, segundo Bourdieu (2005), pode significar essencialmente a obrigação de evitar qualquer perfil que pareça como sinal de virilidade; e quando se fala que uma mulher que ocupa alguma posição de poder é ‘muito feminina’ não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a esse atributo típico do marido: poder parece, assim, ser algo “naturalmente” masculino. Ser ‘feminina’, diz ele, significa ser sorridente, simpática, atenciosa, submissa, discreta, contida ou até mesmo ‘apagada’, pois aos olhos dos homens, aquelas que rompem a relação tácita de disponibilidade, expropriam de certa forma de sua imagem corporal e, no mesmo ato, de seus corpos, atributos e posturas femininas.

A seguir apresento o resultado de uma busca em dados históricos que junto com outras análises de teóricos contemporâneos podem ajudar na compreensão do relacionamento de gêneros entre casais adventistas.

2.1.1.1 Conceitos e pré-conceitos – um breve histórico

Nas casas aristocráticas da França feudal, segundo Duby, e Barthèlemy (1990), as crianças quando atingiam a idade da razão eram separadas em duas moradas distintas: uma cuidadosamente fechada, para manter meninas, futuras mães, até que fossem transportadas, para um outro lugar no qual se tornariam “damas” (*domina*); a outra aberta, onde os meninos alojavam-se de passagem, como hóspedes, pois eram soltos, lançados ao exterior para ali apossar-se de tudo que pudessem, especialmente esposas. Nessas casas a identidade com as estruturas monásticas parecia indicar que toda a vida na morada parecia emanar do marido. Lá ninguém devia agir sem conselho; um conselho masculino, hierarquizado. Esse chefe devia prolongar por uma nova geração sua existência e disseminar mulheres entre as casas vizinhas a fim de com elas procriar. Sua esposa *casaria* era auxiliar pioneira, ela dirigia tudo que na casa era feminino. Ela “reinava” sobre as reservas e controlava o que entrava na morada. As esposas, inquietantes, estavam destinadas a tarefas específicas, pois era preciso que estivessem

ocupadas, sendo a ociosidade considerada particularmente perigosa para esses seres demasiadamente fracos, sempre entregues ao aguilhão inevitável do desejo. Os desregramentos da sexualidade masculina no exterior da casa, não colocavam em perigo nem a ordem desta nem a pureza da linhagem. O feminino encontrava-se sob o inteiro domínio do masculino.

Nesses círculos intelectuais do final do século XVIII, a esposa era identificada por sua sexualidade e seu corpo, enquanto o homem era identificado por seu espírito e energia. O útero subordinava a mulher e determinava seu comportamento emocional e moral. Chegava-se a pensar que o sistema reprodutor feminino era particularmente sensível, e que essa sensibilidade era ainda maior devido à debilidade intelectual das mulheres. Assim, o útero definia o lugar das mulheres na sociedade como mães (HUNT, 1991).

Contudo, após a Revolução Francesa a dona de casa popular já não tinha mais papas na língua e muitas vezes era considerada uma rebelde, tanto na vida privada quanto na vida pública. E muitas vezes pagava um alto preço por isso, como alvo principal de violências que podiam chegar ao crime 'passional' (PERROT, 1991).

Já entre o casal da França moderna, a partilha do poder toma um novo formato: Com mulheres do mesmo nível de instrução, exercendo uma profissão ou tendo condições para tanto, reivindicando iguais direitos de atuação no espaço público; com casamentos não tanto de alguma apresentação familiar, e sim de conhecimentos travados em algum acampamento de jovens ou nos bancos da faculdade. Surgem casais dispostos de uma nova distribuição de poderes na vida privada. (PROST, 1992).

No primeiro quarto do século XIX, Corbin (1991) percebe que a sociedade republicana desenhada pelos profetas do novo regime, apresenta um novo casal mais fraterno, mais unido, que já não está separado pelas barreiras do saber, nem embaraçado pelas injunções do confessor.

Por outro lado, nos lares ingleses do início do século XVIII as esposas não tinham o direito de firmar contratos, abrir e receber processos ou ter parte num negócio. O estatuto jurídico tornava os maridos responsáveis por aquelas que perante a lei não possuíam existência jurídica independente (HALL, 1991). Somente com as leis de 1965 sobre os regimes matrimoniais e de 1970 sobre o pátrio poder

que termina a condição de inferioridade jurídica da mulher em relação ao marido (PROST, 1992).

No Brasil das Casas-Grandes, Gilberto Freyre observou com propriedade o caráter exclusivamente privado da relação conjugal. No seu olhar, nunca os dois sexos se juntaram numa obra comum, que tenha algum significado político ou literário. Não havia nada que se aproximasse de uma inteligente ação extra doméstica da mulher, através do marido com quem ela colaborasse ou a que estimulasse por meio de uma simpatia docemente criadora. Na visão desse autor, em nenhum momento, numa sociedade aparentemente européia, os homens foram tão sós no seu esforço; nem tão unilaterais na sua obra política, literária, científica. Essa falta de mulher, não inspiradora, diz ele, sente-se no muito que há de seco, de incompleto e até de pervertido em alguns dos maiores homens do patriarcalismo e do semipatriarcalismo no Brasil (FREIRE, 1961).

Mesmo no casamento pré-romântico do Brasil oitocentista, a felicidade conjugal não decorria predominantemente da relação entre marido e mulher, mas do atendimento a outras necessidades práticas. À convivência conjugal bastava a estima e o respeito mútuos (MELLO, 1997).

Essas situações de idas e vindas de simetrias e assimetrias podem ser atreladas ao exame das idéias de igualdade no seio da IASD confrontadas com as pressões laicas de individualismo ou domínio de um dos cônjuges.

Em seguida, vamos examinar num contexto mais atual a complexidade da relação igualitária entre casais, revelada por diversos autores e sobreposta em camadas menos ou mais assimétricas.

2.1.1.2 *A nova perspectiva igualitária*

No século XX, na medida em que o casamento não se baseia mais na exploração de dois patrimônios reunidos, nem numa atividade profissional em comum, seu fundamento passa a ser o sentimento recíproco. Uma pesquisa de 1969, na França, mostra que 41% das mulheres querem um “bom marido” e 20% esperam “um bom lar” (VINCENT, 1992).

Na contemporaneidade, não se pode duvidar da sinceridade de muitos casais, duráveis ou transitórios, que desejam e se esforçam por uma completa igualdade em todos os domínios da vida pessoal e coletiva. Mas, a igualdade de fato geralmente está ausente, de sorte que o casal igualitário, por amor partilhado ou por convicção, tem consciência de, na contracorrente, viver uma experiência singular sem saber quanto tempo ela pode durar. Se a desigualdade diminui um pouco, a solidez de todas as formas de laços conjugais diminui muito mais rapidamente (TOURAINÉ, 2007).

Segundo Quadros (2006), a partir do que se convencionou chamar de nova paternidade, fenômeno que proporciona maior envolvimento do homem com trabalhos domésticos, a participação masculina na casa começou a ser abordada na literatura brasileira. Porém esse novo perfil de pai e marido está atrelado a mecanismos de dominância masculina que, mesmo sendo reconhecidos e problematizados pelos pais mais participativos, são difíceis de transpor individualmente e na relação conjugal. Quando se estuda esse homem envolvido com os filhos e os cuidados da casa é preciso perguntar se essa ação se faz numa crítica profunda às desigualdades ou se continua reproduzindo essas desigualdades, mesmo que em novos moldes. O fato de essa maior participação reintroduzir hierarquias tradicionais com uma nova roupagem levou esse autor, através da sua pesquisa para tese doutoral realizada com casais do IBURA-PE, a considerar que a vivência da nova paternidade é mais ideal que real.

Nas entrevistas tento perceber se há algum traço de igualdade na prática do marido adventista, se esse traço é real ou se é um mero atenuante de domínio masculino.

2.1.1.3 *Trabalhos domésticos femininos*

Estudando sobre a história da vida privada na França contemporânea fui surpreendido com um achado que mostra a importância do trabalho doméstico: Vincent (1992) comenta que na tentativa de quantificação do trabalho doméstico gratuito na França foi levantada, em 1981, a seguinte estimativa: 53 bilhões de horas consagradas ao trabalho doméstico gratuito, para 39.5 bilhões consagradas ao

trabalho dito “produtivo”, isto é, remunerado. “Ora, todos sabem que esse trabalho doméstico gratuito é basicamente feminino”, afirma o autor num tom crítico.

Esse mesmo tom aparece na tese citada anteriormente quando Quadros (2006) defende que o ato de pensar acerca da relação entre os cuidados com os/as filhos/as e com a casa, leva ao aprofundamento das reflexões sobre desigualdade de gênero, as quais não parecem suficientemente contempladas nas abordagens atuais. No seu trabalho de campo, soava estranho e inédito, para os homens entrevistados, conversar sobre trabalho doméstico, pois contido na parte invisibilizada do domínio masculino por ser encarado como “coisa de mulher”, esta era uma referência que os homens pouco problematizavam. Esta aproximação entre homem e trabalho doméstico, diz a autora, deve ser vivida como uma relação prazerosa, especialmente por conta da maior presença do pai na casa e de uma relação de maior proximidade emocional com a prole. Entretanto, na rotina da criação dos filhos, os pais considerados na sua pesquisa como menos participativos, entendiam que *estar* com os filhos correspondia apenas ao fato de brincar com eles. Quadros (2006) observa também que em geral os maridos da sua amostra dedicavam uma parte do tempo para a prática de algum tipo de lazer individual e o “resto” do final de semana era dedicado a esposa e aos filhos. Ela enfatiza que a divisão das atividades domésticas entre pai e mãe, diferiu pouco, no seu campo de pesquisa, quando da análise das entrevistas dos pais mais e menos participativos. Comentando sobre os pais mais participativos, salienta que um deles ia pra cozinha e também arrumava a casa, o outro lavava os pratos enquanto a esposa cozinhava e os dois arrumavam a casa, contudo, a participação da empregada era fundamental na rotina da casa de todos os entrevistados. Ao final do seu trabalho, a autora considera que a maioria dos entrevistados estava dentro do grupo dos menos participativos e que eles sempre referiam as atividades domésticas como responsabilidade total ou maior da esposa além de também atribuir às esposas maior responsabilidade na criação dos filhos. A autora percebe que o homem, ainda que mais participativo, também reforça assimetrias esponsais na medida em que utilizava de seu maior poder de escolha para selecionar as atividades que prefere fazer.

Bourdieu (2005) parece ampliar ainda mais a visão dessas aparentes desigualdades, quando afirma, num tom irônico, que aos maridos, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, cabe

realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como a lavoura ou a colheita ou guerra, marcadores de dicotomias no curso ordinário da vida. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado úmido, baixo, curvo e contínuo vêm serem-lhe atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como os cuidados das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores, isto é, os que levam a lidar com a água, a erva, o verde, o leite, a madeira e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes.

A elocução Bourdieusiana revela que a ordem masculina se inscreve nos corpos e nas rotinas da divisão do trabalho e que as regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres, assinalando-lhes lugares inferiores como a parte baixa da estrada ou do talude, atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas. Segundo o autor são elas que carregam o estrume, e, na colheita das frutas, são elas que ajuntam no chão, com as crianças, enquanto os homens manejam a vara para fazê-las cair das árvores. Pra ele, essa ordem em geral tira partido, no sentido dos pressupostos fundamentais, das diferenças biológicas que parecem assim estar à base das diferenças sociais, isso se comprova, inclusive, quando as esposas são levadas “socialmente” a tratar a si próprias como objetos estéticos e, por conseguinte, a dedicar uma atenção constante a tudo que se refere à beleza; à elegância do corpo, das vestes, da postura e é por essa razão, que elas têm naturalmente a seu cargo, na divisão do trabalho doméstico, tudo que se refere à estética e, mais amplamente, à gestão da imagem pública e das aparências sociais dos membros da unidade doméstica, dos filhos obviamente, mas também do esposo, que lhes delega muitas vezes a escolha de sua indumentária.

Castan (1990) tenta amenizar essas diferenças lembrando que mesmo em tempos remotos, a mulher, da Renascença, apesar de confinada ao lar, tinha a imagem da esposa e mãe arraigada pela igreja e pela sociedade civil. Era dedicada constante a todos que vivem sob seu teto e destinada a servir, cuidar, alimentar criar, atender na doença e assistir na morte, uma serva, portanto, mas também senhora, e esta última condição lhe conferia autoridade necessária para desempenhar suas tarefas exigindo as virtudes correspondentes de modéstia, dedicação e economia. Tal fato, segundo esse autor, leva a rever a idéia de uma subordinação rigorosa ao chefe da família; impõem-se mais uma divisão de poderes

e tarefas. No olhar de Castan (1990), ela “comanda” a casa enquanto o marido “reina” na oficina.

Conversando com a díade adventista, por documentos e pelos ditos, espero caminhar na descoberta do significado do trabalho feminino realizado em casa e suas implicações.

2.1.1.4 *Quando o trabalho é fora do lar*

Nos séculos XVI-XVII, Castan (1990) viu no interior do mundo feminino toda uma circulação subterrânea de dinheiro, de víveres, de roupas ou de serviços, muitas vezes realizada sem o conhecimento dos homens e ligada a iniciativas particulares, mínimas, porém significativas. Essas camponesas, diz o autor, partiam para um mercado vizinho às três horas da manhã e ali vendem ovos ou produtos do seu quintal, com o que mantinham um cofre pessoal.

Já na França burguesa do século XIX, o trabalho feminino era regulado pelas exigências familiares, ou seja, seguia o ritmo dado pelo nascimento dos filhos, de forma intermitente. Sendo um trabalho que resultava apenas em “trocados”, por vezes era destinado a despesas pessoais. Aquela dona de casa, além de cuidar dos filhos, exercia também a função básica da administração do lar, num sentido bem amplo do termo e ainda via o marido avaliando suas tarefas domésticas como um trabalho improdutivo. Contudo, em casos de crise ou desemprego os trocados das esposas, fazendo serviços de recados, de entrega, de faxina ou lavando roupa pra fora, se tornavam essenciais. Geralmente as mulheres lembravam essas épocas de crise como períodos de aumento de trabalho (PERROT, 1991). Penso que, como eu, o leitor percebe que essas práticas são também muito comuns nos dias atuais, entretanto se dão numa dimensão bem mais complexa.

Enxergando tal dimensão, Bourdieu (2005) reflete sobre a “verdade” das relações estruturais de dominação sexual percebendo que ela se deixa realmente entrever a partir do momento em que se observa, por exemplo, que as mulheres que atingiram os mais altos cargos como chefe ou diretora em algum tipo de emprego, têm que “pagar”, de certo modo, por esse sucesso profissional com um menor

“sucesso” na ordem doméstica, que se configura muitas vezes num divórcio, casamento tardio, celibato, dificuldades ou fracassos com os filhos.

A pesquisa de Quadros (2006) acrescenta a essas desigualdades o fato de não ter havido, na sua pesquisa já mencionada, alusão à realização profissional da esposa como um fator que influía ou não no bem estar do casamento, a não ser quando o entrevistado achava que a dedicação profissional da mulher ‘atrapalhava’ o bom desempenho materno nas tarefas domésticas e de criação de filhos. Quadros descobre que, as mulheres, apesar de participar igualmente das despesas e passar tempo igual ou superior ao do marido ausente do lar para o exercício do trabalho profissional, não são identificadas pelos entrevistados como co-provedoras.

É inevitável admitir que um grande número de homens ainda hoje, conserva e exercita valores machistas insistindo em manter suas companheiras, presas ao lar, sob seu poder, domínio e tirania. Outros sentem satisfação, prazer e orgulho por conviverem com este tipo de mulher e agradecem aos céus porque têm uma mulher que ganha mais do que eles ou trabalha num simples emprego. Tal prevalência financeira que em alguns casos poderia ser causa de perda de interesse e impotência sexual, nestes provavelmente, seria um potente afrodisíaco (DIEHL, 2002).

Refletindo sobre a igualdade como um princípio estruturante do universo ético dos casais, Salém (1989) afirma que o valor da simetria não postula que homem e mulher sejam essencialmente iguais, mas que postula, antes, uma distinção valorativa de seus atributos e de seus domínios. Na perspectiva dessa autora, a incitação para que cada gênero ingresse e experimente, concreta ou simbolicamente, o universo e até mesmo, eventualmente, a identidade do outro, decorre, justamente dessa indiferenciação valorativa do feminino e do masculino.

Nessa perspectiva do trabalho da esposa, fora de casa, tentarei descortinar as diferentes representações que possam caracterizar a forma dos cônjuges adventistas vivenciarem essa questão.

Por outro lado, há também aqueles e aquelas que não vivem ao “lado” nem “para” o seu cônjuge. Conseguem confundir-se com as coisas podendo quebrar e às vezes até rotinizar a aliança esponsal. Vejamos essa idéia adiante.

2.1.1.5 *Pessoas coisificadas e coisas personalizadas*

Refletindo sobre os estudos de Kaufmann (2001), percebi sua ênfase dada num chamado terceiro estágio do casamento. Nessa leitura apreendi a sensação de estar diante de um processo de coisificação de pessoas e personificação de coisas e que aquilo que ele chama de rotinização contribui fortemente para a desigualdade entre cônjuges.

O autor fala de três estágios no casamento: O primeiro estágio se faz em um despojamento material e doméstico e numa relação pura e estruturada por regras constantemente aperfeiçoadas à medida que a experiência do casal se acumula. Nessa fase a sensação de intimidade leva a não tomar em consideração as diferenças do parceiro. O segundo estágio, inicia-se numa certa ambigüidade porque os parceiros não têm consciência do processo de constituição conjugal. Não percebem que estão delineando um contexto com as potencialidades do seu futuro. No terceiro estágio o casal vivencia o processo invertido, pois os papéis se tornam, na verdade, tão bem traçados, o contexto doméstico assume tal influência, que os cônjuges se limitam a deixar-se levar por eles: após ter definido o contexto das práticas do mundo doméstico, eles passam a ser definidos por essas práticas. O autor intriga quando pergunta se o processo de familiarização não é um movimento único, integrando pessoas, coisas e outros animais domésticos e quando afirma que quanto mais se avança no ciclo doméstico, mais sentido tem a sua pergunta. Na sua ótica, pode-se analisar o casal como uma articulação permanente de duas tendências contraditórias: de um lado, as pessoas tentam manifestar-se e se conhecer como tais; de outro lado, elas se abandonam na acomodação da rotinização e na coisificação do cotidiano. O autor se demonstra pouco preocupado com os diversos observadores, especialistas e conselheiro da vida privada, e chega a dizer que eles podem fazer um escândalo, sem efeito, pois a evidência é muito forte: esta terceira tendência é absolutamente dominante.

Mesmo admitindo que a rotinização dos gestos e a acumulação dos objetos esmagam as pessoas em papéis estáticos e coisificados, o autor defende a hipótese de que a pessoa coisificada, como os animais que servem de companhia, pode dar muito mais, aliando-se as virtudes das coisas, tais como estabilidade, previsibilidade, tranqüilidade, sabendo ao mesmo tempo dar provas de humanidade, falando,

sorrindo ou amando e se tornando assim, quando a montagem é bem dosada, uma espécie de composto ideal que torna a vida agradável e fácil de ser levada.³

Bourdieu (2005) parece trazer um outro nível de contribuição, que se contrapõe àquele de Kaufman. Ao analisar a categoria 'amor', o autor francês argumenta que não há dúvida de que só muito raramente encontramos o amor puro, em sua forma mais perfeita, e que este seria um limite quase nunca atingido. Ainda assim, o amor, no seu entender, é intrinsecamente frágil, sempre associado a exigências excessivas; é o conhecimento mútuo pelo qual cada um se reconhece no outro e é nele, que dois seres podem perder-se um no outro sem se perder. Ele continua inferindo que o sujeito amoroso só pode obter o reconhecimento de outro sujeito que abdique como ele o fez da intenção de dominar, que entregue livremente sua liberdade a um dono que lhe entrega a sua, coincidindo com ele em um ato de livre alienação indefinidamente afirmado. O amor, segundo esse autor, é reconhecimento mútuo, troca de justificações de razão de viver e de ser, é testemunho recíproco de confiança, signos, todos, da total reciprocidade que garante ao círculo em que se encerra a união pessoal, amorosa, unidade social elementar, indivisível e dotada de uma potência autárquica simbólica, o poder de rivalizar vitoriosamente com todas as consagrações que ordinariamente se pedem às instituições e aos ritos da 'Sociedade'.

Vejamos a seguir outras elucubrações referentes às questões de simetrias sexuais nos gêneros.

2.1.2 Assimetrias sexuais

Hoje em dia, a força intrínseca da relação conjugal contemporânea é a relação sexual, baseada na aliança sponsal amorosa. Passa-se de uma definição institucional do casal a uma definição subjetiva, que atribui um lugar extremamente importante à relação sexual (BOZON, 2001). Comentando o mistério da sexualidade na França oitocentista, Perrot (1991) informa que o leito costuma abrigar o que havia de mais secreto no sexo e no coração e que não é de se admirar que ele escape a

³ Essa idéia desenvolvida por Kaufmann chocou muita gente.

qualquer um, quando ao mistério da mais profunda intimidade somam-se a opacidade do tempo e o mutismo dos atores.

Bozon (2001) chega a dizer que, nos tempos atuais, o ideal do casamento por amor é substituído pelo ideal do casal por amor, no qual a sexualidade assume uma função cada vez mais importante em razão da debilidade da instituição matrimonial.

Bourdieu (2005) acrescenta que uma sociologia política do ato sexual faria ver que, como sempre se dá em uma relação de dominação, as atitudes e as representações dos dois sexos não são, em nenhuma hipótese, simétricas. Os homens concebem o ato sexual em si como uma forma de dominar, de se apropriar, de tomar posse, por isso a distancia entre as expectativas dos homens e das mulheres em termos de sexualidade e os mal-entendidos que deles resultam ligados a más interpretações de sinais, às vezes deliberadamente ambíguos ou enganadores. O autor afirma que se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está erigida através da divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo de dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo na melhor das hipóteses, como reconhecimento erotizado da dominação.

Acrescento a isso outras diferenças observadas na argumentação de Bozon (2001), na qual, existe um contraste bastante marcado entre os que formam o que ele chama de “casal por amor”. Esse contraste assume a forma de uma tensão potencial entre a abordagem individual da sexualidade, predominante entre os homens (na qual a sexualidade e o desejo intervêm na construção e na restauração do indivíduo) e uma abordagem conjugal, dominante entre as mulheres (na qual a sexualidade está a serviço da relação e mesmo da família). Enquanto essa tensão se resolve facilmente no período inicial, ela reaparece com maior força no casal estabilizado, que, sem dúvida, não é tão estabilizado quanto se pode pensar.

Em outra investigação, Bozon (2003) levanta a hipótese de que, para os homens, as relações sexuais funcionam como um ritual de confirmação do indivíduo (mais do que do casal), no qual este espera que o desejo de sua parceira responda ao seu, numa ótica narcisista, modelada num desejo *individualista*, diferente das mulheres, para as quais, sexo e amor estão intimamente ligados. Sua pesquisa revela inclusive que dois terços dos homens estão de acordo com a idéia segundo a

qual "pode-se ter relações sexuais sem ser apaixonado", ao passo que dois terços das mulheres desaprovam esta idéia. Outro dado importante desse trabalho é que os homens são também mais numerosos em pensar que "pode-se ter aventuras sexuais durante o casamento", do mesmo modo que "a atração sexual leva forçosamente a transar com alguém" e que "pode haver amor sem fidelidade", ou que "as infidelidades passageiras reforçam o amor." As mulheres, ao contrário, muito mais que os homens, mostram-se chocadas com essa concepção. Para esse autor é ilusório acreditar que o simples fato de "viver junto" conduza os cônjuges a criar um universo comum de sexualidade.

Zilbergeld (1978) realizou também um interessante estudo no qual perto de 400 mulheres responderam a um questionário perguntando o que elas gostavam e o que não gostavam no sexo e percebeu que para as mulheres, diferentemente dos homens, sexo e amor são interdependentes. Nesse estudo, ele afirma que elas querem que os homens sejam mais completos como ser humano, e que compartilhem melhor a eles mesmos. Esta questão, diz o autor, se estende muito além da área da atividade sexual e enfatiza a maior reclamação que as mulheres têm sobre os homens: que eles não dão o suficiente do seu tempo, atenção, sentimentos e compreensão. Uma de suas entrevistadas lhe disse que seu marido a amava, mas, segundo ela, Zilbergeld nunca saberia pela maneira como ele agia. E acrescenta que eles nunca se tocavam ou conversavam. Segundo a informante, o marido não tinha tempo para ela porque estava muito ocupado com as coisas "importantes" como seu trabalho, seu barco estúpido, pagando contas, cuidando do gramado, e assistindo a um bilhão de jogos de futebol na TV. Ela arremata "Eu quero mais dele. Eu não ligo se a grama nunca for cortada." (ZILBERGELD, 1978, tradução nossa).

Esse autor salienta que expressões de afeição física são extremamente importantes para a maioria das mulheres e não apenas o ato sexual em si. Elas querem tocar e ser tocadas nas vezes em que o sexo não é possível ou desejável, tanto quanto nas vezes em que o sexo pode ser o resultado do toque e que além de compartilhar seus pensamentos e sentimentos, tanto quanto seus corpos, com os homens, elas necessitam de apoio, atenção e encorajamento. Outra de suas informantes enfatiza: "Realmente as coisas as quais eu mais reajo em relação aos homens são qualidades que tradicionalmente são consideradas femininas: carinho, gentileza, cuidado, toque, e sensibilidade às emoções."

Passo agora a análise da questão da fidelidade, outra categoria relevante no estudo sobre a díade evangélica:

2.1.2.1 *Sobre fidelidades*

Na República iluminista da França, o marido podia separar-se legalmente reportando-se ao adultério da mulher; a esposa, por sua vez, só podia pedi-lo caso seu marido mantivesse sua concubina na sua própria casa junto com a vítima do adultério. No caso de reconhecida culpa feminina pelo adultério, estaria a mulher sujeita a dois anos de prisão, ao passo que o homem não receberia nenhuma punição. As atas dos tribunais de família e, posteriormente, dos tribunais civis estavam repletas de histórias de maridos que batiam nas mulheres, muitas vezes quando voltavam da taverna, com socos, vassouradas, atirando pratos, ferros de passar e por vezes chegando a facadas (HUNT, 1991). Nesse mesmo período, o Código Civil da França, no artigo 213, afirmava que o marido devia proteção à sua mulher e a mulher obediência ao marido. Se ela abandonasse o lar, seria reconduzida ao lar pela força pública e obrigada “a cumprir seus deveres”. Essa mulher adúltera podia ser punida com a pena de morte, pois ameaçava atentar contra o que há de mais sagrado na família: a “filiação legítima”. O marido adúltero não ameaçava coisa alguma e contava com uma cumplicidade maliciosa, pois o Código proibia a investigação da paternidade (PERROT, 1991).

Esse autor, contudo, indica que entre os burgueses do século XIX na França, os médicos chamados por ele de novos sacerdotes, sacralizavam o casamento ao mesmo tempo como regulador das energias e forma de evitar as perigosas relações dos bordéis, destruidores da raça, pois o templo da sexualidade comum, a família nuclear, erigia normas e desqualificava as sexualidades periféricas. O leito conjugal tornava-se o altar das celebrações legítimas.

Na sociedade hodierna acontecem mudanças ainda mais significativas para a sexualidade dos casais:

A partir da década de 50, alguns movimentos sociais como o *beat* e o *hippie* estabeleceram modificações importantes no comportamento sexual das pessoas. Eles começaram a se desenvolver, inicialmente, na Europa e nos Estados Unidos, passando depois ao Brasil. Somaram-se ainda a esses, os movimentos feministas na luta por uma mudança no contexto social vigente. Entre os pontos comuns enfocados neste processo, estava à busca de uma maior liberdade sexual tanto para homens como para mulheres. (SAFFIOT, 1997; VITIELLO, 1993 apud DIEHL, 2002, p. 142).

Em sua pesquisa sobre sexualidade, Bozon (2004) refere-se a essas elaborações reportando-se à transformação do conteúdo da norma de fidelidade conjugal: segundo o autor, a infidelidade é, hoje em dia, menos avaliada como um pecado do que como uma atitude criticável por ter conseqüências sobre o contrato conjugal. Assim, acentua o autor, que segundo os ditames da liberdade sexual – ser fiel a uma única pessoa corresponde a fechar-se a todas as outras: isso seria assim a marca de um acanhamento espiritual, já segundo a orientação do desejo individual, a ausência de referência explícita ao desejo no modelo do desejo sexual, ou seu caráter secundário no modelo conjugal-relacional, suscita um problema porque tanto um quanto o outro implicam um risco de não ser fiel a si mesmo. Afirma ainda esse autor que na relação entre marido e mulher, à exigência da espontaneidade do desejo se opõe a busca da permanência; à norma do prazer individual, a busca da reciprocidade; à atração por uma possível simultaneidade dos vínculos sexuais, a exigência de exclusividade; à aspiração a uma renovação das experiências e dos relacionamentos, o ideal de um só parceiro por toda a vida. Esse estudioso defende também que enquanto essas oposições perpassam cada membro da díade, pertença ele a que sexo for, elas são geralmente apresentadas como emergindo de uma divisão estável entre os sexos, justificada por conta das diferenças de natureza psicológica entre os homens e as mulheres.

Pensa-se, com freqüência, que as normas e a moral sexual às quais os indivíduos se referem são realidades imutáveis, enraizadas muito cedo em cada história individual, todavia a tolerância à infidelidade, por exemplo, aumenta com o tempo de duração do casal tanto para os homens quanto para com as mulheres, mas bem mais no caso dos homens. Em outras palavras, a tolerância, mínima no início, aumenta nos períodos posteriores da vida de casal. Os valores individuais atrelados a exclusividade sexual são então, em parte, uma conseqüência da situação e do ciclo do casal. As normas sobre a fidelidade e a infidelidade estão inscritas em um roteiro sexual que se altera com o tempo, e não constituem assim

uma variável independente, imutável (BOZON, 2001). Pensando nisso, torna-se necessário, ao refletir sobre fidelidade, investigar sobre questões orgásticas, tão valorizadas na contemporaneidade.

2.1.2.2 *Imperativo orgástico*

Embora Sade não seja o verdadeiro representante de atitudes em relação à mulher, durante a Revolução Francesa sua influência chama a atenção para a mulher usada no espaço privado como objeto do prazer. Com raras exceções, as mulheres em Sade não eram livres e raramente sentiam prazer por sua vontade. As variações sexuais tomam o lugar do amor usual: dava-se preferência a outros orifícios em vez da vagina. As mulheres são objeto de agressões masculinas e não têm qualquer identidade física. A 'igualdade' e a 'fraternidade', entre os homens *revolucionários franceses*, servem apenas para o despotismo total deles sobre as mulheres. O marido do novo mundo sadiano restaura uma espécie de poder feudal no isolamento do castelo, como uma cela (HUNT, 1991).

No século XIX, a brevidade das relações sexuais torna-se uma evidência, levando a pensar que o orgasmo simultâneo seja uma exceção, chegando a ser extremamente raro entre casais burgueses. Ainda assim no amor romântico daquele século, o esposo tinha a tarefa de prover o prazer de sua companheira, pois qualquer esposa poderia tornar-se uma terrível estróina, pois apenas uma sexualidade bem temperada poderia salvá-la das angústias da 'ninfomania' ou dos incômodos do 'nervosismo' (CORBIN, 1991).

A partir da década de 50 do século passado, os meios de comunicação passaram a falar mais sobre sexo e a mostrar o nu, principalmente o feminino, com mais frequência. Em aproximadamente 20 anos, passou-se dos primeiros biquínis usados com severas críticas, ao *top-less* e às praias de nudismo; das raras publicações com fotos sobre sexo, às revistas de nu frontal tanto para hetero como para homossexuais; da proibição de imagens de nus e de cenas de sexo, aos filmes eróticos em canais abertos e aos vídeos pornográficos disponíveis em locadoras. Por outro lado, as gerações mais emancipadas de mulheres, que cresceram e crescem sob um clima familiar e social de maior liberalidade sexual, e que recebem

muito mais informações sobre sexualidade do que no passado, têm melhor oportunidade de formar uma estrutura psicológica que lhes possibilite evitar ou superar os problemas sexuais e desfrutar de sua sexualidade com maior plenitude (DIEHL, 2002).

Essa plenitude aparece inclusive num plano ético, identificado por Vincent (1992): o orgasmologista que substitui o confessor apresenta uma norma simples: o imperativo orgásmico, isto é, um contrato sexual de reciprocidade de gozo que inaugura uma “democracia” sexual.

Outro tema implicado na abordagem sexual é a questão das variações sexuais, uma área revestida de preconceitos não só na sociedade evangélica, mas também na sociedade laica.

2.1.2.3 Variações sexuais

A questão das variações sexuais é tema delicado e pouco abordado em pesquisas e, às vezes, dá a impressão de que se lê mais no silêncio dos informantes do que em suas falas. Novas e velhas atitudes sexuais intrigam a muitos estudiosos.

Em muitos países, a educação sexual das mulheres vem sofrendo mudanças significativas. Na França, por exemplo, elas são vistas, em particular, na nova importância dada pelos sexólogos, psicólogos e pelas próprias mulheres ao clitóris. Isso pode significar que as mulheres estão cada vez mais preparadas para atingir o orgasmo através da manipulação do clitóris – sem penetração vaginal. Já nos homens a atenção volta-se principalmente para a vagina. Este é um sinal da inversão dos costumes e a expressão concreta do sentido mais abrangente das mudanças percebidas nas entrevistas e grupos de discussões operadas por Touraine (2007).

Bourdieu (2005) também atento às mudanças salienta que o que difere as mulheres, que estão socialmente preparadas para viver a sexualidade como uma experiência íntima e fortemente carregada de afetividade, é uma nova visão de prática sexual, que não inclui necessariamente a penetração, mas que pode incluir um amplo leque de atividades.

Numa longa pesquisa feita entre 1999 e 2000 sobre práticas sexuais entre

jovens casados e solteiros de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, Leal (2005) garimpa informações importantes sobre variações sexuais. Ela ressalta que no seu estudo houve menor declaração da prática de coito anal do que de sexo oral – enquanto a declaração de coito oral variou de 33% a 43%, a declaração de sexo anal ficou entre 4% e 10%, ainda que tenha sido mais citado por pessoas com experiência de união. Muitos entrevistados que praticam apenas o coito vaginal, diz ela, insistem que só fazem o básico, o normal, enquanto os que pensam o coito oral ou anal como corriqueiro não mencionam explicitamente o sexo vaginal.

Os discursos sobre restrição *versus* permissão são bem demarcados por essa autora. Ela informa que os entrevistados dizem, quando perguntados sobre o que pode e o que não pode no ato sexual, que fazem o normal ou o básico, ou ainda que fazem tudo e esclarece que o sexo dito normal ou básico é aquele com penetração vaginal, tanto para homens como para mulheres. Uma de suas informantes revela que não faz sexo oral e que considera que sexo anal combina mais pra veado e não pra mulher. Os dados da sua pesquisa sinalizam que o coito vaginal é o mais freqüente entre os entrevistados e, especialmente, entre os que possuem experiência conjugal.

Uma entrevistada esclarece que “nem é muito chegada” a sexo (oral ou anal), “só queria mesmo o papai-e-mamãe” – e só tentou algo diferente com o pai de sua filha: “só fiz uma vez diferente, foi com o pai dela. Os outros dois não, mas com o pai dela fiz. Fazia porque ele às vezes até me obrigava a ter relações sem eu querer, e eu tinha que ter pra não brigar” (LEAL, 2005, p. 68).

Além disso, a autora observa em sua pesquisa um chamado princípio de limpeza no discurso dos homens. A esposa limpa, no sentido físico e moral, é apresentada numa fala masculina aparentemente dicotômica. Quando o marido enfatiza a limpeza física, subtende-se também a implicação com um valor moral: a fidelidade conjugal da esposa funciona como garantia de limpeza, pois somente ele tem acesso físico aquele corpo. A pureza moral significa exclusividade sexual. Nesse caso o coito oral e/ou anal pode ser feito apenas com a esposa, considerada limpa e não poluidora. Em outro caso foi dito que a esposa limpa, casta e recatada deve restringir sua prática sexual ao coito vaginal. Nesse discurso o coito oral e/ou

anal pode ser feito com a mulher sem-vergonha, com a prostituta ou com a mulher que não se dá ao respeito – mas não com a esposa.

Outro entrevistado, continua Leal (2005), diz que o *beijo na boca* não pode ocorrer com *uma mulher de rua*: o beijo na boca e o coito anal são próprios para a esposa, que é “limpinha”. A autora observa também que os homens de modo geral fazem menos restrições que as mulheres quanto às variações sexuais e que há também mais menções masculinas à possibilidade de praticar o sexo oral e o sexo anal, sendo que essa prática é descrita pelas mulheres como um pedido masculino. Os dados dessa pesquisadora apontam uma evidente propensão das mulheres entrevistadas a rejeitarem o sexo anal. Muitas delas mencionam que já tentaram, mas não gostaram e não têm a intenção de tentar de novo, e na maior parte das vezes, estas mulheres experimentaram o coito anal porque os maridos insistiram. Assim, aliado a tendência de rejeição feminina, a autora encontra, por outro lado, um interesse masculino por esta prática. Ela pontua que algumas esposas dizem que tanto os parceiros insistiram que elas até tentaram, mas que “não deu certo”, “doeu muito” ou simplesmente que não gostaram. Essa constatação é confirmada na fala de outra entrevistada que, segundo a autora, revelou que a insistência masculina lhe causa verdadeira irritação: certa vez, após mais uma dessas investidas, propôs ao parceiro que se ele deixasse que ela o penetrasse primeiro, ela atenderia o seu pedido em troca; com a proposta, o parceiro desistiu do pedido.

Mesmo assim, Leal (2005) considera que no discurso feminino existe a presença da idéia de reciprocidade, na qual as práticas que fogem do básico são permitidas, em troca da permanência da união e que a experiência da relação sexual está associada ao que é chamado de “básico” no sexo (coito com penetração vaginal). Vejamos a última inferência do seu trabalho: O gênero é crucial para a estruturação das representações e das variações sexuais; é próprio da masculinidade a iniciativa no campo sexual, bem como a infidelidade nas relações conjugais; os homens querem e buscam práticas que não se limitem apenas à penetração vaginal, bem como são geralmente os homens que sugestionam posições sexuais distintas de cópula; o significado de uma mesma prática pode mudar de acordo com o contexto.

Num outro trabalho de Leal em parceria com Knauth (2001), realizado com 101 casais de Porto Alegre, aparece a idéia da aliança e sua influência nas práticas

sexuais⁴. As autoras supõem que a ampliação do rol de práticas sexuais pode ser percebida como uma estratégia feminina de ‘conquista’ e, indiretamente, de constituição de aliança, isto é, as mulheres buscam ‘agradar’ sexualmente o parceiro. Por outro lado, defendem que a restrição das práticas sexuais nessa situação de aliança, especialmente por parte dos homens, pode ser entendida como uma estratégia masculina de manutenção da própria relação de aliança. Ambas as situações revelam, entretanto, a importância conferida à aliança (KNAUTH E LEAL, 2001).

Refiro-me também a Bozon (2004) em sua pesquisa na França e Finlândia argumentando sobre a influência do tempo no repertório sexual. Ele percebe que embora sejam bastante marcadas na sexualidade do casal iniciante, a reciprocidade, a partilha da iniciativa e a variedade do repertório sexual, há um declínio considerável nas fases ulteriores da vida do casal, quando os parceiros começam a se engajar por caminhos divergentes e que o repertório das técnicas sexuais utilizadas pelos parceiros se reduz com o tempo, reduzindo-se também a comunicação entre eles durante as relações sexuais – sobretudo no caso dos homens, que falam cada vez menos. Ao mesmo tempo, continua o autor, à medida que aumenta a duração da vida conjugal, a iniciativa e a vontade de ter relações sexuais são percebidas cada vez mais como algo próprio aos homens.

Acho que é interessante retomar nesse ponto aquela idéia da rotinização defendida por Kaufmann (2001). Ele afirma, numa aparente contradição à Bozon (2004), que a “celebração física” do ritual que rememora a fundação conjugal se adapta sem maiores riscos à rotinização das práticas sexuais. A rotinização, segundo o autor, processo dominante, não afeta a vida conjugal em seu conjunto. Ela é a base sobre a qual os dois cônjuges abrem, de vez em quando, espaços de socialização em ruptura. Contra o peso repetitivo e coisificante dos hábitos, eles firmam sua criatividade interindividual, sua escuta do outro como alguém que pode surpreender, como nos primeiros tempos da relação conjugal.

A essa altura me pergunto se a variedade das práticas sexuais entre casais evangélicos e laicos tem algo em comum e até que ponto os cônjuges chamados “crentes” se realizam ou se reprimem numa atividade sexual mais ou menos

⁴ Em suas pesquisas, Knauth e Leal (2001), classificam as variações sexuais em três tipos: as tradicionais (quando o informante só pratica coito vaginal com o parceiro do sexo oposto), as permissivas (quando é declarado que tudo é permitido e há uma conduta não restritiva em relação às práticas sexuais) e restritivas (há a restrição a alguma prática sexual, como coito anal ou relação homossexual).

igualitária. Mas, por ora, vamos examinar outras exigências relacionais entre os gêneros.

2.1.2.4 Exigências contemporâneas

Interessa-me explorar aqui o conceito de normatividade tal como é delineado nos estudos de Bozon (2004). Suas pesquisas indicam que a norma de reciprocidade na atividade sexual assumiu um lugar considerável no seio das relações de gêneros. Na França, ele ressalta a importância crescente dada às práticas sexuais simétricas, como as carícias, a masturbação mútua ou as práticas de sexualidade oral, da mesma forma que a prolongação dos estágios preliminares. Esta vontade de encenar um desejo compartilhado inscreve segundo o autor, a sexualidade em um movimento mais amplo que valoriza, no plano normativo, a comunicação e a partilha entre os cônjuges e essa vontade coexiste com a afirmação de um individualismo sexual – ilustrado, por exemplo, através do retrocesso, ao longo das gerações, da norma do orgasmo simultâneo, além disso, a diferença dos ritmos sexuais não implica num retrocesso da norma do direito igual de cada parceiro ao prazer. Referindo-se a uma pesquisa que realizou na Finlândia, esse autor argumenta que as mulheres têm atualmente uma exigência maior quanto ao funcionamento conjugal, devido a sua crescente autonomia no casal e na vida social, que lhe permite interromper uma relação insatisfatória com maior facilidade

Enquanto os homens, meros *mulierosus*, são encarados como sujeitos de desejo independentes, as mulheres continuam a ser vistas como objetos a serem possuídos, ou como sujeitos cujo desejo é moderado. Incumbe às mulheres resolver os problemas da sexualidade: espera-se que elas tentem regularizar o desejo dos homens, para mantê-los dentro de uma relação amorosa. Nas relações sexuais, seus objetivos são supostamente apenas sentimentais ou conjugais. De maneira geral, esse duplo padrão em matéria de sexualidade está ligado ao imobilismo da divisão sexual da vida doméstica e da parentalidade, mas também à rigidez da repartição dos papéis na esfera pública e profissional. E quando surgem os filhos, a distância entre as expectativas dos homens e das mulheres em matéria de sexualidade torna-se maior, o ritmo da atividade sexual cai fortemente e, ainda que

haja uma pequena melhora quando os filhos começam a crescer jamais se recupera o nível inicial. Implanta-se, enfatiza o autor, uma nova divisão do trabalho, na qual as mulheres aparecem como as parceiras parentais e os homens como os parceiros sexuais, iniciadores das relações. Bozon (2004) diz ainda que o desejo sexual feminino passa a ser relegado a um plano secundário, como se, depois de se tornar mãe, a mulher pudesse permitir-se exercer um papel menos importante na relação sexual e que de maneira geral, a passagem a parentalidade aparece como um dos momentos da história do casal onde as relações de gênero, depois de uma fase inicial mais indiferenciada, tendem a se transformar em instâncias de diferenciação capazes de produzir desigualdades. Isso é também exemplificado pela evolução da divisão do trabalho doméstico, que se torna fortemente especializado depois que os filhos nascem. Contudo, ainda que tenha emergido uma certa heterogeneidade normativa que já não se escora sobre as fontes tradicionais da moral, ainda que a idéia de igualdade entre os sexos se tenha imposto entre inúmeras esferas da vida social, as posições respectivas dos homens e das mulheres quanto às questões da sexualidade, da parentalidade e da família não se alteram significativamente (BOZON, 2004).

Essas polaridades parecem demarcadas também nos estudos de Diehl (2002) quando teoriza sobre os novos padrões de sexualidade. Ele divulga em sua pesquisa que para as esposas, o bom ou o mau desempenho sexual do marido, ou não fazia sentido, ou só era conhecido de forma indireta, como por exemplo, através de conversas veladas com amigas íntimas. As mulheres, ouvidas, não costumavam fazer exigências sexuais, por não terem poder para isto, por tal comportamento não ser bem aceito socialmente e por sua inexperiência neste sentido conseqüentemente não era incomum, portanto, que muitas delas vivessem suas vidas tendo relações sexuais com seus maridos apenas por obrigação, sem prazer, e muitas vezes com intenso sofrimento. Não sei se pelas mesmas razões, mas na Finlândia, Bozon (2004) percebeu que depois de dez anos de vida conjugal, 54% dos homens disseram desejar ter relações sexuais com mais freqüência, enquanto apenas 14% das mulheres demonstram o mesmo desejo.

Na pesquisa realizada por Diehl (2000 apud Diehl, 2002) com 626 homens e mulheres de várias regiões do Estado do Rio Grande do Sul, as mulheres da amostra quando comparadas aos homens, tenderam a ter menor freqüência de relações sexuais, maior desprazer em tocar e acariciar o corpo e os genitais do

parceiro, maior rejeição do coito, maior resistência ao que é feito no coito, e mais dificuldade de questionar o parceiro quanto ao que ele gosta na relação sexual e de explicitar suas preferências.

Esse pode ser um indicativo de que a “nova” mulher, talvez, em muitos casos, não seja tão liberada – tal como a literatura desenha a liberalidade sexual contemporânea – como se poderia imaginar. Entre as mulheres que viveram grande parte de suas vidas sob a sujeição do machismo e da repressão sexual, social e religiosa, muitas conseguiram estabelecer maiores mudanças; outras tiveram condições de conquistá-las parcialmente, dentro de seus limites e capacidades; e outras, ainda, permanecerão passivas, dominadas e reprimidas até o final de suas vidas (DIEHL, 2002).

Mas há quem pense diferente daquilo que parece óbvio, como veremos a seguir:

2.1.2.5 O homem - vítima sexual das mulheres?

Em diversos estudos visualizei a inquietação de autores com certo “tiro pela culatra” atingindo o elemento masculino, como se percebessem a possibilidade do “feitiço virar contra o feiticeiro” ou dos homens tornarem-se vítimas desse suposto estigma do domínio sobre as mulheres. Vejamos alguns deles:

Começo com Corbin (1991) afirmando que as orientações médicas sobre o coito conjugal podem levar o homem à exaustão. Bourdieu (2005) chega a dizer que se as mulheres, oprimidas por um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, aprendem as virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também são afetados, e sem se aperceberem, tornam-se vítimas da representação dominante. O mesmo autor vai mais longe quando revela que o privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas muitas vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em todas as circunstâncias, sua virilidade.

As mudanças sociais que ocorreram em relação à sexualidade fizeram com que um grande número de mulheres exigisse muito mais dos homens. Cobranças referentes tanto a satisfação conjugal como à satisfação sexual. As expectativas

quanto à satisfação conjugal incluíam mais afeto, amor, atenção, carinho e companheirismo, além de um adendo importante: seus maridos deveriam ter a capacidade de levá-las ao orgasmo. Tais exigências, somadas ao exercício de uma sexualidade mais livre por parte das mulheres, foi um grande choque para os homens, que não estavam habituados a esse tipo de solicitação. Esses homens, aos poucos e quase sem perceber, foram sendo envolvidos numa situação, de certa forma, paradoxal. Preparados quando pequenos para serem fortes, infalíveis, agressivos, competitivos, dominadores e duros – afinal, tiveram de passar a agir e a sentir de forma, muitas vezes, oposta àquela em que sua personalidade foi estruturada. Em consequência, seus problemas sexuais cresceram de fato, principalmente em relação à necessidade de ter um bom desempenho e ao medo de falhar. Qualquer vacilo maior nesta área, além do impacto psicológico causado pela idéia de impotência, passou a significar também a possibilidade da companheira trocá-lo por um homem mais *potente*. Dentro deste contexto, os homens já não poderiam mais transar e depois, tranquilamente, virar para o lado como e quando lhes conviesse (DIEHL, 2002).

A manipulação do “Ponto G” é outro drama colado por Diehl. O problema consiste no fato de que, proporcionar orgasmos a uma mulher, através de um ponto que nem a ciência consegue localizar ou comprovar a existência, é uma tarefa difícil até para os mais potentes e pacientes dos homens. Expectativas deste tipo podem tornar o ato sexual mais uma tarefa do que um prazer. Nesse caso, sentimentos como carinho, afeto e amor, dão lugar à forma e ao desempenho. Em razão de uma sociedade ainda machista e voltada para noção de homem ligada à força e desempenho, ele enfrenta sérios problemas para conciliar certas expectativas sociais, como ser viril, duro e forte como um homem, e ao mesmo tempo, sensível, meigo e carinhoso, sem parecer homossexual (DIEHL, 2002).

Pode ser que a turra a seguir, delineada entre K. Dekhli e esses autores, dê ao leitor uma perspectiva ainda mais intrincada para o homem, do que tenho apresentado até aqui. Notemos o que diz o autor:

Está em curso uma revolução sociossexual na sociedade dos anos 80... As mulheres ocupam posições cada vez mais altas, o que altera suas relações com os homens. Antes, a mulher esperava atenção e delicadeza do seu parceiro, e que ele se adequasse ao ritmo da sexualidade feminina. A mulher dinâmica de hoje considera humilhante ser tratada com ‘atenções’ que lhe inferiorizam. Ela prefere o ‘macho’, que logo atinge o prazer. Uma penetração sem preliminares é prova de virilidade. À mulher cabe usar a

sexualidade do homem à sua própria maneira, para dela extrair o máximo de prazer, sem lhe pedir que se alinhe por seu próprio tempo. O homem que mais levaria em conta a complexa problemática da mulher para atingir o orgasmo já não corresponderia mais à expectativa dessa mulher de ação. Esta quer o homem na sua brutalidade, em sua diferença e falta de respeito; ela despreza o homem lésbico. Dominar uma besta sexual proporcionaria um gozo muito mais intenso do que transar com um homem atencioso. (DEKHLI, 1980 apud VINCENT, 1992, p. 367).

Foi surpreendente para mim depara-me com esse *homo mulinus*, pois mesmo trabalhando há anos com casais, ainda não ouvi falar, no meio evangélico, de uma mulher que deseje esse tipo de homem. Para amenizar o susto, apresento um argumento menos radical na afirmação de Diehl (2002) de que dentre as diversas mudanças ocorridas em relação à sexualidade, no Brasil, uma das principais é a noção que homens e mulheres vêm adquirindo das limitações sexuais masculinas. O novo a respeito dos homens é este reconhecimento de sua fragilidade sexual.

Volto agora o olhar para outras idéias que apresentam a mulher num sentido diferente – o ideal de se auto-transcender para além das suas exigências de libertação.

2.1.2.6 Para além das diferenças de gênero

Termino essa seção de estudos em sociedades laicas apresentando um ponto de vista contundente em relação as minhas hipóteses. No meu olhar, trata-se de uma inovadora idéia que aponta para além das diferenças de gênero. Pretendo entender como essa idéia em Touraine (2007)⁵, pode contribuir para atenuar problemas de assimetrias nas relações de gênero.

Essa idéia pode ampliar a visão investigativa do relacionamento entre casais. Observe a seguir, como o autor se fundamenta e considere que esses achados são frutos de um longo processo de escuta, realizado na sua pesquisa, entre mulheres francesas que pensam diferente da forma clássica feminista de pensar. Sua análise tenta ver a mulher para além das suas exigências de libertação, visando à recomposição da sociedade meramente polarizada.

⁵ Autor francês, doutor em Letras, *honoris causa* através de diversas universidades européias e latino americanas, além de Presidente da Associação Internacional de Sociologia. Um dos mais influentes sociólogos contemporâneos. Analisa as mulheres para além das suas exigências de libertação.

Body-Gendrot (1992) parece confirmar esse diferencial francês afirmando que a mulher americana quer “ganhar” em todos os planos: o trabalho, os filhos, o lar, e por isso, o marido fica preocupado, já a mulher francesa mais hábil e prudente, – mesmo feminista – raramente expressa ódio pelo homem e vontade de tomar seu lugar, o que ela quer é preservar sua diferença.

Volto a Touraine (2007) e sua idéia:

Ele afirma que este modelo de modernização polarizada, construído sobre a noção de inferioridade e superioridade entre homens e mulheres, atualmente, está em ruínas, e o mundo tenta recompor um novo universo social liberado dessa polarização e capaz de *re-unir* o que tinha sido separado e costurar o que tinha sido estraçalhado. O certo é que as mulheres tendem fortemente a não mais se definir em relação aos homens, e menos ainda em relação às funções sociais ou psicológicas que lhe seriam reservadas. Seu movimento mais profundo é exatamente o de rejeitar qualquer definição delas mesmas em relação aos homens. As mulheres não se definem mais por arquétipos sociais ou culturais, mas por uma inversão de atitudes e de expectativas cuja exigência principal é a criação delas mesmas como mulheres sujeitos da sua história, para além das diferenças da condição social. Quanto mais a idéia de gênero é subordinada a dominação masculina, tanto menos ela é capaz de prestar contas da totalidade da experiência vivida. A consciência de ser um sujeito é muito mais profunda do que a idéia de pertença a um gênero (TOURAINÉ, 2007).

A mulher tem um sólido instrumento de avaliação dela mesma; a consciência de construir-se por si, através da transformação do desejo sexual em sexualidade. A idéia de construção de si através da sexualidade e a perspectiva de um avanço progressivo rumo à igualdade são iniciativas que se opõem. Por que os homens renunciariam a sua suposta superioridade? Eles não têm grandes motivos. As mulheres, ao contrário, seguem em frente na direção de uma alteração radical de referências que ultrapassam a simples visão de mundo para uma nova concepção de si. Esse engajamento individualista está longe de se reduzir à busca do prazer ou do interesse próprio; é o fundamento de uma visão normativa das relações que alguém tem consigo mesmo e com os outros, e com as instituições que operacionalizam esta orientação moral e, por conseqüência, com a concepção de direitos que lhe dão uma configuração social. Dessa forma fica explicada a preferência dada pelas mulheres à relação maior com elas mesmas do que com os

homens e, conseqüentemente, com todas as formas sociais de relações que conduzem a formação de um casal reconhecido como tal (TOURAINÉ, 2007).

Todavia, Leal (2005) considera que o gênero é crucial para a estruturação das representações e das práticas sexuais e que é próprio da masculinidade certas atitudes como a iniciativa no campo sexual e a infidelidade conjugal. Ela acrescenta que a sexualidade em seu sentido mais amplo, é forma de pensar e forma de sentir e se caracteriza por conter uma existência que está para além das consciências individuais.

Bourdieu (2005) acrescenta que a assimetria entre os sexos parece estar na ordem das coisas, como um processo normal, natural, a ponto de ser inevitável. O autor entende que é de fato, na relação entre um *éthos* construído segundo a divisão fundamental do reto e do curvo, do aprumado e do deitado, do forte e do fraco, do masculino e do feminino. É num espaço social organizado segundo essa divisão, que se engendram, urgentemente, coisas a serem feitas.

2.2 ESTUDOS NO ÂMBITO DAS COMUNIDADES RELIGIOSAS

Há poucos estudos sobre relacionamento e sexualidade em campos evangélicos e a maior parte deles problematiza mais enfaticamente a situação das mulheres (COUTO, 2002; BESSA, 2006; dentre outros). Rohden (2005) afirma tratar-se de um desafio analítico singular, pois focaliza um campo de inter-relações ainda pouco explorado pelas ciências sociais.

Nos textos a seguir tento salientar que as relações de gêneros na aliança conjugal são terreno privilegiado da religião. A religião, além de atuar como fonte de orientação para os indivíduos, também se apresenta como interlocutora da axiologia das relações conjugais. Em seus espaços se definem padrões relacionais fundados na Bíblia e uma filosofia guardiã da moral familiar. Suas diretrizes vão da escolha do parceiro até a idéia da indissolubilidade, controle de natalidade e possíveis sanções quando da infidelidade e outros 'desvios'. É ela quem firma o contrato dos casais diante de Deus, muitas vezes em parceria com o poder estatal (casamentos com efeito civil) e estabelece condições de perenidade do matrimônio.

Barbosa (1999), estudando os presbiterianos, confirma na sua dissertação de mestrado sobre relações de gênero e sexualidade entre presbiterianos, que a igreja assume um papel fundamental na própria constituição familiar e funciona como mediadora entre os cônjuges na medida em que, ao pregar as ordenanças de Deus sobre os comportamentos dos fiéis, age como uma força atenuadora de conflitos.

Vincent (1992) ecoa, comentando que depois do Concílio de Trento, o casamento, transformado em sacramento, passou a ser realizado nas portas da igreja, e algum tempo depois, no século XVII, ao pé do altar.

Duby e Barthèlemy (1990) revelam que por volta de 1100 surgem os primeiros rituais litúrgicos do casamento no norte da França e o indício de uma influência cada vez maior do poder dos clérigos na vida conjugal, inclusive permitindo à vontade feminina exprimir-se em espaços públicos, perturbando talvez as alianças fundadas numa sólida exogamia e fazendo com que o homem de igreja passe a censurar, enquanto “recuos” de Deus, tudo o que fez sob o impulso de seus amigos carnisais.

Bourdieu (2005) diz crer realmente que, se o domicílio familiar é um dos lugares em que a dominação masculina se manifesta de maneira mais indiscutível (e não só através do recurso à violência física), o princípio de permanência das relações de forças materiais e simbólicas que aí se exercem se coloca essencialmente fora desta unidade, em instâncias como a igreja, dentre outros, e em suas ações propriamente políticas, declaradas ou escondidas, oficiais ou oficiosas.

Essas idéias parecem apontar para a pertinência do estudo sobre relações conjugais num universo que lhe é tão próprio – a religião.

2.2.1 Assimetrias relacionais

2.2.1.1 *Ethos evangélico – um dilema entre a igreja e a “rua”*

Lembro que Cristo disse uma vez – “Pai, não te peço que os tire do mundo, mas que os livre do mal.” Essa intercessão de Jesus por seus apóstolos pode abrir pistas na análise da lógica evangélica que muitas vezes radicaliza o afastar-se do

mundo como uma prática que se antagoniza no *ethos* de cidadãos que são do *Reino dos céus*, mas também da *Terra*.

Barbosa (1999) comenta que apesar da busca por ideais celestes o evangélico realiza-se no mundo. Eles são 'indivíduos-no-mundo' e talvez por isso determinados padrões assimétricos de relação conjugal se reproduzam, sem maiores resistências, nos casais evangélicos. A mesma autora afirma que há um antagonismo na interpretação que os casais presbiterianos fazem da submissão feminina e dominação masculina dentro de casa, uma relação ora vista do ponto de vista dos valores da sociedade atual, ora vista em função dos valores religiosos.

Duarte (2005), numa pesquisa com casais religiosos do Rio de Janeiro, cita a idéia da afirmação crescente de uma moral simétrica entre os gêneros, apesar da manutenção de sua diferença instituinte, o que permite compreender porque o padrão moral evangélico desperta maior interesse nas mulheres e maior resistência nos homens. O autor declara que a conversão feminina implica um reforço do *ethos* corrente, enquanto a masculina exige uma transformação radical de *ethos* e do estilo de vida. Duarte compreende que a 'individualização' (ou 'modernização') do processo do *ethos* privado, até o presente momento, não é encontrada de forma linear nem na definição dos cânones confessionais, nem na experiência imediata dos sujeitos sociais (embora também possa ser encontrada tendencialmente nesses níveis), mas sim nas reconstruções ideológicas e institucionais globais que legitimam o horizonte igualitário, liberal, hedonista naturalizante e autorizam a sua progressiva disseminação.

Maria das Dores Machado (1994; 2005) oferece importantes contribuições ao campo dos estudos da moral e dos valores evangélicos. Estudando evangélicos pentecostais, a autora nota que a participação em movimentos de caráter pentecostal reforça um padrão tradicional de relacionamento familiar. Os pentecostais, tanto os católicos quanto os evangélicos, apesar de a sua representação enfatizar a igualdade espiritual e a responsabilidade individual pela salvação da sua pessoa e do grupo, reproduzem em sua vida doméstica o padrão assimétrico das relações conjugais patriarcais. Desta forma, ao invés da cooperação e redução da distância social entre os membros da família, resultando numa diminuição das tensões domésticas, a ênfase na necessidade de alterar o comportamento moral dos pentecostais provocaria uma atitude de abnegação e

sacrifício, suavizando os conflitos através de uma acomodação às situações vivenciadas. (MACHADO, 1994).

Machado (2005) afirma ainda que entre os pentecostais espera-se que os maridos se preocupem com o bem-estar da família, dedicando-se mais à educação e ao acompanhamento dos filhos. Tais esperanças revelam uma reconfiguração da subjetividade masculina, criando a possibilidade de arranjos familiares mais igualitários.

Com a incorporação da teologia da prosperidade no sistema axiológico dos principais grupos pentecostais e neopentecostais, os líderes da igreja passaram a estimular a entrada das fiéis no mercado de trabalho, o que certamente auxilia na criação de novas zonas de autonomia individual. O fato de pertencer a uma igreja que reforça a auto-estima, e estimula a busca da prosperidade certamente ajuda na superação dos constrangimentos da cultura tradicional, favorecendo o envolvimento da mulher na esfera econômica. (MACHADO, 2005):

O pentecostalismo estimula o processo de autonomização das mulheres diante dos seus maridos e filhos. A conquista de uma autoridade moral e o fortalecimento da auto-estima ampliam as possibilidades de as mulheres desenvolverem atividades extra domésticas, e as redes de sociabilidade, favorecendo, conseqüentemente, a individuação feminina. O engajamento nesses grupos possibilita às mulheres também uma maior participação na esfera pública, com algumas pentecostais evangelizando em praça pública, realizando trabalhos voluntários em presídios, hospitais e entidades filantrópicas, participando de programas religiosos televisivos e radiofônicos e, mais recentemente, dedicando-se a militância política em favor dos candidatos da igreja. (GOUVEIA, 1998; MACHADO, 1999 apud MACHADO, 2005, p. 142).

A autora desenvolve argumentos distintos entre os dois trabalhos realizados em 1994 e 2005. Os efeitos diferenciados constatados pela autora, sobre conversão a uma religião pentecostal e o funcionamento conjugal, podem estar atrelados ao fato de que a conversão tenha sido solitária ou conjugal.

A seguir tento ligar esse *ethos* evangélico às situações de assimetrias estabelecidas no próprio funcionamento do casal e à constrangimentos muitas vezes imperceptíveis. Vamos a eles.

2.2.1.2 Anomias e autonomias - entre masoquismo e/ou histeria

Bessa (2006) realizou um estudo sobre o neopentecostalismo brasileiro mostrando uma prática em que as mulheres são visualizados como objetos constantes de demonização e ao mesmo tempo como soldados na batalha missionária. Mostrarei no tratamento das entrevistas, no meu campo de pesquisa, como esse 'alistamento' pode influenciar nos relacionamentos entre casais adventistas. Por hora mostro, pela lente de Bessa (2006), a esposa e mulher evangélica em dois extremos, um de alienação e o outro de 'liberdade' oprimida. Diz essa autora que a vigilância ao feminino é aterradora: são questionadas as cores, os adornos e as alterações estéticas. O apelo ao estético ou ao ideal de embelezamento (um dos traços da cultura pós-moderna) cede lugar à beleza interior. Contudo, quando essa mulher se expressa mostra a pobreza do solo emocional no qual se assenta. Parece haver um estereótipo ao qual a mulher deve obediência: saias largas, longas e escuras, blusas de mangas compridas de cores sóbrias, cabelos compridos e amarrados em um coque, sapatos baixos, olhar severo. Ao reafirmarem essa *mulher masoquista*, os líderes evangélicos, e maridos, possibilitam a anulação dos temores masculinos diante da mulher enigmática, ou da mulher que tem voz e sabe se expressar. Como a mulher masoquista sacrifica seu desejo, torna-se o ideal para o avanço da igreja, o exemplo da mulher cristã.

Já a *histerica* é a mulher que oferece perigo, porque não se cala, porque se deixa ver e demanda visão, questiona a submissão e se recusa a emudecer. Esta é a demonizada nos meios pentecostais. É ela quem deve ser dominada e tornada masoquista. É ela quem deve aprender que seu papel se resume a cuidar dos outros e não pensar em si. É ela quem deve ser ensinada a se calar e se controlar, pois o mal "anda ao redor e busca devorar".

Vejamos agora, outras ambigüidades observadas nos casais presbiterianos.

2.2.1.3 Ambiguidades nas relações conjugais

Pesquisando a vida privada na Inglaterra, Hall (1991) revela que no começo do século XIX, os evangélicos formavam uma força que operava para salvar a Inglaterra da decadência moral. Sua representação da relação de gêneros afirmava uma igualdade espiritual que não implicava uma igualdade social, ou seja, em termos sociais a esposa estava subordinada ao marido, embora ocupasse um lugar cuja dignidade e estatuto certamente dependiam dos homens, mas onde lhes eram reconhecidos dons 'especiais e exclusivos'. Esse autor revela que, entre os maridos, apenas os ricos podiam se permitir ter esposas que não trabalhassem fora de casa. A mulher do agricultor se responsabilizava pela leiteria; a esposa do negociante cuidava da loja ou da contabilidade; a viúva do fabricante tinha condições de assumir a empresa à morte do marido, mas uma mulher trabalhando em subterrâneos era a negação mais categórica da concepção de feminilidade sustentada pelos evangélicos, por isso lançou-se uma campanha inspiradas por eles, para proibir as mulheres de trabalharem nas minas.

Retomo agora aquela ambigüidade percebida por Barbosa (1999) entre os casais presbiterianos. Ela notou que a representação da submissão feminina, entre os presbiterianos, num momento parece inspirar-se nos valores da sociedade atual, e no outro, em valores religiosos.

A autora descortina outras ambigüidades:

No nível do discurso, os presbiterianos demonstram uma relativa flexibilidade quanto às funções atribuídas à esposa e ao marido, o que possibilitaria certo revezamento e complementação por parte de ambos nos afazeres domésticos.

Na prática as mulheres presbiterianas identificam uma relação tradicional no que se refere à divisão sexual do trabalho intradoméstico. Apesar da fala que aponta um sentimento de honra por serem 'auxiliadoras' dos maridos e desempenharem essa papel, reconhecendo que foram por Deus criadas para isso, as mulheres reclamam dessa sobrecarga de trabalho e responsabilidades que lhes é imposta no dia a dia, e finalizam o discurso de forma contraditória, amenizando essa mesma reclamação, como se a sobrecarga de trabalho não fosse algo tão importante na relação familiar.

Por outro lado, o trabalho extra-doméstico entre os casais presbiterianos é um dos valores assimilados do mundo moderno, muito embora os maridos não deixem de considerar como essencial o trabalho da mulher dentro da casa e a própria mulher não deixe de vê-lo como algo de sua responsabilidade.

Apesar dessa identificação de papéis de gênero que demonstra certa assimilação de alguns novos valores vindos das transformações ocorridas na organização familiar no meio secular, entre os presbiterianos parece predominar o modelo tradicional de família (BARBOSA, 1999).

2.2.2 Assimetrias sexuais

2.2.2.1 *O dispositivo da individualidade*

A conversão é classicamente associada pelos observadores à idéia de uma 'crise' de vida, que suscita o incômodo da adesão rotinizada e demanda um novo horizonte de empatia ou resposta à aflição, porém, a interpretação nativa pós-conversão costuma privilegiar a preeminência das novas condições em detrimento de quaisquer causalidades anteriores: a iluminação na estrada de Damasco, quando Paulo se converteu, é vista, no mais das vezes, como súbita, surpreendente e arbitrária. Embora a interpretação pessoal possa ocorrer no interior de qualquer igreja em que o contexto congregacional não seja estrito, sempre há um ônus psicológico a enfrentar na contravenção dos dogmas ou preceitos. A área da sexualidade é particularmente sensível a essa ênfase, que afeta, por sua vez, indiretamente, a da família e a da identidade de gênero (DUARTE, 2005). Essa hipótese será analisada nos dados obtidos do estudo de campo e pesquisa documental onde procuro fazer a relação entre as orientações da igreja e a prática dos membros.

Segundo Michelat e Mossuz (2003 apud BOZON, 2004, p. 124), na medida em que as sociedades se secularizam e a influência das igrejas e dos seus princípios declina, as fontes de informação e de emissão de normas em matéria de sexualidade multiplicam-se, inclusive, entre os católicos e as pessoas sem religião

não apenas existem enormes diferenças em matéria normativa, mas mesmo entre os católicos mais praticantes, a discordância entre as exigências da igreja em relação à sexualidade e as atitudes pessoais tornou-se bem importante.

A antiga preocupação ética de manter o indivíduo em conformidade com um ideal absoluto foi mudada pelo esforço individual para se adaptar às situações e dar coerência a experiências cada vez mais diversificadas. A norma comunitária, social e religiosa destinada a proteger a instituição matrimonial como base do funcionamento social foi substituída, nesse contexto de ampliação da autonomia dos parceiros, por uma norma privada e interna, que os atores usam para compreender seus comportamentos. Menos homogênea do que a precedente, a nova norma pode ser invocada ou ignorada em função das situações e igualmente em função das novas orientações íntimas; sua colocação, em caso de crise conjugal, implica uma negociação que leva em conta inúmeros elementos contextuais. Ela continua a ser utilizada com maior frequência pelas mulheres (BOZON, 2004).

Na contemporaneidade, a sexualidade deixou de ser vergonhosa, escondida, subversiva. Algumas noções elementares chegam a ser ensinadas nas escolas. As associações religiosas, sobretudo as mais conservadoras, ao preparar os jovens casais ao casamento, atribuem, ainda atualmente, um lugar privilegiado a uma sexualidade advinda de processo educativo. Contra a tradição da igreja, o novo ideal que se apresenta é o de uma sexualidade carnal plenamente investido que dá novo vigor ao laço conjugal (KAUFMANN, 2001).

Estudando casais da Igreja Universal do reino de Deus, Machado (1994) partilha um quadro diferenciado do que apresentei até aqui, mostrando que a IURD contraria a idéia de pietismo, inclusive, sexual, das demais igrejas pentecostais e carismáticas. Vejamos o argumento da autora:

A IURD é uma igreja portadora de uma “ética sem restrições”, não combatendo os “vícios” e “certos costumes considerados imorais por outros grupos religiosos”. Tal característica, se confirmada, constituiria um contraponto à postura pietista dos carismáticos católicos e mesmo ao fundamentalismo que marcou os primeiros grupos pentecostais. Em termos de encaminhamento para ação no âmbito da família, uma postura como esta poderia significar uma apreensão da ética vigente da própria sociedade, evidenciando uma ruptura com o rígido padrão de comportamento imposto pelos grupos pentecostais, particularmente, a Assembléia de Deus (FILHO, 1990 apud MACHADO, 1994, p. 88-105).

“Cerca de 70% dos evangélicos do Grande Rio não nasceram, nem foram criados num lar evangélico.” (FERNANDES, 1998 apud DUARTE, 2005, p. 145). Este é um indicador de história de vida e passagem para conversão que pode ajudar a entender a influência do comportamento secularizado no seio dos casais evangélicos. Isso pode indicar uma passagem de adaptação carente e dependente de espera de maior maturação evangélica.

Há necessidade de compreender o ‘religioso’ na sociedade de hoje não em uma perspectiva nominalista linear, mas no sentido amplo de ‘visão de mundo’ estruturante; de admitir assim que o espaço da ‘religiosidade’ abarca hoje muitos valores e comportamentos oficialmente ‘laicos’ ou, pelo menos, ‘não confessionais’; de enxergar que, para a compreensão do ‘ethos religioso’ nos meios populares, deve ser dado privilégio à vivência geral em detrimento do conteúdo doutrinário das diferentes denominações a que venham a pertencer ou a aderir (DUARTE, 2005).

O que é preciso verificar, assim, não é apenas que exista uma nova e crescente disposição religiosa, mas como se apresentam as novas condições da crença religiosa no estado atual do ‘mercado’ e de que forma se relacionam com as linhas de força ideológicas não confessionais abrangentes, características da ordem pública liberal atual (DUARTE, 2005).

As comunidades religiosas não dispõem de meios coercitivos explícitos de exigência de um comportamento prescrito, sobretudo, evidentemente, no nível privado ou íntimo. Isso significa que a continuidade de um ‘pertencimento’ ou de uma ‘adesão’ não significa necessariamente a obediência aos ditames eclesiásticos. A distinção entre o pertencimento e a adesão permite, por outro lado, que se compreendam as múltiplas situações – típicas do mundo moderno – em que a frequência a uma igreja não corresponda necessariamente a um continuado sentimento de compartilhamento dos valores ou crenças específicos aí cultivados ou vice-versa. O ‘individualismo ético’ constituído de valores estruturantes, também está presente no crescente subjetivismo que tende a prevalecer nas atitudes religiosas, em todos os domínios da profissão de fé. Isso aponta uma gestão de vida privada até certo ponto independente dos ditames religiosos. Embora seja de supor que todas as instituições religiosas aspirem a uma integração coerente entre essas dimensões, podem se encontrar nas sociedades atuais todas as variedades possíveis de combinação entre elas, e suas ausências (DUARTE, 2005).

As descobertas de Duarte (2005) parecem implicar na suposição de que a dominação masculina e as dificuldades sexuais entre os cônjuges, tão reforçada nos discursos dos pesquisadores em campos laicos, podem ser reproduzidas entre os evangélicos das mais diversas denominações. Na pesquisa etnográfica que desenvolvi entre casais adventistas veremos como tudo isso se configura.

Outra situação, a seguir, fortemente demarcada no universo evangélico é a altíssima vocação do casal em função da *imago dei* que parece dar a sexualidade um ar de pureza e sacralidade.

2.2.2.2 *Influência da divinização do sexo nas práticas sexuais*

Dentro dos padrões considerados divinos, o sexo é de certa forma, espiritualizado pelos presbiterianos que o vêem como uma forma de 'glorificação a Deus' ao fazerem uso do que Ele mesmo criou. A restrição do exercício da sexualidade ao casamento parece concorrer para estabelecer a fidelidade, atenuando possíveis desentendimentos entre o casal. Há, inclusive, um código moral de sexualidade que norteia a vida sexual dos casais presbiterianos. Maneiras variadas de sexualidade como sexo oral, sexo anal são consideradas fora dos ideais divinos e por isso consideradas antinaturais, fora das 'vias naturais'. A identidade evangélica, e unida a ela a identidade de gênero, construída invariavelmente sob a analogia do relacionamento Cristo/Igreja, levaria, segundo o discurso oficial religioso, o marido a afastar-se das aventuras 'mundanas' e, por isso, a vida familiar passaria a ser mais valorizada contribuindo para a diminuição dos conflitos com a esposa, para a reafirmação da indissolubilidade do casamento dentro dos moldes religiosos e para a substituição de uma dupla moral sexual por uma moral única. Este é o ideal pregado pela igreja presbiteriana e reproduzido na fala dos informantes (BARBOSA, 1999).

Machado (2005) acrescenta que o imperativo conjugal entre os pentecostais é que, como as esposas, os maridos devem ser dóceis, tolerantes, carinhosos, cuidadosos e levar uma vida ascética regida por uma moral sexual rígida.

Observe também o que Vila (2002) revela no seu estudo com casais de diferentes filiações religiosas: entre os presbiterianos o casamento é entendido como

dádiva especial de Deus para o homem e a mulher, por isso, o sexo é permitido somente no contexto do casamento e considerado como expressão de amor entre os cônjuges à medida que desenvolvem o prazer sexual um do outro. Dessa forma, a relação sexual deve ser prazerosa para ambos. Podem privar um ao outro por pequenos períodos e com a concordância de ambos (MALDONADO, 1996 apud VILA, 2002, p. 13).

Na Igreja católica, a orientação é dada no sentido de que os casais devem doar-se mutuamente, não se privando um ao outro, exceto quando realmente a 'esposa' não tiver condições para o ato sexual, caso em que 'deverá conversar sinceramente' com seu marido (AQUINO; ROMAN 1993; 1936-2000 apud VILA, 2002, p. 12).

Pretendo examinar, entre os casais adventistas, como essa divinização se expressa nos ditos do atores, inclusive que relação pode haver entre a hipótese da divinização do sexo e a santificação do sábado.

2.2.2.3 Aparentes desvios da divinização do sexo

Barbosa (1999) informa que romantismo, entre os presbiterianos abordados em sua pesquisa, é algo que não transparece nem na fala dos informantes, e nem nas observações feitas nos lares e no espaço religioso e que, os finais de semanas dos casais são tomados por intensa atividade na igreja e talvez por isso, o romantismo parece ceder lugar ao companheirismo, e ao amor a 'obra de Deus'.

Entre os casais da IURD e da Católica carismática, Machado (1994) faz os seguintes destaques: apresentando as dificuldades sexuais muitas vezes como 'uma frieza das esposas' ou um 'problema basicamente das mulheres', a orientação das igrejas parece ser no sentido de uma maior compreensão das esposas às necessidades de seus maridos. E é bom que se diga, esta tem sido uma posição partilhada por diferentes religiões cristãs, e não é de forma alguma uma especificidade dos pentecostais. Essas mulheres na maioria das vezes são as vítimas do comportamento desviante do marido ou no máximo são também responsáveis pelos conflitos por não conseguirem entendê-los ou amá-los com suas limitações. A despeito de os líderes dos dois grupos religiosos entenderem como

positiva a atividade sexual exclusivamente no casamento, ainda que o carismático mais discretamente, persiste, em alguns seguimentos destas comunidades, uma desvalorização da sensualidade, com as mulheres interpretando a atividade sexual como um dever conjugal (MACHADO, 1994).

Na pesquisa de Duarte (2005) verificou-se que o reconhecimento do sexo como 'fonte de alegria' varia na faixa de 40 a 60% dos informantes entre as diversas denominações pentecostais (contra 'sacrifício necessário' e 'necessidade biológica').

Termino essa sessão com a afirmação polêmica de Touraine (2007, p. 62): "Em nossa cultura o sexo está mais próximo de Deus e do diabo do que das normas e dos mandamentos".

Nessa fase de estudos dos mais diversos teóricos, percebemos que o amor pode abdicar da intenção de dominar, que a unidade doméstica é um lugar de mais forte domínio masculino e que o silêncio e a submissão, às vezes, podem se tornar virtudes negativas. Descobrimos que a nova paternidade que também alcança as casas evangélicas pode não ser tão nova e que as tendências de individualismo nas igrejas podem ser frutos das transformações ideológicas da sociedade. Conhecemos a mulher masoquista e a mulher histérica nos meios evangélicos, mas percebemos que os casais evangélicos são indivíduos do mundo e que no seu *ethos* se misturam valores da sociedade e valores religiosos. Essas e outras idéias tomaram lugar especial na relação com os pressupostos deste trabalho e com a regularidade dos ditos a seguir.

Avançamos agora para os resultados dos trabalhos no campo de pesquisa, obtidos do exame de documentos e entrevistas.

3 A IGREJA ADVENTISTA E AS SUAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

3.1. O GARIMPO DOCUMENTAL

Examinei cada periódico da igreja editado de 2000 a 2008 além de inúmeros livros, tentando achar elementos relacionados com as representações de gênero delineados nas idéias dos autores da IASD. Juntei material das casas dos casais entrevistados, da biblioteca da faculdade e até, com a devida autorização, das mesas das recepções das diversas faculdades do *campus* do IAENE. Como principal objeto de análise, incluo os dados sobre as revistas e os livros. Em cada documento tento perceber as categorias envolvidas. Os demais elementos, como observações de cultos, programas de TV etc., aparecem apenas como dados complementares.

3.1.1 Revista Adventista – A divinização dos relacionamentos

Essa revista é disponibilizada mensalmente aos membros da igreja. Em setenta e cinco exemplares examinados editados no período de janeiro de 2000 a abril de 2007, encontrei dois artigos referentes à relação conjugal. Num deles intitulado ‘O homem dos sonhos’, a autora refere-se ao que dizia sua avó sobre seu relacionamento conjugal dando a impressão de uma ligação essencial entre a perspectiva relacional humano-humano e a divino-humano: “Nunca tivemos contenda entre nós. Resolvíamos as coisas sem nunca dirigir palavras ásperas e rudes ao outro. Cada vez que éramos tentados a fazer isso, nos lembrávamos da maneira como Deus nos unira. Tínhamos que honrá-lo em nosso relacionamento.” (OLIVEIRA, 2001, p. 19)⁶. Essa aparente divinização do relacionamento conjugal

⁶ Editora associada de livros da CPB – Casa Publicadora Brasileira, editora dos adventistas.

aparece inclusive numa declaração do Manual da IASD (IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2001, p. 194): “O marido deve amar a mulher como Cristo à igreja”, o que foi também observado no estudo de Barbosa (1999) entre os presbiterianos que vêem tal relação como uma forma de ‘glorificação a Deus’ (BARBOSA, 1999).

Num outro artigo, Chagas⁷ (2001, p. 14) fala do perigo do egoísmo na díade evangélica: “Quando a porta se abre e Cristo se torna não um simples hóspede, mas o Senhor da casa, a primeira coisa que acontece é a morte do egoísmo, o maior inimigo da paz entre os cônjuges. Só existe divórcio onde os casais não se divorciaram do egoísmo.”

Essas duas idéias imbricadas na lógica adventista se complementam enfatizando o sugestionamento de uma relação igualitária fundada no altruísmo e na presença de Cristo na relação, como Senhor da díade.

3.1.2 Revista Ministério – “Diferenças” de gênero

A Revista Ministério é um periódico bimestral destinado aos pastores cujos conteúdos contemplam prioritariamente temas teológicos e são raras as referências as questões de vida conjugal. Já a revista ‘AFAM’, analisada a seguir, prioriza temas de família em “benefício das esposas”. Analisei vinte e sete exemplares do período de janeiro-fevereiro de 2000 até março-abril de 2007. Encontrei quatro artigos abordando temas de relações conjugais adventistas.

Tratando o tema das diferenças conjugais, Flower (2000, p. 8) comenta: “As diferenças existem. Embora muitos de nós gostaríamos de fazer o resto do mundo a nossa imagem, a aproximação mais natural para relacionamentos saudáveis compreenderá e aceitará as diferenças.”

Kuzma (2000, p. 7), falando da necessidade de empatia entre os pastores, afirma que “a satisfação do casamento tende a aumentar quando a esposa sente-se realizada na vida pessoal”. Por outro lado, Nagel⁸ (2001, p. 8) declara: “Poucos meses atrás, visitando algumas esposas de teologandos, deparei-me com um

⁷ Diretor do Departamento de Lar e Família da associação Adventista Catarinense.

⁸ Esposa de Pastor, Coordenadora da AFAM – Área Feminina da Associação Ministerial, para a Divisão Sul Americana.

quadro que me tocou o coração. É louvável o desprendimento daquelas jovens esposas; a vontade de se empenhar ao máximo para que seus esposos possam estudar e preparar-se para o ministério”. Porém, Florêncio⁹ (2005, p. 7) destaca a necessidade das esposas dos ministros assumirem papéis discretos e aconselha: “Não assuma tarefas que cabem ao pastor, não tome a frente de departamentos ignorando a liderança já estabelecida. Seja discreta, simples, defensora da igreja”.

O sentido desses achados faz emergir um contraste entre a “realização na vida pessoal” da esposa e a necessidade das mesmas assumirem papéis discretos e *esforços* para que o marido, futuro pastor, possa estudar. A hipótese do discurso igualitário da IASD sobreposto as idéias, nos autores adventistas, de relações menos simétricas em sua díade pode ser aqui avaliada. Lembro a propósito o argumento de Bourdieu (2005) de que a força material e simbólica exercidas no lar coloca-se essencialmente fora desta unidade, em instâncias como a igreja.

3.1.3 Revista Afam – A modelagem feminina

Trata-se de uma edição trimestral destinada às esposas de pastores. Examinando os números editados entre 2001 e 2007, vinte e quatro ao todo, encontrei um artigo que tratam de orientar as esposas sobre como ser uma esposa exemplar.

Essa revista é repleta de conselhos e orientações visando uma mulher santificada, cheia de iniciativa e de dons, feliz, realizada e também submissa. A preocupação inversa relativa ao marido não foi encontrada na revista MINISTÉRIO dedicada aos pastores.

Neste periódico são contemplados diversos temas ligados a relação conjugal, com ênfase no casal pastoral.

No olhar de Rios (2004) a esposa adventista, e mais ainda a esposa de pastor, carrega sobre si múltiplas imagens, umas dispostas sobre outras; a esposa é ao mesmo tempo vigilante das emoções no interior da casa e responsável por diversas funções na igreja. Ela é vista como influenciadora das inúmeras pessoas

⁹ Coordenadora da AFAM na Associação Pernambucana. Têm Graduação e Mestrado em Química.

que lhe rodeiam, especialmente no convívio eclesiástico, também como um termômetro, para verificar as condições e manter o ambiente da casa tranquilo e as emoções estáveis. Na igreja ela é aquela que estende a mão dando boas vindas aos visitantes, falando amorosamente a um adolescente, abraçando uma criança ou sorrindo para um membro da igreja que vem chegando.

Bourdieu (2005) polemiza a suposição da modelação feminina operada em meios, como o evangélico, por exemplo, dizendo que ser *feminina* “significa ser sorridente, simpática, atenciosa, submissa, discreta, contida ou até mesmo *apagada*”, um conceito muito próximo da mulher *masoquista* em Bessa (2006).

3.1.4 Revista Diálogo Universitário – As injunções da igreja (ônus por desviar-se)

Trata-se de uma publicação quadrimestral, destinada aos universitários, fiéis, da IASD, disponível inclusive para o público laico. Das diversas edições examinadas, uma chamou-me a atenção por fazer referência à necessidade de amadurecimento e preparação para uma vida conjugal numa realização mútua. Em um desses artigos percebi que o namoro é enfatizado como algo que precede o casamento de forma responsável e que a maior tragédia do namoro é casar-se antes de transpor o calor dos sentimentos apaixonados e logo após descobrir-se casado (a) com uma pessoa totalmente desqualificada. O artigo também enfatiza que isso seria o que a sociedade chama de ‘casamento fracassado’ quando em realidade trata-se de um ‘namoro fracassado (PELT, 1999)¹⁰. A mesma autora acrescenta ainda que nos Estados Unidos há mais de um milhão de divórcio e que a maior parte da díade casa-se dentro de sete meses depois de se encontrarem, mas a duração média desses casamentos é de sete anos, com cerca da metade desintegrando-se dentro de três anos. Essa autora ironiza quando denuncia que cada um desses casais apresentou-se ao altar com os olhos brilhando de alegria, prometendo amor e felicidade para sempre, não percebendo que estavam cometendo o maior erro de suas vidas.

¹⁰ Autora americana. Escreveu vinte e dois livros sobre vida familiar.

Alguns dos casais entrevistados expressaram seu lamento por terem se relacionado sexualmente antes de casar, desviando-se das injunções da igreja. Vejamos o que disseram Assuero e Ester¹¹ em relação a gravidez que tiveram de enfrentar precocemente:

Fiquei assustado, bastante assustado, não sabia o que fazer, não sabia a quem contar nem como... Falar para os familiares como ia apoiar Ester, sustentar uma família, fiquei bastante assustado. O apoio da família que me ajudou emocionalmente.

Assuero, 20 anos, estudante de Administração, casado há um ano.

Pensava em estudar fazer mestrado e depois ter filho. A gente se uniu, mas nós éramos cristãos superficiais, ia pra igreja, mas não vivíamos o que pregávamos. Só que isso mudou agora.

Ester, 22 anos, estudante de Administração.

Duarte (2005), estudando os evangélicos do Grande Rio percebeu que apesar da diversidade de interpretação pessoal que possa ocorrer no interior de qualquer igreja, sempre há um ônus psicológico a enfrentar na contravenção dos dogmas ou preceitos. A autora destaca que cerca de 70% dos evangélicos não nasceram, nem foram criados num lar evangélico. (FERNANDES 1998 apud DUARTE, 2005, p. 145). Na sua visão, este é um indicador de história de vida e passagem para conversão que pode ajudar a entender a influência do comportamento secularizado no seio dos casais evangélicos.

3.1.5 Lições da Escola Sabatina – O amor na simetria dos gêneros

Estas lições são estudadas durante a semana nas residências e no sábado, em pequenos grupos, na igreja. São editadas trimestralmente com assuntos diversos para serem estudados pelos membros da igreja durante a semana e nas treze publicações examinadas entre 2003 e 2007, encontrei diversos temas abordando questões da díade evangélica.

¹¹ Todos os nomes relativos à Pesquisa de Campo, citados nesse trabalho, são fictícios para resguardar a identidade dos interlocutores. Eles são apresentados como pares bíblicos – Isaque/Rebecca; Abraão/Sara; José/Maria; Moisés/Zípora; Davi/Abigail; Elimeleque/Noemi; Jacó/Raquel; Salomão/Sulamita; Boás/Rute; Lapidote/Débora; Eucana/Ana; Assuero/Ester.

Da lição de julho-setembro de 2007, sob o título “Na Bonança ou na tempestade – Lições de casais do Antigo testamento” destaco o seguinte achado no mínimo atípico em virtude do casamento por amor ter surgido somente a partir do séc. XIX: “Em uma cultura do Antigo Testamento em que os casamentos eram arranjados pelos pais, Jacó e Raquel se distinguem como exemplo de casamento por amor.” (CHRISTO; CHRISTO, 2007, p. 42)¹².

Comentando o modo como Deus descreveu a esposa em (Gên.2:8), esses autores da lição enfatizam que Deus não disse que faria uma mera auxiliadora para Adão, mas uma mulher para complementá-lo. O termo hebraico tem um sentido de “como sua contraparte”. Sua companheira não deveria ser apenas uma ajudante – para preparar comida, cuidar da casa, gerar filhos e educá-los. Mas deveria ser o seu complemento, sua oposta, uma sócia, no mais estrito sentido da palavra. Além disso, a idéia de uma auxiliadora, neste caso, não tem o sentido de uma pessoa de qualidade inferior, pois a idéia de auxílio é mútua. Na relação de Cristo (marido) com a igreja (esposa) a Bíblia se refere freqüentemente a Deus como alguém que auxilia a humanidade (Sl 30:10; 54:4; 121:2; Hb 13:6).

Os casais da amostra em Cachoeira também discursam com ênfase o atrelamento das suas relações com a perspectiva bíblica, essa prática insere reflexões sobre a hipótese da divinização dos relacionamentos na díade adventista:

Quando observamos o relacionamento de Jesus com a igreja, e Paulo observa isso, que da mesma forma como Ele trata a igreja nós deveríamos tratar nossas esposas. Meu relacionamento espiritual e meu relacionamento conjugal têm que entrar na mesma cadência.

Boás, 34 anos, 2º período de Teologia, casados há 14 anos.

3.1.6 Programas na TV Novo Tempo – Infidelidades relacionais e sexuais

Essa é uma emissora de TV da IASD, cujo canal é captado por parabólica em todo território nacional. Assistindo a um dos seus programas, “Código Aberto”

¹² Christo é diretor de educação acadêmica na Divisão Adventista Sul-Asiática. Sua esposa, Roselita Christo, trabalha no escritório da divisão.

registrei o convidado e comentarista da Bíblia, Edson Nunes Junior¹³ comparando o relacionamento de Deus e seu povo com o relacionamento marido e mulher, chamando a atenção para o que o próprio Deus teria afirmado: “O teu Deus te diz: não importa se és virgem ou prostituta, eu serei assim mesmo o teu marido, o teu Deus”. O participante do programa tentava defender a necessidade de harmonia do casal em circunstâncias adversas como adultério ou outras formas de infidelidade.

Num outro programa – “Sua casa um lar”, a Senhora Áurea Soares¹⁴ respondendo a uma carta onde a esposa adventista confessava sua difícil relação com o marido não crente, cheio de ódio pelos evangélicos, aconselha-a no sentido de que ela devia continuar vivendo com o seu marido e que o seu melhor argumento em prol do evangelho seria uma vida exemplar com Deus. Acrescenta ainda que ela deveria tratar bem o seu marido, fazer o melhor por ele e ele então perceberia a virtude de ser um cristão.

Estes dois episódios parecem delinear dois pólos paradoxais, de um lado a simbologia da divinização da ligação conjugal e do outro um aparente conformismo com a idéia do desprezo e da violência. Afinal o imperativo do amor e da felicidade no casal é apenas para o crente?

Costa e Jacquet (2004) observaram em pesquisa realizada na Bahia, entre mulheres convertidas na Igreja Universal do Reino de Deus, que o tornar-se *crente* ou *mulher abençoada* exige delas uma submissão a novas regras de conduta e que a sua interpretação literal dos ensinamentos bíblicos colabora com uma acomodação da mulher e acrescenta ainda que a ideologia da igreja contribui para a satisfação dos homens não-convertidos e reforça a condição de submissão da mulher no grupo doméstico, mesmo que nele ela se sinta subjugada e desprezada.

As autoras arrematam:

Para alguns maridos, a conversão da mulher à Igreja Universal não coloca a sua autoridade em perigo, ao contrário, ela reforça a sua posição de *chefe de família*, hierarquicamente a pessoa mais importante do grupo doméstico e a quem todos devem respeito. As mulheres convertidas de modo geral, não discutem sua submissão ao marido. Com efeito, elas não fazem senão reproduzir o discurso comumente veiculado na sociedade a cerca do papel da

¹³ Entrevista concedida pelo Sr. Edson Nunes Junior no Programa “Código Aberto”, da TV Novo Tempo, exibida em 28 set. 2007.

¹⁴ Aconselhamento da apresentadora Aurea Soares no Programa “Sua casa um Lar” da TV Novo Tempo, exibida em 28 set. de 2007.

mulher: nada mais do que uma colaboradora do marido na vida da família; a ele cabe o trabalho, o sustento e a moral do grupo doméstico. Quando necessários, em função das necessidades da família, a mulher deve trabalhar, ajudar o marido a aumentar o orçamento doméstico. Na verdade, a ideologia da IURD não promove uma ruptura ou introdução de valores mais igualitários no que diz respeito à relação homem/mulher. Ao contrário, o discurso da igreja confirma certos valores que estão ancorados em modelos desiguais de feminino e masculino. (COSTA; JACQUET, 2004, p. 63 e 64).

Além dos programas, que não constituíram especificamente o foco dessa pesquisa, observei também em diversos livros de autores da IASD, vários discursos que configuram situações de desigualdade entre os gêneros.

3.1.7 Debate em estudos na Escola Sabatina – Indivíduo-no-mundo

Num momento da lição da escola sabatina¹⁵, na igreja, quando estudavam sobre a relação de Cristo e a igreja como uma tipologia da relação conjugal entre marido e mulher, um *irmão* comentou que “o principal responsável num casamento é o homem. Ele é quem provê o alimento, é o responsável pela luta fora de casa, e a mulher é quem cuida da casa e da educação dos filhos”. Todavia uma *irmã*, num clima próprio de estudo da lição (em círculo), arremata: “A mulher foi feita para ser uma ajudadora, uma companheira, não para ser pisada pelo homem, mas para ser igual com ele, para estar ao lado”; ao que outra *irmã* retrucou – “O homem é a linha principal da casa e elas esperam o homem decidir”. O estudo chegou ao final com o aparente tom conciliador de outra adventista afirmando - “Deus não oprimiu sua igreja. Ele quer um relacionamento de amor e uma submissão mútua. Ele mesmo afirmou que não veio à sua igreja para ser servido, mas para servir”.

Nesse Ideal muito facetado; práticas laicas de dominação masculina e submissão feminina se entrecruzam com discursos igualitários. Barbosa (1999), nos seus estudos sobre os casais presbiterianos, comenta que apesar da busca por ideais celestes o evangélico realiza-se no mundo. Eles são *indivíduos-no-mundo*. Talvez por isso, supõe o autor, determinados padrões assimétricos de relação conjugal se reproduzam, sem maiores resistências, nos casais evangélicos. Isso

¹⁵ Debate realizado na Igreja Adventista do IAENE sobre a Lição intitulada “Iahweh e Israel: além do fracasso”, em 28 de setembro de 2007.

reforça a pressuposto do discurso da igualdade que se cruza com práticas laicas de dominação masculina.

3.1.8 Batismo num Culto de Adoração – Desejos de posse e de dominação

Presente num dia de culto na igreja do IAENE notei numa cerimônia de batismo, num culto ao sábado, que um pastor resolveu dar um testemunho agradecendo pela conversão do filho. Disse à frente do auditório: “Quero agradecer a Deus e a minha esposa, ela é quem educa os meus filhos”. Pensar que essa fala trás algo além de um simples reconhecimento, e imaginar que ela pode carregar por trás de si um modo característico de relações assimétricas, pode parecer precipitado. Mas quando me aproximei da sua esposa e lhe perguntei sobre o papel dela no processo de conversão do seu filho e o que ela pensava sobre o que seu marido havia afirmado ela me respondeu num tom misto de alegria e tristeza: “Ele sai demais (o marido), trabalha e estuda muito. Eu trabalho e estudo, e não gosto de deixar os cuidados da casa com empregada. Tenho prejudicado minha faculdade e meu desenvolvimento profissional por causa deles. Acho que é por isso que estou fazendo um tratamento de depressão”.

Imagino que uma relação entre esse fato observado e o dizer cru que Bourdieu (2005) impacta o mais ingênuo pesquisador. Esse autor mostra que o desejo masculino emerge como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo de dominação masculina, como subordinação erotizada, ou como reconhecimento erotizado da dominação. Penso que o pressuposto de que há na prática da IASD uma tendência acentuada para a modelagem feminina está bem ancorado aqui. Por outro lado Aboim (2006) na sua pesquisa com centenas de mulheres em Portugal, um campo diferente do nosso, mas com algumas semelhanças, percebeu que a construção do companheirismo e a valorização do *amor amical*, num quadro de apoio conjugal e de projeto familiar, não são questões alheias às orientações espirituais das mulheres religiosas entrevistadas. Na visão dessa autora essas mulheres sentem que constituir família é tanto uma função social a desempenhar como um *destino espiritual* importante.

3.1.9 Guia para Anciãos – O pecado do adultério e as vias do perdão

Os anciãos da igreja são os líderes locais e os pastores os líderes dos distritos que são formados por diversas igrejas. O manual que examinei dá aos anciãos algumas diretrizes sobre relacionamento conjugal, tais como a necessidade de ser sexualmente puro; evitar a indiscrição social amando sua esposa, estando atento a sua vulnerabilidade, precavendo-se ao aconselhar alguém do sexo oposto, especialmente em assuntos íntimos; encarar o adultério como um pecado, não apenas contra si mesmo e sua família, mas contra seu Deus (ASSOCIAÇÃO GERAL, 1995).

Essa gravidade aplicada ao adultério é acrescida do desejo de manutenção da aliança através da prática do perdão mútuo nos cônjuges da amostra, quando responderam, por exemplo, sobre como reagiriam caso houvesse um adultério. A resposta de Davi, por exemplo, foi dada em tom de divinização:

Eu seria mais tolerante, no caso de adultério dela, não por causa do casamento, mas devido ao batismo, então a minha mudança é pela religião. Hoje eu entendo muita coisa. Então eu penso que a infidelidade não seria um problema meu, ou dela específico, e sim das influências do inimigo tentando acabar com a família. Então, eu penso que eu tentaria entender os motivos, e se fosse o caso de perdoar, perdoaria. Seria mais tolerante, não em relação ao casamento, mas ao batismo nosso né!

Davi, 29 anos, esposo de Abigail, Doutorado em Administração, casado há um ano e batizado junto com a esposa há 2 anos.

Talvez esta concepção em um esposo neófito surpreendesse Bozon (2004), a quem não pretendo questionar, no que diz respeito a sua dedução de que a tolerância à infidelidade aumenta com o tempo de duração do casal tanto para os homens quanto para as mulheres.

3.1.10 Manual da Igreja – Pluralidade sobre a permanência da díade

O manual da IASD, no tocante ao divórcio, esclarece que Jesus ensinou que a pessoa que se divorcia do cônjuge, a não ser por causa de relações sexuais ilícitas, e casa com outro, comete adultério. Acrescenta, ainda, que mesmo que algumas relações de família estejam aquém do ideal, os consortes que se dedicam inteiramente um ao outro, em Cristo, podem alcançar amorosa unidade por meio da orientação do Espírito Santo e a instrução da igreja (Associação Geral, 2000).

Por outro lado, Núñez (2005), autor da igreja, estudando a violência entre casais comenta:

O abuso é um pecado. Defender *per si* que uma mulher deve manter um casamento apesar da violência e abuso de que é objeto, é simplesmente não ter bom senso. Em muitos casos o divórcio não é compreensível, mas aconselhável; entendendo que há um valor mais alto para salvar, que é a vida. A discussão a meu ver, não vai por aí, mas pela possibilidade de um novo casamento. (NÚÑEZ, 2005, p.180).

Essa reconstrução de Núñez (2005) pode ser entendida a partir do fato de que muitas vezes há um sofrimento acentuado provocado por um dos cônjuges que não está harmonizado com aqueles ideais divinos. Guiddens (1993) afirma que a sexualidade expressa de modo sublime constitui a nossa principal fonte de felicidade, e quem é feliz está livre da sede de domínio.

3.1.11 Guia para Ministros – Simetrias oficiais, desigualdades oficiosas

Numa seção destinada à relação conjugal do pastor, encontrei algumas injunções onde há uma aparente preocupação com o seu amor dedicado a esposa e com a divisão de tarefas. Nesse achado é dito que o maior presente que um marido pode dar a esposa é ele mesmo, num outro é afirmado que caso o amor cristão não funcione em casa, não vai funcionar em nenhum outro lugar e que nada pode desculpar o ministro de negligenciar o interior da casa por priorizar qualquer espaço exterior, pois o bem estar da família vem em primeiro lugar. Nessa mesma seção os

pastores são aconselhados a ajudar as esposas em tarefas domésticas indicando que dessa forma o ministro não está apenas ao lado dela, mas oportunizando que ambos apreciem a satisfação de realizar algo juntos. O manual lembra que os vizinhos riram ao ver Martinho Lutero pendurando fraudas no varal de sua casa, mas Lutero replicou: “Que eles riam! Deus e os anjos sorriem lá dos céus”.

Esse ideal edênico recebe outros contrastes na fala de alguns informantes:

Meu papel é proteção e sustento do lar, educação e saúde. Trabalhar fora para garantir a segurança no lar. O dela é a organização do lar, ela gerencia o que eu trago pra dentro de casa. Comida eu só faço no sábado quando é basicamente frugal. Sábado à noite vou até uma da manhã escrevendo meu livro e repito no domingo. Isso é pra garantir uma estabilidade futura.

Salomão, 34 anos, Fisioterapeuta, casado a 6 anos

Os serviços de casa? Cem por cento sou eu, cem por cento sou eu, cem por cento eu... (risos).

Às vezes quando é pra comer fruta ele faz, mas comida mesmo não. Ele não faz nada de comida cozinhada, só fruta. Pão, fruta, ele põe no prato e come. Não tem nada de serviço dividido aqui, é só eu mesmo. Vinte e quatro horas... Tudo eu.

Acho terrível porque, eu acho assim, como pai ele deveria participar mais, não pelo fato de estar me sobrecarregando, mas no meu pensamento não é nem pra me ajudar entendeu? Seria mais pra ele ter mais contato com as crianças, entendeu? Eu penso assim pelo fato dele não gostar, não querer mesmo, ajudar ir lá limpar, lavar roupas ou fazer comida. Ele não gosta, mas pelo menos se ele ajudasse, mas pra ter contato físico com as crianças... Mas é muito raro.

Sunamita, 30 anos, esposa do Salomão, interrompeu a faculdade de Pedagogia. Casados há 6 anos.

3.1.12 As relações conjugais nos livros escritos de autores da IASD

Na biblioteca e nalgumas casas tive acesso a diversas obras dos mais variados autores adventistas que discutem sobre questões de família e conjugalidade. Tais obras são colocadas a disposição do membro da igreja e do público em geral em suas lojas espalhadas por todas as capitais do País, inclusive, Salvador e Feira de Santana e na biblioteca da Faculdade Adventista em Cachoeira.

A configuração igualitária na diversidade de papéis masculinos e femininos é focada, no olhar de White (1994), como uma categoria que já deveria ser pensada a partir das relações de namoro: visto como os homens bem como as mulheres têm responsabilidade na constituição do lar, tanto os rapazes como as moças devem obter conhecimento dos deveres domésticos. Diz ela que fazer a cama e arranjar o quarto, lavar a louça, preparar a comida, lavar e consertar sua própria roupa, são atitudes que não tornarão um rapaz menos varonil; torná-lo-ão mais feliz e mais útil.

Essa autora tem sido considerada como a principal pioneira do movimento adventista e junto com seu esposo, Tiago White, um exemplo de relacionamento conjugal para os casais da igreja. Sua trajetória conjugal ocorrida durante todo o séc. XIX, nos Estados Unidos, apresenta no que diz respeito à convivência entre individualidade e conjugalidade certa dose de “feminismo precoce” ou “conjugalidade moderna”. Eles passaram muito tempo distantes um do outro se comunicando por cartas, pois cada um tinha vida pública e ministérios diferenciados (DOUGLASS, 2001). Tal prática corresponde a injunção de que nenhum dos cônjuges é superior ao outro, anunciada no Manual da IASD (IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2001, p.194) .

Ao considerar esse ideal divino na criação do homem e da mulher, Estrada (2003) aconselha ao marido cristão evitar e combater o grosseiro machismo que tem imperado e que tanto prejuízo tem causado, e ao mesmo tempo, exorta-o afirmando que ele não deve ser enganado pelo perigoso sofisma de um modelo humano andrógino que, contrário a criação divina, pretende eliminar ou reduzir ao mínimo qualquer diferença entre o homem e a mulher. Isso trás à lembrança as idéias jocosas de K. Dekhli (1980 apud VINCENT, 1992, p. 367) denunciando que a mulher de ação prefere o *'macho'*, que logo atinge o prazer, usa a sexualidade do homem à sua própria maneira e despreza o *homem lésbico*, e enfatizando que seu gozo é muito mais intenso quando *transa* com um marido na sua brutalidade.

Escrevendo aos jovens seminaristas solteiros da IASD, Vanderman (1993) enfatiza a necessidade de amarem suas futuras esposas para que essas se apercebam que elas vêm antes do ministério e que isso é mais importante do que sermões retumbantes, programa de construção ou orçamentos.

Guedes (2005), falando também às esposas de pastores, enfatiza a necessidade de companheirismo na vida espiritual, no sexo, na educação dos filhos, no ministério, no lazer, nas metas e nos conflitos e salienta, na sua pesquisa,

respostas dadas pelos homens com relação à pergunta – “O que faz um casamento durar?”. Eis alguma delas: A minha esposa é minha melhor amiga; Temos objetivos comuns; Minha esposa ficou mais interessante; Um casamento duradouro é importante para estabilidade social; Concordamos com nossa vida sexual; compartilhamos *hobbies* e interesses externos. Aboim (2006) reforça que hoje, é indiscutível a colagem entre amor e a conjugalidade, assim como a necessidade de uma concepção do amor romântico como princípio vívido do casamento.

Em outro achado, intitulado - Mosaico do Amor, as reflexões sobre sexo são feitas numa linguagem simples e direta: enquanto continuam se abraçando e acariciando um ao outro, os seus corpos, bem como suas emoções, tornam-se prontos para a relação... Muitos casais imaginam que o orgasmo do casal deve coincidir. Isto não é necessariamente verdade. Muitas mulheres demoram um pouco mais a atingir o clímax, que o homem. Algumas mulheres nunca atingem o clímax. Muitos casais são incapazes de atingir o orgasmo simultaneamente; no entanto, isto não prejudica o seu amor nem romance (EBLING, 1995).¹⁶

Entre os pentecostais, Duarte (2005) verificou o reconhecimento do sexo como fonte de alegria, sem referência a coincidência orgástica. Na sua pesquisa foram registradas idéias femininas de ‘sacrifício necessário’ e ‘necessidade biológica’ em relação à suas práticas sexuais.

Uma das minhas informantes me disse não achar importante que o orgasmo seja simultâneo por que o “dele sempre vem primeiro”.

Essa sexualidade recebe tons singulares de divinização entre os conversos da IASD. O amor, por exemplo, é apresentado como um importante fundamento do bem estar do lar cristão. Nessa lógica os maridos devem ser cuidadosos, fiéis e compassivos, manifestando amor e simpatia. São exortados a cumprirem as palavras de Cristo para um amor que não será apenas de natureza sensual de modo a trazer debilidade e enfermidade à esposa e satisfação de paixões baixas exigindo dela que seja sujeita em tudo. (WHITE, 2006)¹⁷.

A *insensibilidade* dos maridos recebe ênfase, no pensamento de Pelt (1991) quando ressalta que alguns homens que consideram o trabalho a coisa mais importante da vida privilegiam o que diz respeito à produtividade, não conversam e

¹⁶ Teórico formado em Teologia e Filosofia, tem Mestrado em Teologia no United Theological Seminary em Dayton, Ohio e Doutorado em Educação pela Universidade Andrews, Berrien Springs, Michigan – EUA.

¹⁷ Autodidata, pioneira da IASD quando do seu início nos EUA em 1844. Escreveu mais de cem livros em diversas áreas, sendo nove deles sobre educação e família.

são tão dogmáticos e autoritários que se recusam a continuar falando sobre um assunto, uma vez que sua opinião já foi dada, e detestam conversar sobre algo que consideram 'trivial'.

O olhar sobre a submissão feminina recebe tons aparentemente contraditórios na argumentação de Reis (2001, p.49-57): "A palavra de Deus ensina que o marido é o cabeça da mulher"; "Algumas mulheres não gostam muito deste verso, e alguns homens o interpretam de forma errada para forçar a esposa a atender os seus desejos egoístas"; "A Bíblia não diz que o homem é superior a mulher"; "O marido é o cabeça, o líder, e a mulher tem que respeitar isto, pois é ordem divina"; "Para o sucesso no casamento, a mulher deve ser submissa. Esta submissão é a prova do compromisso que ela tem não somente com o marido, mas com o próprio Deus"; "Se Deus não for o primeiro na vida da esposa, dificilmente ela conseguirá se submeter ao marido da maneira que o Senhor planejou"; "Mulher, mesmo que você tenha trabalhado durante o dia inteiro e esteja exausta, corra para recebê-lo a porta com um beijo e um sorriso, diga-lhe o quanto está feliz por ele já haver chegado em casa e, por favor, prepare-se para recebê-lo". "Não precisa ter uma roupa cara ou sofisticada, mas deve estar limpa, cabelo penteado e perfumada"; "Não resmungue nem se queixe. As mulheres têm a tendência de reclamar de coisas insignificantes. Às vezes criam um clima desagradável no lar por causa de pequenas coisas"; "Você pode ter um lar que seja um pedacinho do céu na Terra...". Essas idéias parecem coadunar com a hipótese da modelação feminina predominante entre autores da IASD.

Mas, Vieira (1978) contrapõe defendendo uma relação igualitária entre os cônjuges. Comenta que o amor é aquele sentimento sólido e construtor, fecundo, adornado dos mais belos atributos, que marcam a personalidade, vence as fraquezas e funda as bases para um viver sem jaça, muitas vezes a custa de renúncia e vivência de tribulações. Concretiza-se em viver ele por ela e ela por ele; na mais entrelaçada, íntima e deliciosa comunhão sentimental e física.

Esse sentido de compreensão, harmonia e complementaridade recebe tons singulares quando atrelado a concepção da santificação do dia de sábado que parece exercer influência nas relações e na sexualidade dos casais adventistas. Esse tempo sagrado vai do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sol do sábado. Num manual de preparação para o sábado, Reis (2008) afirma que o tempo na sexta-feira passa muito rápido diante da quantidade de trabalho a ser feito - Casa arrumada,

jantar especial para a sexta, almoço diferente para o sábado, sobremesa, roupa passada e pronta para ir a igreja. A autora fala também de uma “colcha de sábado” para cada cama, vaso de flores naturais na mesa além das roupas especiais pra igreja, da comida e sobremesa que devem ser preparadas com muito *carinho*; aconselha a esposa a tratar o esposo como a um rei para que ele a trate como uma rainha, lembra que a experiência de ambos é enriquecida no sábado por meio de orações praticadas durante a semana e recomenda que antes do culto de recepção do sábado ela pode fechar as cortinas, acender as luzes e colocar uma *música suave*. Apesar de esses argumentos estarem mais voltados para a mulher, há uma pista indicadora da influência do *dia do Senhor* na sexualidade e relacionamento dos *senhores do dia*.

Andreasen (1984)¹⁸ reforça o argumento sabático denunciando que os cônjuges hodiernos têm se tornado vítimas da escassez geral de tempo um para o outro e que embora muitos fatores contribuam para o aumento do índice de divórcio, a falta de tempo é proeminente entre estes e tem contribuído para torná-los menos pessoais e mais vulneráveis a desintegração.

Para muitos antigos mestres judeus¹⁹, o sábado parecia-lhes uma importante ocasião para os casais dedicarem tempo na companhia um do outro. A escola mais liberal de rabinos incentivava as relações sexuais nesse *tempo sagrado* porque elas enriqueceriam as alegrias desse dia, tornando-o uma especial ocasião para o terno cuidado de um pelo outro. Os mestres rabínicos de mente aberta que insistiam em que os maridos e mulheres gastassem tempo juntos captaram bem o espírito desse dia. Para os casais adventistas, o dia de descanso não apenas reserva tempo, mas inspira um interesse que pode ser expresso no compartilhamento dos deveres, do diálogo, caminhadas, sorrisos, encontro de idéias, e intimidade do corpo e da alma. (ANDREASEN, 1984).

Transcrevo a seguir um relato interessante que nos serve de base para pensar sobre a argumentação teológica referente ao papel do sábado nas relações dos cônjuges da IASD:

¹⁸ O Dr. Andreasen é professor na Universidade Loma Linda, na Califórnia, EUA.

¹⁹ Ver o livro apócrifo de Jubileus, 50, em R.H. Charles e outros. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*, II, 81 e82

A carreira vertiginosa da vida moderna, agravada pelas diferenças de interesse sociais e pessoais, tem contribuído em grande medida para o distanciamento dos casais. O sábado, ao propiciar aos cônjuges tempo e oportunidade para a convivência, não poderia atuar como importante catalisador para reforçar e renovar as relações matrimoniais? Há pelo menos duas razões para uma resposta afirmativa: uma teológica e outra de ordem prática. Teologicamente a santidade do sábado serve para salvaguardar o caráter sagrado do matrimônio. Ambas as instituições foram dadas para que o ser humano experimente uma relação de pertencimento. O sábado para Deus (Gên. 4) e o matrimônio para o cônjuge (Gên. 2:24; Mat. 19:5-6). Uma díade cristã que cada sábado renova sua entrega a Deus, poderá mais facilmente renovar sua entrega mútua. O sábado demonstra que essas alianças, tanto a divina quanto a humana, são sagradas. A fidelidade ao nosso pacto com Deus, expressa especialmente em nossa aceitação do sábado, é a garantia de fidelidade a qualquer outro pacto. Aquelas pessoas que tomam de forma superficial seus compromissos com Deus, entre eles o respeito ao seu dia santo, são as que mais facilmente violam seus votos matrimoniais. Quando o ser humano se torna capaz de quebrar sua aliança com Deus, também será capaz, conforme as circunstâncias, de ignorar suas promessas de fidelidade ao seu cônjuge. Nas escrituras, o adultério e a apostasia aparecem a amiúde relacionados e descritos em termos similares. A profanação do sábado é chamada apostasia (Ez. 20:13, 21), e a infidelidade conjugal, adultério (Ex. 20:14). As duas expressões são usadas indistintamente para revelar a deslealdade de Israel (Jr. 3:8; Ez. 23:37). Por tanto, o sábado, ao recordar aos cônjuges o caráter sagrado de seu pacto com Deus, aponta uma razão teológica suplementar para reforçar seus votos de fidelidade mútua. (BACCHIOCCHI, 1980, p. 161).²⁰

Apesar de todo esse aporte documental sobre temas da relação conjugal, a desigualdade entre gêneros parece não ser suficientemente explorada nos documentos examinados. As questões de violência contra a mulher são exceções²¹, contudo, não vi nos autores e documentos oficiais da igreja a intenção de discutir as assimetrias esponsais, em lugar disso, observei certa acomodação, um silêncio intrigante. As idéias dos seus escritores divulgadas pela sua editora, CPB, parecem apontar ora para um igualitarismo norteador das relações entre gêneros, ora para uma acomodação das esposas a situação de assimetria em relação aos maridos. Essas idéias e pressupostos são repensados à luz do dito dos casais, como veremos na próxima discussão.

²⁰ Dr. Samuele Bacchiocchi é o primeiro não católico graduado pela Universidad Gregoriana pontificia de Roma. Foi condecorado pelo papa Paulo VI com uma medalha de ouro por ter conseguido a distinção acadêmica *summa cum laude*. Ensina Teologia e História da igreja na Universidade de Andrews, EUA.

²¹ Os adventistas do sétimo dia fazem constantes campanhas relativas à violência contra a mulher em sermões, seminários, congressos, campanhas públicas e nos seus sites institucionais: www.adventista.edu.br; www.uneb.org.br; www.jesusvoltara.com.br dentre outros.

3.2 O DITO DOS ATORES

Essa próxima fase de estudo, precedida de entrevistas face a face com cada membro da díade, separadamente, delineia um exercício de percepção da regularidade dos ditos, na tentativa de reconstruir os actantes sujeitos na sua própria relação com a instância a que remete diretamente, a instância da enunciação (DISCINI, 2003). Na síntese dos discursos enunciados observei que a divinização dos relacionamentos e da sexualidade parece pesar sobre todas as categorias abordadas a seguir. Os ditos apontam quase que invariavelmente para polaridades que ora aparecem claramente, ora de forma subliminar.

Alguns dos temas abordados nessa sessão foram acrescentados ao estudo focado nas hipóteses, porém exercício da transversalidade desses temas com cada uma delas possibilitou o seu tratamento como igualmente relevantes para o estudo das relações de gênero.

3.2.1 Questões relacionais

Mesmo consciente das dificuldades ligadas ao estudo de temas tão delicados como os relacionais, insisti na idéia de entrevistar os casais, que talvez por ser evangélicos apresentem resistência ainda maior que no campo secular. Sabia dos riscos de se obter informações *indiretas* filtradas através da visão dos entrevistados, sabia que a minha presença poderia aumentar o risco de viesar as respostas e que as pessoas não são igualmente articuladas e perceptivas. Mas vi vantagens que me motivaram para insistir na idéia mesmo diante destas limitações. Obtive informações preciosas mesmo num exercício em que os participantes não poderiam ser observados diretamente. Captei informações históricas indispensáveis e permiti aos atores *controlar* a linha de questionamento. (CRESWELL, 2007).

3.2.1.1 Práticas assimétricas

A leitura do cruzamento do exame das práticas relacionais que emergem dos teóricos, exame documental e entrevistas, firma na semântica adventista, a *grosso modo*, ainda que numa dinâmica nem sempre constante, uma tendência para práticas assimétricas trançadas numa lógica de alternância com outras práticas simétricas relacionais.

3.2.1.1.1 Modelação feminina

Um achado amarelado pelo tempo encontrado em minha própria casa me chamou a atenção por achar que podia ligá-lo a minha hipótese da modelação feminina. O achado estava entre documentos arquivados no tempo em que trabalhei como ministro de diversas igrejas em Pernambuco. Era um material de orientação para as esposas de pastores, uma folha solta com um conteúdo traduzido por Waldvogel, sem indicação de data ou origem específica. Nele encontrei, datilografados, Os Dez Mandamentos da Esposa de Ministros:

1. Não terás outros interesses mais importantes para ti do que os do teu marido;
2. Não farás para ti igrejas detestadas;
3. Não tomarás o nome do teu marido em vão;
4. Lembra-te de não revelar os problemas da família aos outros;
5. Honra teu marido, ocupando teu lugar, para que os dias do seu ministério sejam longos;
6. Não serás mexeriqueira;
7. Não serás um fardo para os outros;
8. Não cultivarás gastos além das rendas do teu esposo;
9. Não te apresentarás em desalinho;
10. Não cobiçarás a casa, móveis, carro, vestido ou qualquer coisa da tua irmã ou esposa de outro ministro.

No mesmo espaço havia um texto sobre o vestuário da esposa do pastor e um poema que descrevo a seguir:

Quando te vejo, natural, /Sorrindo varrer a casa ou preparar a mesa;/Calma, na graça do teu porte lindo,/Como o porte ideal de uma princesa;/Quando te vejo,/Os passos dirigindo a nossa igreja,/A qual te julgo presa,/E ali orar, com teu fervor infindo;/E a chama da fé mantendo acesa;/Quando te vejo a cuidar da roupa.../Na cozinha, os

pratos preparando;/Aquele doce... Aquela cheirosa sopa.../Então doce mulher, eu te bendigo e,/Sozinho em minha alma vou pensando:/Feliz do homem que casar contigo!

Essa modelação se reforça no discurso de Sunamita, esposa de Salomão, casada há seis anos, quando reclama do marido que insiste que as coisas funcionem como ele deseja e o caracteriza como um marido egoísta que está sempre cobrando dela um padrão estabelecido por ele. Comenta ainda que “o papel da sua mãe sempre foi o de estar dentro de casa”. Zípora parece sentir os mesmos efeitos, além de ser mãe de dois filhos, ainda vive enfronhada na venda de doces na faculdade onde estuda seu marido. Ela relembra a sua mãe que “trabalhava em casa, ajudava nas finanças e sempre assumiu o papel de mãe no Lar”.

Quando estive num recente Encontro de casais realizado num Hotel Resort Tororomba em Olivença-Ba, registrei o discurso da palestrante Barbalho²² quando apresentava uma lista de atributos do homem e da mulher ideal. Dois itens foram apresentados para o homem ideal – conquistador da afeição da esposa e ajudador. Contudo, a lista para a mulher ideal era mais ampla – companheira, ajudadora, encorajadora, capaz de abençoá-lo (o marido), e capaz de alegrá-lo. Essa lista no caso feminino foi acrescentada com uma advertência de que isso só seria possível se ela estivesse unida a natureza de Cristo. White (2004) autora adventista reforça a modelação quando se refere aos anjos celestes que observam a esposa consumida de cuidados, e notam os fardos que ela tem sobre si um dia após o outro e garante que apesar do nome dela não ser ouvido no mundo, está escrito no livro da vida do cordeiro.

Esses achados entranham a idéia de uma modelação feminina e formam um corolário que aponta para uma preocupação, entre os adventistas muito menos intensa em modelar o lado masculino, indicando vestígios de uma assimetria religiosa nos gêneros.

²² Informação apresentada por Tercia Pepe Barbalho no I Encontro de Casais da Associação Bahia Sul da Igreja Adventista do Sétimo Dia, nos dias 13 e 14 de novembro de 2008.

3.2.1.1.2 Ideais nubentes e práticas desiguais, depois de um tempo...

No fabrico do sentimento de desigualdade, discursos femininos e masculinos se cruzam numa invariável contestação pelo distanciamento entre os ideais românticos do Eden conjugal e a realidade vivida, sobretudo depois de algum tempo de conjugalidade. Aboim (2006), na sua pesquisa realizada com 1776 mulheres portuguesas, que vivem realidade semelhante a do Brasil, percebeu muitas mudanças ocorridas da entrada na vida conjugal até certo tempo de convívio. Descobriu, inclusive, que as finalidades de muitas mulheres permanecem ao longo do tempo e que muitos dos seus valores podem sofrer erosão, mas não desaparecem.

O cuidado da casa sobra sempre pro lado da mulher e aqui em casa não varia, finais de semana, eu, refeições, eu mesmo... Às vezes ele prepara, mas deixa a maior bagunça. Tarefas da casa bem divididas? Não! Aqui em casa não, de jeito nenhum. Quem cuida das crianças? Advinha... Rebecca! Agora a gente tá tentando mudar, depois de tanto reclamar, a gente consegue que ele dê um banho ou fique com ela pra eu sair. No início ele era bem diferente do que se demonstrou depois. Ele era mais carinhoso, mais atencioso, depois se dispersou. Por exemplo, sexta pra nós é dia de preparação. Aqui nós temos culto à noite, tem criança e aí às vezes eu tenho que sair e quando chego, ele fica deitado na cama e eu tenho que correr sozinha. Aí o negócio pega.

Rebecca, 34 anos, *do lar*, casada há 15 anos.

Quando ele me conheceu eu era muito ativa na igreja, cantava no coral, dava estudos bíblicos, nossa! Participava muito, mas logo depois que viajamos pra São Paulo eu já não participava em nada entendeu, não pude dar estudos bíblicos, cantar nos cultos, daí eu esfriei muito, daí ele ficou me dizendo que eu era igual à Babilônia.

Sunamita, 30 anos.

White (2004) comenta como os ideais do início da vida conjugal evangélica são alterados com tempo. Ela repreende um marido considerado desalmado, que não leva alegria para sua família e é visto mais como uma nuvem do que um raio de luz. É mal humorado, despótico, ditador, suas palavras freqüentemente são cortantes, e deixa uma ferida que ele não procura sarar suavizando o espírito,

reconhecendo suas faltas e confessando o seu erro. Esse marido, segundo a autora, necessita cultivar melhores traços de caráter se quiser cumprir os seus votos de afeição e desejar receber as bênçãos de Deus em sua família.

3.2.1.2 A rotinização

Não se pode negar a tendência que há, mesmo numa parceria conjugal evangélica, de rotinizar gestos e permitir mesmo que inconscientemente que a acumulação dos objetos esmague as pessoas em papéis fixos e coisificados. Contra o peso repetitivo e coisificante dos hábitos, eles tendem a firmar sua criatividade interindividual, sua escuta do outro como alguém que pode surpreender, como nos primeiros tempos da relação conjugal (KAUFMANN, 2001). A rotina no dito dos casais foi cambiando o modo de pensar e agir desde os primeiros tempos da relação a dois.

Salomão que está escrevendo um livro que é a *vida dele*, lamenta: “O tempo é pouco e chego em casa tão cansado. A rotina, canseira, enfado. A vida fica meio rotina. Tem que ir a trás do ganha pão.

Olha! Eu acho que se não fosse a igreja eu não tinha continuado no meu casamento por que assim... A igreja ajuda em alguns problemas, a orientação que ela dá e o convívio com outras pessoas. Pela vergonha da separação ou pela preocupação de alguém comentar alguma coisa... Pelo respeito a Deus... Alguma coisa assim, a gente continua juntos... Continua juntos...

Sulamita, esposa de Salomão.

Ester, apenas com um ano de casamento, aponta para Deus como saída. No seu entendimento Ele ajuda em tudo porque a partir do momento que você tem Deus na sua vida, Ele lhe dá mais paciência pra enfrentar problemas menores ou maiores... ‘Ele vai ajudando na *rotina*’.

Aboim (2006) também observa um paradoxo vivenciado pelas mulheres imposto pela presença de rotinas quotidianas necessárias a concretização dos

projetos de conjugalidade, de parentalidade e também de profissão. Esse fato no olhar dessa autora dificulta a manutenção de uma paixão para qual escasseia o tempo e a disponibilidade. A autora considera uma empreitada dinâmica e exigente organizar a vida cotidiana e salvaguardar o casal de uma total imersão nas rotinas. A dinâmica discursiva de Izaque, 34 anos, discora da visão da esposa, Rebeca, que aponta a organização da casa, como o principal problema conjugal - por mais que eu arrume, diz ela, basta chegar os dois e bagunçam tudo e isso me deixa uma arara.

Ela gosta sempre das coisas sempre certinhas. Ela gosta de arrumar a casa... é até meio patológico, as vezes entra até nas horas do sábado e nisso nós somos muito diferentes. Não ligo muito pra isso, às vezes perdemos até o domingo com ela lavando casa, roupa, mudando móveis. Pra mim domingo era pra ficar junto, deitado na cama sem fazer nada, brincando conversando, fazendo cócegas, mas pra ela não, domingo é pra arrumar as coisas e a gente acaba não tendo tempo livre pra ficar juntos, aproveitar. Esse é um dos maiores conflitos. Essa coisa de ficar em casa, tomar conta da casa, lavar, limpar, quase uma patologia tem que ser equilibrada. É verdade que tem que ter uma casa limpa, mas os filhos, a família, são mais importantes do que mesa... Fogão...

Isaque, 4º ano de Teologia.

Há maridos, segundo White (2004), que negligenciam o próprio dever e assim acumulam pesadas rotinas sobre a esposa, ao mesmo tempo em que se sentem em liberdade de criticá-la. Muitos maridos não entendem e não sabem apreciar os cuidados e perplexidades que suas esposas suportam, geralmente confinadas o dia todo à incessante rotina dos deveres domésticos. Frequentemente ele volta do trabalho com a fisionomia carregada, deixando de trazer alegria ao círculo familiar. Se a refeição não saiu na hora, a fadigada esposa, que é ao mesmo tempo, faxineira, enfermeira, cozinheira e ama, é saudada com censuras.

3.2.1.3 O dualismo entre práticas laicas e religiosas

Alguns casais, na amostra, discursaram sobre igualdade e demonstraram tendências para práticas laicas de dominação masculina. Essa hipótese pode ser relacionada com o que observei num dos informantes. Depois de se identificar como

um marido que busca uma relação mais igualitária, Moisés estudante de Teologia, saiu ao final da sua entrevista deixando sua esposa, que seria a próxima entrevistada, com a filha de nove meses que emitia constantes gritos, chorava e desejava ser amamentada. Depois dessa primeira entrevista resolvi pedir ajuda a minha esposa (esse investigador não previu isso no começo do estudo de campo) e decidimos fazer as próximas entrevistas simultaneamente, ela entrevistando as mulheres e eu entrevistando os maridos, pelo bem da pesquisa.

Barbosa (1999) observou entre os presbiterianos um antagonismo na interpretação que os casais fazem da submissão feminina e dominação masculina dentro de casa, uma relação ora vista do ponto de vista dos valores da sociedade atual, ora vista em função dos valores religiosos. Esse espaço religioso, segundo Duarte (2005), abarca hoje, entre os evangélicos do Rio de Janeiro, muitos valores e comportamentos oficialmente 'laicos'.

Eu dou mesada pra ela de cem reais. Ela gerencia o resto que eu dou pra ela pra o mês. Eu faço os cálculos, água e luz 130,00, se ela economizar o lucro é dela. Comida eu dou o valor estimativo, se ela economizar é dela, mas não pode faltar comida. Não pode desviar pra comprar roupa por exemplo. Sou sincero com ela: "Você é a rainha da casa". Eu tenho que batalhar pelo pão. Vivo em constante estresse, constante tensão.

Salomão, 34 anos, fisioterapeuta.

Mesmo que o discurso oficial da igreja adventista seja igualitário, em alguns casais parece predominar o modelo tradicional de família. Isso pode provar que as comunidades religiosas não dispõem de meios coercitivos explícitos para modelar comportamentos, sobretudo no nível privado ou íntimo. A continuidade de um 'pertencimento' ou de uma 'adesão' não significa obrigatoriamente a obediência aos ditames eclesiásticos. Isso aponta uma gestão de vida privada até certo ponto independente dos ditames religiosos (DUARTE, 2005). Salomão declara que o casal vive bem, exceto "nas crises de ciúme dela". Ele lembra que a esposa lhe deu um beliscão na barriga que ele teve que "parar o carro para aliviar a dor". Sunamita, sua esposa, retruca:

Ele sempre foi de brigar e bater, e me bateu muitas vezes, o meu braço ficava roxo, eu tive que botar brusa de manga longa, no sol quente tive que andar de blusa longa, usar pomada e tudo. Nesses últimos seis meses teve uma discussão feia aqui, daí ele começou a me bater no mesmo braço, e eu deixei, daí o meu filho chorou, eu fui pegar, quando eu voltei eu fui questionar ele de novo, ele todo ignorante, aí eu comecei a bater nele, ma eu bati tanto eu bati tanto, com esse mesmo braço. Quando eu bati nele ele não me agredia não, nossa! Mas eu bati tanto. Quando cheguei ao quarto meu braço estava todo inchado. Pronto... Ultimamente eu disse que ele não ia, mas me bater, nem que eu quebre todos os cabos de vassoura da minha casa, mas ele vai apanhar também, porque nossa! Eu nunca tive coragem de denunciar ele na delegacia e tal, mas qualquer coisa eu já disse a ele, eu não vou mais apanhar sozinha, no dia em que você me bater, você vai apanhar também.

Sunamita, 30 anos, interrompeu o curso de Pedagogia no 2º período.

Outra prática laica, o sexo pré-marital, ocorreu entre três casais da amostra. Maria, por exemplo, comentando sobre este fato, revelou que sua família reagiu com tranqüilidade e que, quando engravidou, a única saída foi casar. Segundo a entrevistada sua mãe foi quem falou: 'pense melhor', mas no seu olhar, ela tinha certeza do que queria, ainda que no início ficou em pânico, chorou muito e ficou deprimida.

Estudando famílias com pluralismo religioso no Ibura, bairro de Recife, Couto (2005) observou que embora as religiões evangélicas proponham um novo sentido para a vida do crente, baseado em uma nova ética, é impossível um completo despreendimento de seus antigos referenciais identitários.

3.2.1.4 Práticas igualitárias

Segundo Touraine (2007) a igualdade de fato geralmente está ausente, de sorte que o casal igualitário tem consciência de, na contracorrente, vive-la sem saber quanto tempo ela pode durar. Ainda assim observamos uma tentativa de reconstrução discursiva feita por casais adventista numa lógica de alternância valorizando a individualidade, mas também a participação.

Jacó, marido de Raquel e pai recentemente, afirma que no final do trabalho quer ir pra casa ficar com o bebê e que no passado trabalhava mais tempo, agora, diz ele, “terminou o expediente eu já priorizo ir pra casa, ajudar também né” e acrescenta: “A gente se divide, eu ajudo muito, às vezes ela não quer e diz: não! Descansa! Você já trabalha a semana toda. “No que eu posso ajudar eu estou sempre presente”. Raquel, sua esposa, confirma: “Ele cuida, até dá banho no bebê, bota pra dormir, ele ajuda bastante”. José e Maria confirmam essa tendência:

Nós dois cuidamos da casa, porque eu nunca fui machista sempre ajudei minha mãe. Nos finais de semana, às vezes eu, às vezes ela. Quanto às crianças, como eu trabalho à noite, quem está de manhã e a tarde em casa sou eu, então ler a lição, dar banho, preparar pra escola e colocar refeição sou eu e a noite, ela. Hoje eu não teria uma teoria de desigualdade, hoje a gente tá buscando o mesmo pensamento não há nada que leve prejuízo um ao outro. Nós dois organizamos tudo que a gente vai fazer tudo que a gente precisa manter estruturado dentro da nossa casa. A gente combina tudo antes.

José, 34 anos, técnico em laboratório, 2 filhos com 3 e 7 anos, trabalha à noite.

Nós dois cuidamos das refeições, mais eu do que ele, nas tarefas da casa por incrível que pareça ele faz mais do que eu. Quanto as crianças, durante o dia é o pai e a noite sou eu, ele fica mais com as crianças do que eu.

Maria, 28 anos, fisioterapeuta, trabalha pela manhã.

Querer ter uma casa, crescer economicamente são interesses que a quase totalidade das mulheres inquiridas por Aboim (2006) apontaram como muito importantes para se ter iniciado uma vida a dois. Contudo, Quadros (2006) considerou que a vivência desse novo marido e novo pai que se coaduna com as velhas expectativas da sua *amada*, é mais ideal que real.

Couto (2005) observou entre os casais que no instante da sua pesquisa compartilhavam a mesma fé e prática religiosa, maior diálogo, o que ainda assim não resultou em um padrão que se poderia caracterizar como *igualitário*.

É fato que Machado (1994; 2005) percebeu que os evangélicos e católicos carismáticos reproduzem em sua vida doméstica o padrão assimétrico das relações

conjugais patriarcais, mas entre os adventistas da amostra encontrei diversos casais com práticas igualitárias.

Eu sou 99% mãe e 100 % pai. E ela é 100% mãe e pai. Sou só 99% mãe porque não dou leite no seio, mas o resto eu faço tudo, cozinho, lavo, troco fralda, dou banho em todos. E ela também faz tudo. Se ela faz viagem eles não notam a falta porque eu faço tudo. E se eu faço também, porque ela preenche tudo. Então com os dois juntos há uma divisão e quem está na hora faz.

Eucana, 44 anos, Doutorado, casado há 20 anos com Ana.

Como eu sou professor, meu horário é mais flexível e às vezes eu acabo sendo um indivíduo mais noturno, porque eu aproveito mais o dia para dar mais atenção para as crianças, na educação. Até porque a esposa também estuda e a gente fica trocando um pouquinho o trabalho de casa para dar mais assistência.

Elimeleque, 42 anos, Especialização-Pedagogia, casado há 14 anos com Noemi.

Tem natal que eu fico aqui, com os pais dele e tem natal que eu vou pra casa de meus pais. O meu esposo me ajuda muito. A gente sempre procurou conversar, entrar em um acordo. Oramos juntos. Eu gosto muito de minha vida conjugal. Minha visão de um casal realizado é de um casal que sempre está entrando em acordo, sempre dialogando, que se completa, que responde às expectativas do outro.

Noemi, 34 anos, 2 filhos, 4 e 7 anos, Estudante, 2º per. Enfermagem.

Refletindo sobre a igualdade como um princípio estruturante do universo ético dos casais, Salém (1989) afirma que o valor da simetria não postula que homem e mulher sejam em essência iguais, mas que ele postula, antes, uma distinção valorativa de seus atributos e de seus domínios.

3.2.1.5 Trabalho doméstico

Dados da pesquisa de campo de Couto (2005) levam-na a observar um distanciamento em termos de compartilhamento de responsabilidades domésticas

entre casais. Porém na semântica de expressão entre casais adventistas, excluindo apenas uma exceção da amostra, os maridos adventistas de Cachoeira demonstram boa vontade e habilidade em tarefas domésticas. Alguns deles são responsáveis constantes pelo café da manhã e jantar e às vezes pelo almoço. Essa prática é ainda mais comum entre os cônjuges cujas esposas trabalham.

Domingo eu preparei todo o almoço. Minha preocupação é não deixá-la fatigar, por causa do menino... Roupa, quem mais lava é ela e eu coloco no varal. Damos banho juntos na criança, almoço, etc.

Lapidote, 36 anos, Pedagogia, casado com Débora há 3 anos.

A gente divide o cuidado da casa. Porque meu esposo trabalha, então eu quando estou em casa, tomo conta. Ele quando chega me ajuda no que pode. Quanto à alimentação, se eu tenho uma coisa importante para fazer, ele faz a comida. Quando a gente faz comida juntos eu vivo os momentos mais felizes da minha vida conjugal..

Débora, peruana, 33 anos, 1 filho com 8 meses, *do lar*.

A gente costuma dividir assim: ele cozinha mais a parte salgada, e eu faço os doces, o bolo, as sobremesas...

Abigail, 30 anos, convertida a 1 ano, casada há 2 anos com Davi, 2 filhos-9 meses e 10 anos, Fisioterapia, *do lar*.

A aproximação entre homem e trabalho doméstico é definida por Quadros (2006) como algo que deve ser vivido como uma relação prazerosa, e uma relação de maior proximidade emocional com a prole, especialmente pela maior presença do pai na casa. Mas esse autor também percebe que o homem, mesmo o mais participativo, tende a reforçar assimetrias conjugais na medida em que utilizava de seu maior poder de escolha para selecionar as atividades que prefere fazer.

A mulher tem mais habilidade, mas eu não gosto de me aproveitar disso não, apesar de ter coisas que eu faço, mas eu não gosto. Mas da mesma forma que eu não gosto eu sei que tem muita coisa que ela faz e não gosta. Ela sabe, ela cuida de tudo melhor do que eu. Quando ela tem tempo disponível ela tem mais habilidade, mais prática, ela faz melhor, ela é responsável pela casa, mas eu tenho que ajudar sempre que necessário.

Boás, 34 anos, Teologia-2º per. casado há 12 anos.

Na verdade são os dois. Eu sou muito participativo, porque como eu morei sozinho, acabei criando algumas regras pra mim mesmo e pra casa, então ela cuida muito mais da limpeza da casa, eu cuido mais da parte da alimentação, do que a gente ta comendo, do que a gente ta consumindo. Eu preparo o almoço, o jantar, café da manhã.

Davi, 29 anos.

Eu faço as refeições no final de semana... Todo domingo é certo. Também os cuidados da casa no fim de semana, a maioria das vezes, eu. . Sendo sincero eu odeio fazer serviço de casa. Eu geralmente a ajudo na parte da cozinha e a tomar conta do filho. Quando ela estava trabalhando, das seis às onze da noite eu tomava conta dele. Eu não vejo nada de mais, porque dentro da minha casa sempre foi assim também.

Abraão, 28 anos, filho com 1 ano e 4 meses, Superior incompleto, casado com Sara há 3 anos.

Embora Bozon (2004) tenha afirmado que a passagem à parentalidade aparece como um dos momentos da história do casal onde as relações de gênero, depois certo tempo, tendem a se transformar em instâncias de diferenciação capazes de produzir desigualdades, não percebi essa tendência no caso desses casais em que o marido tem maior participação nas atividades domésticas.

Hoje eu vou cozinhar (domingo), os meus filhos estão acampados, estamos somente os dois, ela já pediu que eu fizesse uma macarronada que eu gosto de fazer. Na sexta feira que é a preparação pro sábado eu gosto de ajudar também, um prato diferente, uma lasanha. Depois que viemos para o IAENE, mudou bastante nosso modo de vida, eu sempre trabalhei muito então não tinha tempo pra cuidar de casa, eu não queria perder tempo com essas coisas, minha esposa é que tomava conta de tudo. Quando vim pro IAENE tudo isso mudou, hoje ela trabalha e eu não trabalho. Hoje eu sou responsável por cuidar das crianças, mas ela é que orienta. No domingo passado o dia todo lavando roupas, eu e ela.

Boás, 34 anos.

Como nós dois temos horários flexíveis, nem todos os dias eu estou trabalhando no mesmo horário, então a gente faz essa adequação, por exemplo: Se ela está no estágio pela manhã e eu estou em casa, eu cuido de acordar os meninos, de dar o almoço, de deixar tudo tomado banho, colocar pra dormir ou encaminhar para escola. Quando ela não está no estágio e eu estou trabalhando, aí ela faz isso. Há uma troca!

Davi, 29 anos.

Um dos entrevistados de Quadros (2006) achava que a dedicação profissional da mulher *atrapalhava* o bom desempenho materno nas tarefas domésticas e de criação de filhos. Os diversos maridos adventistas em lugar dessa atitude crítica assumem uma postura maternal de cumplicidade com as esposas em relação as tarefas de casa e cuidado com as crianças. Um deles, Elimeleque, esposo de Noemi chegou a reclamar informando que houve um momento em que ele se sentiu explorado e até evitou essa prática. Para ele, fazer alguma coisa nesse sentido é um privilégio presenteado à sua esposa. O fato é que, quando ela parou de trabalhar, não quis que ele diminuísse a suas tarefas em casa. Para Elimeleque, “não era justo”.

Boás esposo de Rute é um dos três maridos da amostra, que estudam na Faculdade Adventista, em Cachoeira, e não trabalham regularmente.²³ Eles têm somente o período de duas férias no ano para buscar os numerários que geralmente são obtidos através da Colportagem (um sistema de vendas de livros da IASD por todo o Brasil).

3.2.1.6 O dilema entre um emprego e a educação dos filhos

Entre os adventistas parece haver um acordo de *sacrifício* quando do nascimento dos filhos no sentido de abrir mão de um trabalho assalariado ou fixo para dedicar maiores cuidados à educação da criança. Num casal, o homem

²³ Observei em muitos casais da amostra um vínculo pontual com Cachoeira, como se fosse um lugar de passagem, por estar estudando na faculdade, ou por outros motivos, tornando seu domicílio um lugar mais circunstancial do que permanente. Muitos maridos não têm um trabalho fixo, outros trabalham bem próximos ao IAENE ou são professores na Faculdade e por isso tem mais tempo em casa. Essa disposição dos maridos na labuta doméstica, analisada nessa sessão, pode estar ligada a esse fato.

assume esse cuidado, num outro a mulher. White (2004), em seus escritos, repreende a mulher que acumula qualquer trabalho que a desqualifique para a obra de educar os filhos e fazer deles aquilo que Deus deseja que sejam, pois no olhar dessa autora muitas das deformações de caráter mal disciplinado do filho jazem à porta da mãe. Acrescenta ainda que as mães não deveriam aceitar ocupações na igreja que as obriguem a negligenciar os filhos.

Ela parou de trabalhar né, no início eu queria que ela retornasse até por uma questão de orçamento, depois eu mudei logo de idéia, terminou a licença maternidade aí nós conversamos chegamos num consenso pra que ela parasse pra se dedicar a educação dele.

Jacó, 31 anos, Administração, 1 filho com 1 ano, casado há 3 anos com Raquel.

A idéia de deixar o meu emprego foi dos dois, eu precisava estar com o nosso filho. Nós conversamos bem antes, deixamos isso bem claro. Acho que o mundo está complicado demais, ele precisaria ter mais contato com a mãe. Muitos filhos foram criados com outras pessoas, mas o mundo está muito perverso, ninguém melhor que a mãe pra isso.

Raquel, 31 anos, superior incompleto, *do lar*.

A ótica de Estrada (2003)²⁴ visualiza uma dinâmica conjugal da qual emerge uma mulher que embora saiba que a sua realização não deve ser exclusivamente a criação de bons filhos, ao mesmo tempo é crítica daquela mãe que não é mais vista no lar e nem possui a abnegação de carinhosamente alimentar e educar seu filho em idade tenra, daquela mulher que abandona o lar para trabalhar num lugar qualquer e deixa os filhos aos cuidados de uma outra pessoa.

White (2004) lamenta o fato de que muitas mães não estão firmes em seu posto de dever, fiéis a sua posição de mães. E acrescenta que Deus não exige das mães nada que não possam na Sua força realizar.

²⁴ Antonio Estrada é mexicano, adventista e obteve seu doutorado em Estudos Sobre Matrimônio e Família, nos estados Unidos. É também Mestre em Teologia pelo Fuller Theological Seminary, EUA, Mestre em Religião pela Universidade Andrews, e Mestre em Terapia Familiar pela Universidade das Américas, México. É atualmente professor catedrático no Centro Universitário Adventista, em Engenheiro Coelho, SP.

Ela trabalhou fora até engravidar, depois que os filhos nasceram ela não trabalhou. Se dedicou aos cuidados da criança.

Boás, 34 anos.

Eu ainda tentei voltar à tona, trabalhar, mas eu percebi que não tinha condição, eu tinha que fazer uma opção. Eu tive que abrir mão de trabalhar pra ter as coisas que eu sonhava né. Realizar assim os meus desejos, essa coisa que mulher quer ter, sua independência né. Ter independência do marido nesse aspecto, mas eu percebi, ou eu fazia isso e abria mão da minha filha, ou eu cuidava dela e abria mão do trabalho. Eu tive que fazer essa escolha. Aí eu optei por cuidar da minha filha, da minha casa e do meu marido melhor. Aí eu parei de trabalhar.

Rute, 38 anos, 3 filhos-6, 8, 12 anos, Pedagogia-2^o per. Relato de quando os filhos eram menores.

Elimeleque diz que os dois optaram por ela não trabalhar para ter um tempo mais com as crianças, porque se ela trabalhasse seria um período na escola e os outros dois no trabalho e não teria tempo para a família. Ele lembrou que o aperto financeiro foi grande, mas foi uma opção que o casal julgou necessária em prol da educação dos filhos. E concluiu: “Eu acho que a vida acaba virando uma corrida de loucos atrás de obter uma porção de coisas e você acaba não tendo tempo de viver com filhos e a família”. A sua esposa Noemi, chegou a trancar a faculdade e o trabalho na igreja, parou só pra ficar “em prol da criança” e afirmou que a idéia veio dos dois. Hoje ela está de volta à faculdade, mas não ao trabalho, seus filhos têm quatro e sete anos. A força dos conselhos de White (2004) parece encontrar guarida no seio dos ditos invariáveis de muitos casais da IASD.

Mães! O destino de vossos filhos está em grande medida em vossas mãos. Se falhais no cumprimento do dever, podereis pô-los nas fileiras de Satanás, tornando-os seus agentes na ruína de outras almas. Por outro lado vossa fiel disciplina e piedoso exemplo podem lavá-los a Cristo, e eles por seu turno influenciarão outros. (WHITE, 2004, p. 268).

Estrada (2003) afirma que as crianças não podem permanecer completamente sozinhas em sua formação, pois sua falta de maturidade e conhecimento lhes acarretaria graves problemas originados da falta de cuidado, educação e correção dos pais. Em sua opinião os pais não podem ignorar a

presença do pecado e seus efeitos, nem negar a realidade de que os bons hábitos e as virtudes não surgem por casualidade, precisam ser moldados.

3.2.1.7 A divinização dos relacionamentos

Os relacionamentos entre casais adventistas estão trançados numa visão bíblica do relacionamento como algo divinizado e esse olhar reforça a preocupação em manter a convivência inspirada nos ideais edênicos capazes de levá-los a uma constante reconstrução de suas relações. Nesse ethos o discurso em torno de um devir mimético fundado no perdão de Deus e do próximo estabelece uma transcendência espiritual das relações.

Eu acho que a pedra fundamental pra um relacionamento é você ter uma igreja, uma doutrina, uma filosofia e principalmente você ter Deus em seu relacionamento, então a cada sermão, a cada estudo bíblico, a cada Semana de oração, a cada perdão que obtemos nos aproximamos mais de Deus e isso deixa nosso relacionamento também mais próximo, há uma comunhão maior entre o marido e a mulher.

Davi, 29 anos.

Quanto mais eu oro mais eu gosto da minha esposa, essa é a equação que eu encontrei, quando eu percebo que está ruim, eu oro mais, aí começa a melhorar nosso relacionamento, essa foi a equação que eu descobri pra minha vida.

Boás, 34 anos.

O questionamento da escolha acontece na maioria dos casamentos. Um relacionamento deve se iniciar com uma base sólida e a base que eu digo é Jesus. Quando não começa assim, começa aquela coisa superficial, de um relacionamento muito egoísta, muito voltado pra você mesmo. Pensa só naquela coisa de relacionamento carnal mesmo né... Pele.

Rute, 38 anos.

Pra uma relação mais harmoniosa em primeiro lugar é preciso se apegar mais a Deus, fazer o culto familiar, buscar contato com Deus.

Noemi, 34 anos.

O Manual da IASD (IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2001, p. 194) declara que “o marido deve amar a mulher como Cristo à igreja”, o que reforça a idéia de que quanto mais perto o casal estiver de Cristo e Sua igreja, mais perto estarão um do outro, mais protegidos estarão contra as armadilhas do *inimigo* (WHITE, 2004). Essa construção invariável sob a analogia do relacionamento Cristo/Igreja, segundo o discurso oficial religioso, pode ajudar o casal a guardar-se dos truncamentos relacionais “mundanos” e, por isso, a vida familiar passaria a ser mais valorizada contribuindo para a diminuição dos conflitos conjugais e para a reafirmação da indissolubilidade do casamento (BARBOSA, 1999). O amor é representado como uma planta de origem celeste que precisa ser cultivada e nutrida. Corações afetivos, palavras sinceras, amoráveis, farão os casais alegres. O coração não convertido é incapaz de originar ou produzir esta planta de procedência celeste, que só vive e floresce onde Cristo reina (WHITE, 1994).

José, 30 anos, casado com Maria, enfatiza esse sentimento delineado no casamento como instituição abençoada pelo Deus que personaliza esse amor e vitaliza o enlace matrimonial. Pra pessoa viver bem no casamento, diz ele, “tem que centralizar em Cristo, estar sempre buscando orientação de Deus pra fazer o que é certo.” Mas essa lógica do *amor adventista* também sofre abalos:

Houve um momento complicado em minha vida, por estar fraco espiritualmente. Eu liguei pro meu pai nos EUA, com um pensamento de querer separar da minha esposa e ele me disse: “meu filho quanto tempo tem que você não passa de joelhos orando, qual foi a última vez que você orou ao senhor demoradamente?” Eu disse: oh pai! O senhor tá longe, não sabe de nada, como é que o senhor fala uma coisa dessas... Isso me ajudou na concepção que eu tenho hoje: se você enfraquece espiritualmente a primeira coisa que o inimigo faz é destruir é o casamento.

Boás, 34 anos.

Estrada (2003) argumenta que o amor divinizado, entre a esposa e seu marido é o amor que se prolonga para a eternidade, num lar onde os remidos desfrutarão a felicidade na plenitude originariamente planejada por Deus.

3.2.1.8 O significado relacional do dia de sábado

A santificação do dia de sábado tem especial significado para os casais adventistas. Sua influência transversaliza, *relacionamento e sexualidade*, as chaves de interpretação deste trabalho. A reverência a esse dia se reflete em questões relacionais mais amplas. A maneira como esses casais guardam o sábado e vivem esse dia exerce influência para maior ou menor simetria nas relações conjugais.

A vivência desse tempo especial de dedicação mútua aponta para a possibilidade de se experimentar melhor a complementaridade, o crescimento e a alegria da intimidade física e espiritual (ANDREASEN, 1984).

O sábado ajuda e muito, porque é o dia da principal obra de Deus que é o dia da família né, então a gente fica em casa, tem tempo juntos, conversa e almoça juntos com muito mais tempo que o corriqueiro. É o dia da comida mais gostosa, é o dia da sobremesa, é o dia enfim, da igreja, de ir à igreja todo mundo junto, sentar no banco todo mundo junto, então é um dia realmente especial pra família, como pro casal também.

Davi, 29 anos.

No sábado temos tempo um para o outro, pra conversar, falar sobre a Bíblia, sem preocupação, sem correria.

Lapidote, 36 anos.

Nesse dia é quando você foge dos afazeres e vai para a igreja juntos, está fazendo tudo junto. Porque durante a semana embora aconteça o culto, mas nem sempre é junto com toda a família. Nos outros dias, durante a manhã eu tenho que fazer o culto com as crianças, que acordam cedo, levo para a escola e na volta eu faço o meu culto com ela, para poder ter um momento com ela. E à noite ela nem sempre

está presente, pois está na sala de aula. Mas no sábado está todo mundo junto. Proporciona o momento familiar. Isso é fantástico, fortalece os laços familiares.

Elimeleque, 42 anos.

Na opinião de Bacchiocchi (1980) uma díade cristã, que cada sábado renova sua entrega a Deus, poderá mais facilmente renovar sua entrega mútua. Por tanto, o sábado, ao recordar aos cônjuges o caráter sagrado de seu pacto com Deus, aponta uma razão teológica suplementar para reforçar seus votos de fidelidade mútua. Sua doce e prazerosa atmosfera provê um marco ideal para uma comunhão mais íntima e um companheirismo mais profundo. Esta aproximação de copos e almas que o sábado favorece ajuda a díade a superar o distanciamento e as tensões da semana, e a renovar sua entrega mútua e sua aliança com Deus.

Mesmo em meio a uma visão quase unânime sobre os benefícios da santificação desse dia na díade adventista, percebi algumas falas que demonstram preocupação com o excesso de trabalho *espiritual* de um dos cônjuges nessas horas *sagradas*. Barbosa (1999) nos seus estudos entre casais presbiterianos observou que o romantismo em muitos casos parece ceder lugar ao *amor* pela obra do Senhor. Uma das informantes, Noemi reclama que o marido trabalha a semana inteira e quando chega o sábado se tiver muito cargo na igreja pode acabar deixando de ficar com a família. Boás se preocupa em equilibrar seus compromissos no sábado para que não se torne um fardo ao invés de descanso. Rute lembra que já atuou no sábado como diretora de escola sabatina e em diversos outros cargos, como auxiliar no departamento infantil, ajudou no jardim, no rol de berço, etc. Lapidote chega a dizer que *aproveita* bastante o sábado, dividindo o tempo pra cantar na igreja, servir no diaconato e acrescenta o que ocorreu num sábado muito agitado: “Às vezes eu saía correndo pra igreja, mas percebia que minha esposa vinha sozinha. Eu a deixei ficar pra trás, num sábado.” Abraão também desabafa sobre o tempo em que cantava num conjunto da igreja: “Do começo do ano para cá eu resolvi dá um tempo porque eu estava me cansando muito, tendo dificuldade de conciliar o trabalho na igreja com outros afazeres.” Abraão ainda se queixa da esposa em um determinado tempo de excesso de trabalho sabático: “A Dedicção excessiva dela atrapalha a santificação do sábado, porque tenho menos tempo com ela”.

Mesmo assim o dito regular sobre os benefícios desse dia parece ecoar numa maior freqüência entre documentos garimpados e apologia dos atores:

Na prática, o sábado pode contribuir poderosamente para o aperfeiçoamento das relações conjugais. Sua doce e prazerosa atmosfera provê um marco ideal para uma comunhão mais íntima e um companheirismo mais profundo. O exercício do matrimônio depende em grande medida do grau de comunicação e compreensão mútua da díade. As estatísticas mostram que a maioria dos matrimônios fracassa por falta de comunicação. O sábado proporciona a aos cônjuges o tempo e a inspiração necessários para uma convivência melhor. A celebração das bondades divinas aporta o espírito ideal para uma entrega mútua mais generosa expressa de múltiplas maneiras: compartilhando idéias, planos, tristezas e alegrias, passeando e saindo *juntos*, brincando, rindo e descansando *juntos*. Esta aproximação de copos e almas que o sábado favorece ajuda a díade a superar o distanciamento e as tensões da semana, e a renovar sua entrega mútua e sua aliança com Deus. (BACCHIOCCHI, 1980, p. 161)

Na visão de Boás, 34 anos, casado com Rute, o sábado é um dia em que a sua família não se preocupa com atividades seculares, tendo mais tempo um para o outro e isso ele diz que aprendeu desde a sua infância. O sábado pra ele é um dia pra ter uma refeição especial, um dia em que toda a família se reúne. Desde que ele casou tem sido assim, comida especial, todo mundo comendo juntos, tranquilos. Estão juntos, comem juntos, passam momentos a sós e isso, pra ele, ajuda no relacionamento. Boás entende que até nisso Deus foi misericordioso porque o sábado é um benefício para o casal e no mundo de hoje de muita correria e loucura, mais ainda. Ele argumenta que se os casais reverenciassem o sábado como ele deve ser reverenciado viveriam cada vez mais felizes em sua convivência.

3.2.2 Questões da sexualidade

Até certo ponto a pesquisa etnográfica é sempre intrusiva e invasora da vida do informante, e muito mais quando o assunto é sexualidade. Informações confidenciais são freqüentemente reveladas, e isso é particularmente preocupante neste estudo, no qual o cargo e a instituição dos atores são altamente visíveis. Para salvaguardá-los busquei o CEP - Comitê de Ética e Pesquisa da FAFIS – Faculdade Adventista de Fisioterapia que aprovou o projeto e elaborou uma autorização de pesquisa que foi assinada por todos os informantes. Uma das participantes chegou a

desistir, mas com muito cuidado e insistência, depois de alguns dias, consegui terminar sua entrevista.

A realização do trabalho no campo foi um exercício difícil para este autor, imerso constantemente na vigilância entre uma postura de pesquisador e ao mesmo tempo de professor conhecido na comunidade. Acredito que a retomada da entrevista dessa desistente citada tenha alterado a espontaneidade em algumas de suas respostas. Contudo os casais responderam a pesquisa, em entrevistas individuais, em suas casas, mas com certa expectativa, pois a sexualidade, além de polêmica não é muito discutida na igreja. Dei ciência do anonimato e dos direitos dos informantes. Acho que de modo geral obtive achados relevantes para essa pesquisa.

3.2.2.1 Freqüência das relações

Bozon (2004) observou que nas fases ulteriores da vida do casal há um declínio considerável da freqüência sexual. Esse fato parece ser comum entre alguns casais adventistas. Quanto a esse questionamento eles falaram:

Ultimamente tá sendo muito raro. Uma ou duas vezes por semana, pelo fato dele ficar muito no computador, ele fica com sono e daí ele fica muito assim... Esses últimos quatro meses estão assim.

Sunamita, 30 anos.

Duas vezes, devido à faculdade, sair e chegar tarde em casa. Por enquanto está normal, porque fica difícil, quando eu chego ele já está dormindo.

Noemi, 34 anos.

Maria, esposa de José, lamenta a sua freqüência que no início ocorria em número bem maior e depois passou a três ou quatro vezes por semana, já seu

marido acha que é muito relativo, informando que numa semana é todo dia e noutra duas vezes no dia.

Bozon (2004) notou também que à medida que aumenta a duração da vida conjugal, a iniciativa e a vontade de ter relações sexuais é percebida cada vez mais como algo próprio aos homens, fato observado na fala de muitos homens adventistas. A autora adventista Pelt (1991) também confirma em sua amostra que os homens anseiam mais as relações sexuais que a mulher.

A gente tem uma média aí de três vezes por semana. Eu estou satisfeito quanto a minha vida sexual né. Mas o homem né... Quanto mais, melhor. Mas quanto à mulher, é diferente a gente tem que ter um pouco mais de paciência.

Jacó, 31 anos.

O homem normalmente gosta mais do que a mulher né? Na semana em que ela está mais tranqüila a gente faz todos os dias, na semana em que ela está mais preocupada, mais envolvida, menos. A mulher perde a concentração, tá preocupada com o trabalho, a escola, aí eu respeito a vontade dela, aí vai pra duas vezes ou só uma vez. Se ela tá tranqüila, é todo dia. Se puder ter todo dia é bom!

Boás, 34 anos.

Sempre que dá... Se fosse depender do meu marido ia ser todo dia, a cada momento, mas devido ao trabalho, filhos também. Não dá pra ser sempre, mas a gente aproveita assim, toda oportunidade que dá pra fazer e os dois estão dispostos, a gente faz.

Rute, 38 anos.

Três vezes por semana, três a quatro vezes. Eu acho pouco, né. Por mim seria o dobro, sete a oito vezes, nove, nessa faixa; mas infelizmente tem a questão do horário, do tempo, então...

Davi, 29 anos.

O ritmo da atividade sexual tende a cair fortemente na ocorrência da parentalidade e a distância entre as expectativas sexuais dos homens e das mulheres torna-se maior, e mesmo que haja melhora quando os filhos começam a

crescer dificilmente se recupera o nível inicial (BOZON, 2004). Esse autor reforça que a passagem a paretalidade tende transformar o relacionamento no gênero em instâncias de diferenciação capazes de produzir desigualdades. Observei isso na queixa do José, 34 anos, pelo fato do filho dormir na mesma cama do casal. Uma outra interlocutora, Noemi, 34 anos, também lamenta admitindo que depois da chegada dos filhos, o casal ficou um pouco mais distante. Outros depoimentos a seguir revelam outras situações semelhantes:

No primeiro ano de casamento a sexualidade é muito mais freqüente. Com o advento das crianças... Elas roubam um pouco do tempo da gente. Às vezes a gente está no meio da festa e eles nos chamam. Então a esposa vira mãe, o marido vira pai; e é muito raro voltar e estar com a mesma expectativa.

Elimeleque, 42 anos.

Mudou um pouquinho em relação a chegada do bebê, porque já não é a mesma coisa de termos todo tempo que quisermos. Antes a gente saía dormia até mais tarde. Depois mudou um pouco, a gente teve que se ajustar se dedicar mais a ele. Quero organizar isso, porque todo meu tempo está para a criança. Eu sei que não é legal isso. Eu fico junto dele mas não como marido e mulher. Ele está tendo paciência com relação a isso.

Débora, 33 anos

Porque eu também não fico muito a vontade pelo fato de eu me cansar muito e pelo bebê pequeno, muito sono, quando a gente vai pra cama é mesmo pra dormir, é muito raro agente ter contato assim.

Sunamita, 30 anos.

Agora com as crianças acho que nossa sexualidade sofreu alterações. A gente sem as crianças anda livre dentro de casa, agora tem que ter um cuidado maior, não pode fazer muito barulho. Eu me preocupo demais pra que as crianças não nos peguem fazendo sexo. Quando a gente tá fazendo amor, com os filhos em casa, a gente tem que se reprimir um pouquinho né, porque a vontade é de gritar, fazer barulho, mas a gente acaba se segurando um pouquinho. A gente faz melhor à noite quando eles estão dormindo ou quando não estão em casa.

Rute, 38 anos.

Em outras narrativas percebi que, em relação à sexualidade, a chegada dos filhos toma uma outra conotação. Na sua longa pesquisa com mulheres portuguesas, Aboim (2006) percebeu um linear crescimento do amor-paixão na medida em que os anos de vida em comum aumentam. Um entrevistado, Izaque, 38 anos, informou que o casal ficou mais junto por ter alguém em comum, o seu filho. Outro ainda revelou que o filho dorme com eles e que apesar de sempre ter sido contra, o filho acabou viciando, mas isso segundo esse informante não alterou a frequência sexual deles.

3.2.2.2 *Variantes do repertório sexual*

Entre os adventistas existe uma preocupação enfática com a orientação sexual. Uma delas encontrada nos meus exames documentais prescreve que a frequência e as variações sexuais dependem de certo número de fatores, tais como idade, saúde, pressão social e de trabalho, condições emocionais, habilidade de comunicar-se sobre assuntos relacionados com o sexo, e que cada casal pode encontrar uma frequência que se adapte ao seu desejo e estilo de vida, sem preocupar-se com números (PELT, 1991).

Bozon (2004) denota que a variedade do repertório sexual sofre um declínio considerável nas fases ulteriores da vida do casal e Leal (2005) em sua pesquisa em campo religioso indica que a experiência da relação sexual está associada ao que é chamado de *básico* no sexo. Não percebi essa prática como regular entre os casais adventistas, mas um dos informantes, Salomão, informou num tom aparentemente resignado que o casal utiliza sempre as mesmas posições e que ele foca o resultado final *sem muitos floreios*. Em seu olhar a relação *sofreu na rotina*, porque a mulher está sempre cansada querendo dormir, o que não acontece segundo o informante, quando se tem uma empregada que ajuda. Abraão, 28 anos, apesar do comentário sobre o fato de variar bem disse que a esposa acha perfeita, especialmente uma posição sexual, a conhecida popularmente como *papai-mamãe*.

A fala de Rute, 38 anos, esposa de Boás, 34 anos, é exemplar no entorno da apreciação das mulheres adventistas da amostra sobre a criatividade sexual que deve ser exercida entre os cônjuges:

Eu não sou aquela mulher turbinada, a mil voltes por hora, sexo anal não aceito, mas dentro das minhas limitações física eu aceito tudo até se quiser fazer sexo de cabeça pra baixo, plantando bananeira eu topo, se tiver jeito...É pra brincar então vamos. Se eu consigo fazer o meu marido sentir prazer antes mesmo do orgasmo, duas, três vezes ali... Acho que tem que inovar, tem que criar não pode ficar só no papai e mamãe não.

Rute, 38 anos.

Olha! Eu acho que vale quase tudo, o que não vale pra mim é o sexo anal. O anal pra mim nunca aconteceu e nunca vai acontecer.

Sunamita, 30 anos.

Pelt (1991), autora adventista, comenta essa tendência feminina relacionando-a com os maridos que, desprovidos de criatividade, rotinizam a sexualidade conjugal.

Ao contrário do que se costuma acreditar, a mulher também quer mais variedade e imaginação no sexo. Em meu estudo sobre o assunto, uma esposa escreveu: "meu marido faz sempre a mesma coisa, na mesma ordem e repete do mesmo jeito dez milhões de vezes 'eu amo você'." Outras pediram "algumas propostas diferentes, mais desafios". O marido que mantém suas relações sexuais sempre na mesma noite, na mesma hora, na mesma posição e no mesmo lugar, está destituído de imaginação. (PELT, 1991, p. 166).

Knauth e Leal (2001) supõem que a ampliação do rol de práticas sexuais pode ser percebida, nas esposas, como uma estratégia de *conquista* e de constituição de aliança visando *agradar* sexualmente o parceiro. Leal (2005) considera que, no discurso feminino, determinadas práticas geralmente ocorrem em troca da permanência da união. Entendo que no caso adventista o que melhor percebi foi um típico - *Sim, sim! Não, não!* Ou elas fazem porque gostam ou não fazem porque não gostam e os maridos parecem compreender isso. Abigail foi a única exceção, pois além de confirmar que já praticou sexo oral com muita freqüência, retrucou dizendo que, na verdade não gostava. Seu esposo, Boás, afirmou que praticava e que achava que era um bom estimulante preparatório pra

esposa e que o sexo oral não causava nenhum prejuízo nem para o homem nem para a mulher. Vejamos os demais ditos:

A gente conversa muito inclusive sobre a área sexual, o que ela prefere ou que eu prefiro o que dá mais prazer pra ela e tal. Ela na época em que conversamos disse que era contra sexo oral. Devemos isso a orientação da igreja e nossa própria iniciativa.

Jacó, 31 anos.

Nem tudo. Tem algumas coisas que eu sou contra, como sexo oral. O plano de Deus não foi isso. Pra mim isso é consequência do pecado.

Ester, 21 anos.

Não concordo com sexo oral. Creio não ser necessário, porque Deus preparou e instituiu o nosso corpo para ser usado de uma maneira específica.

Ana, 40 anos, Mestrado-Enfermagem, *do lar*, casada há 20 anos com Eucana.

Existem coisas que vão ferir primeiro a honra a Deus, segundo, a honra da mulher e do homem, então acredito que tem que se ter alguns limites, e que esses limites já são estabelecidos por Deus, então... Não, não gosto muito de nenhum dos dois. É uma coisa mais carnal e não divina. A partir do momento que começa a ter isso no relacionamento, acho que fere um pouco a poesia, então eu não gosto muito. Já fiz, mas não gosto.

Davi, 29 anos.

Uma entrevistada de Leal (2005) esclarece que 'nem é muito chegada' a sexo oral – 'só queria mesmo o papai-e-mamãe'. Outra informante explica que uma transa normal não fazer incluir sexo oral (LEAL, 2005). Essa prática oral, também é vista pelas mulheres presbiterianas entrevistadas por Barbosa (1999), como fora dos ideais divinos e por isso considerado antinatural, fora das 'vias naturais'. Contudo, alguns casais da amostra adventista afirmaram praticar o sexo oral sem constrangimento.

Quanto ao sexo oral, não vejo pecado não. Olhando pelo lado biológico e saudável, ele não traz doenças pra o casal que se cuida e só tem um parceiro. Acho que não traz nenhum prejuízo.

José, 34 anos.

Até um tempo eu achava que o sexo oral era errado, mas depois que eu vi uma palestra com uma ginecologista adventista dizendo que era uma área para fazer um carinho assim como o seio, uma parte do corpo pra se fazer um carinho, aí eu mudei de opinião.

Maria, 28 anos.

O sexo entre quatro paredes é uma negociação, o casal tem que negociar e o que for negociado entre eles dentro dos limites cristãos... Os limites estão na consciência de cada pessoa. Tem que haver consenso.

Isaque, 38 anos.

A hipótese da divinização da sexualidade, que será analisada logo mais, é antecipada neste ponto pelas afirmações de muitos informantes da pesquisa que denotam total aversão a prática do sexo anal, visto na dinâmica dos discursos, tanto masculino como feminino, como um desvio dos ideais bíblicos e do aporte do casal quanto à *santidade* do sexo, criado por Deus. O sexo anal também foi visto, pelas mulheres presbiterianas entrevistadas por Barbosa (1999), como fora dos ideais divinos. Vejamos alguns ditos de casais adventista:

Antes da igreja, o sexo anal eu já pratiquei né. Hoje não. Mas eu via com mais naturalidade, depois da igreja e com o conhecimento eu já não vejo com bons olhos e também pela área de saúde depois que a gente estuda né? Então hoje eu já tenho outra visão do sexo anal.

Abigail, 30 anos.

Pra dizer a verdade eu não sei o que a igreja pensa sobre sexo oral. Sexo anal não está certo por uma questão de saúde mesmo. A mulher que permite uma coisa dessa, ela está desrespeitando o próprio corpo dela.

Rute, 38 anos.

O anal também não, pois é o mesmo que colocar o pênis em um montão de cocô. É mais uma falta de respeito para com a esposa.

Eucana, 44 anos.

No sexo não vale tudo porque dentro do casamento numa perspectiva divina tem que ter regras. Deus até utilizou o ato sexual para representar a sua intimidade com a igreja.

Elimeleque, 42 anos.

Um das entrevistadas de Leal (2005) disse que considera o sexo anal mais relacionado a homossexuais do que a mulheres. Essa autora, além disso, constatou um interesse maior do masculino por essa prática (LEAL, 2005), fato que não consegui perceber entre os casais da minha amostra. Mesmo assim White (2004) dispara: Refreï-se a esposa cristã! Tanto por palavras como por atos, de excitar as paixões animais do marido.

Na semântica conjugal adventista, do ponto de vista social, o estabelecimento do lar, tem relações íntimas com o coito marital. Quando as relações sexuais não se ajustam, trazendo mal-estar a um dos cônjuges ou aos dois, o matrimônio está fadado ao malogro (VIEIRA, 1978). Marido e mulher deveriam fazer o propósito de serem amantes criativos e solícitos. Deus planejou que o sexo – não distorcido pelo egoísmo – fosse algo excitante, prazeroso e capaz de satisfazer a díade laica ou evangélica (PELT, 1991).

3.2.2.3 Afetividade feminina

Numa pesquisa sobre sexualidade com mulheres da IASD nos Estados Unidos, Pelt (1991) destacou o seguinte achado de uma de suas informantes: “Eu queria fazê-lo compreender que a atmosfera preparatória para o ato sexual começa quando ele sai da cama de manhã cedo - não quando vai para a cama de noite.” A autora adventista arremata dizendo que o marido que pensa que pode simplesmente

entrar no quarto e esperar que sua esposa “se ligue” sem qualquer estímulo prévio, não entende a sexualidade feminina.

Bozon (2003) pensa a diferença de natureza psicológica entre os homens e as mulheres a partir da imagem do homem esperando que o desejo de sua parceira responda ao seu, numa ótica narcisista, modelada pelo desejo *individualista*, diferente das mulheres, para as quais, sexo e amor são interdependentes. Uma das entrevistadas por Aboim (2006), enfatizou a existência de compreensão e amizade como algo de extrema importância para a permanência do casamento. Essa autora observa também uma lógica de alternância numa semântica amorosa multifacetada em um dos grupos de mulheres entrevistadas: elas valorizam a individualidade o relacionamento pessoal e profissional, mas também o lar e a maternidade; dão relevo ao *nós-casa* apaixonado e sexualizado, que forma um contraste com o universo de rotinas diárias e a amizade e o companheirismo, que servem de base para a partilha, o apoio e a tão desejada igualdade de gênero. Observei que esse alinhamento é também comum entre as esposas adventistas.

Sexualidade pra mim é relacionamento, é convivência. A mulher ela é mais coração, é mais emotiva. Às vezes só o fato de estar deitada com o marido, um abraço, um aconchego já é muito, mas a gente sabe que pra o homem é diferente, o homem é sexo, ele quer o ápice em si. A gente vê o sexo não com o mais importante de tudo, o sexo pode ser o prêmio maior, mas antes do sexo há outras coisas mais importantes por trás. Se não houver esta visão, o sexo vira uma coisa simplesmente física, não é aquela coisa que toca a alma. Precisamos de uma visão mais bonita do sexo, que é o relacionamento entre marido e mulher.

Rute, 38 anos.

Eu creio que cada casal pode descobrir maneiras e carícias, que podem ajudar um ao outro. Deus foi que criou nosso corpo e ele quem instituiu a sexualidade. Um homem que entende isso, procura satisfazer o seu cônjuge sem interesse próprio único e pessoal, mas visa os dois, tendo um momento agradável, compartilhando um com o outro.

Ana, 40 anos.

Diehl (2002) percebeu que muitas das mulheres ouvidas na sua pesquisa viviam suas vidas tendo relações sexuais com seus maridos apenas por obrigação,

sem prazer, mas muitas vezes com intenso sofrimento. Uma realidade também confirmada em alguns mulheres adventistas.

Carinho... Ele era bem mais carinhoso e eu era bem mais carinhosa com ele. Hoje a gente tá muito assim... Seu comportamento muda antes da cama entendeu? Quando eu percebo que ele quer ter relações ele fica um amor comigo, depois, volta tudo de novo. Eu me estimo muito mais pelo carinho, pelo toque, pelo beijo. São muitas vezes que não tem isso assim. Muitas vezes ele está muito cansado, e só quer mesmo... Entendeu? Eu acho que o carinho conta muito em relação ao sexo ali na hora. Eu acho que o que conta ali é o amor, o prazer. Você fazer só pra satisfazer um não dá entendeu? Se eu tô ali é pra estar me satisfazendo também, não é pra satisfazer só ele.

Sulamita, 30 anos.

Ele não tem TPM, ele tem TPC que é tensão pós-contas, perto de pagar as contas ele fica mais irritadiço, eu consigo ver isso, então nesse período eu tento ser mais carinhosa, mais compreensiva, quando ele diz alguma palavra áspera eu já entendo não é bem assim.

Abigail, 30 anos.

Nessa mesma pesquisa, Diehl (2002) observou diversas mulheres que tiveram mais dificuldade, do que os homens, de questionar seu cônjuge quanto ao que ela gosta na relação sexual e de explicitar suas preferências. Pelt (1991) refere-se a uma pesquisa realizada pela revista *Redbook* em 1975 que revelou que existe uma conexão entre a boa comunicação sexual e uma vida sexualmente realizada.

De cada 100 mulheres que declararam sempre conversar sobre seus sentimentos íntimos com seus maridos, 88 classificaram sua vida sexual como muito boa ou boa. Das que nunca discutiam seus sentimentos quanto ao sexo com seus maridos, 70 de cada 100, classificaram sua vida sexual como razoável ou pobre. (PELT, 1991, p. 149).

Touraine (2007), teorizando sobre a *mulher para além das diferenças de gênero*, apresenta uma mulher com um sólido instrumento de avaliação dela mesma; a consciência de construir-se por si, através da transformação do desejo sexual em sexualidade.

Se o marido não respeita a individualidade da esposa ela não estará em condições de apreciar o ato sexual. Um pouco mais de ternura e romantismo durante o dia e um pouco mais de dedicação à noite, fariam um mundo de diferença. A mulher responde a iniciativa sexual de seu marido na proporção direta de sua habilidade em satisfazer suas necessidades emocionais. É bom que o marido analise sua postura quanto a sua própria sexualidade, pois o número de mulheres frígidas corresponde ao número de maridos que não satisfazem as suas necessidades (PELT, 1991).

3.2.2.4 As novas exigências da mulher e o homem vitimado...

Pelt (1991) afirma que os homens são impotentes, na maioria dos casos, para conseguir ereção sem um descanso de quarenta e cinco a sessenta minutos, já a mulher continuamente estimulada, é capaz de alcançar cinco ou mais orgasmos, sendo com freqüência mais intensa à medida que vão se sucedendo.

As expectativas hodiernas quanto à satisfação feminina incluem mais afeto, companheirismo, e a capacidade de levá-las ao orgasmo (DIEHL, 2002). Essa dinâmica que pode se transformar em dor de cabeça para os homens é um fator que está representados na fala dos informantes adventistas.

Um marido ideal é uma pessoa apaixonada, excitante, carinhosa, e ao mesmo tempo amante. Uma esposa realizada é aquela que consegue encontrar no outro um amigo, um companheiro, um namorado, um marido e um amante. Um homem que consegue viver todos esses papéis numa só pessoa. E que mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas no casamento, consegue enxergar o que há de melhor na sua mulher. Um marido que esteja certo cada vez mais de que a pessoa que ele casou foi escolhida realmente pra passar o resto da vida e não só aquele momento. O homem, para mim tem que ser um amante, que sabe tudo; que conheça todas as áreas sensíveis da esposa, que sabe conquistar.

Débora, 33 anos.

Acho que tem que ter tesão, fogo, palavras de amor, palavras de carinho, mais criatividade e inconstâncias, cada dia pensar numa coisa diferente, numa roupa diferente, num jeito diferente, numa hora diferente, não ter horário fixo para isso. Eu acho que isso é o que é ser bom de cama.

Davi, 29 anos.

Quando minha esposa quer dar alguma alfinetada ela busca um livro editado pela igreja. Houve uma época que eu estava bem. Ela dizia cuidado se não hoje não tem. Eu ficava com uma vontade danada, mas terminava na saudade. Comecei a desligar minha mente da idéia de sexo. Chegamos a mais de um mês e eu sem desejo nenhum. Agora é que agente ta voltando e tal.

Salomão, 34 anos.

Quanto mais eu trabalho academicamente mais diminui a minha libido. Doutorado... Libido lá em baixo.

Eucana, 44 anos.

Apesar de todos os dilemas observados, encontrei maridos mais tranqüilos e seguros, inclusive abonados pelas esposas. A suposição da divinização da sexualidade observada nos ditos masculinos pode ser favorável a um maior romantismo entre os cônjuges adventistas, tornando o homem adventista mais sensível em sua sexualidade.

Eu li alguns artigos falando que a mulher tem orgasmos múltiplos, se você alcança o orgasmo junto com sua mulher, normalmente ela vai ter orgasmo simples, agora se você introduz a mulher no processo de orgasmo para poder ter o seu ela então terá o seu orgasmo simultâneo. O que não pode acontecer é o homem se satisfazer primeiro né, Aí bagunça!

Boás, 34 anos.

Ele é muito carinhoso, ele tem essa preocupação comigo. Nosso relacionamento sexual hoje está muito melhor do que antes. Ele é

mais atencioso, mais carinhoso, preocupa-se se realmente se está agradável pra mim, se eu estou sentindo prazer se ele está atendendo a minha expectativa também, há esse amadurecimento hoje entre a gente, essa preocupação mais dele comigo.

Rute, 38 anos.

Os maridos adventistas, não demonstraram sentir aquela espécie de pressão apontada nos meios laicos por conta das novas exigências da mulher contemporânea, em lugar disso eles parecem exigir de si mesmos o que entendem ser uma postura sexual pautada na dialógica do casal.

3.2.2.5 Divinização da sexualidade

Na pesquisa, já citada, de Couto (2005) entre evangélicos do Ibura-Recife, a autora enfatiza que mesmo diante de uma nova ética, é impossível um completo desprendimento de antigos referenciais identitários. O casamento entre evangélicos se mostrou como a via legítima de viver o amor e a sexualidade, porque foi instituído por Deus (COUTO, 2005). O manual da IASD orienta que a igreja deve fazer constar sua definida e veemente desaprovação ao pecado de fornicação e todos os atos de indiscrição moral, como a transgressão do sétimo mandamento da lei de Deus no que diz respeito à instituição matrimonial²⁵.

Alguns casais da amostra expressaram seus sentimentos por terem num mesmo tempo vivenciado o sexo pré-nupcial e a disciplina da igreja.

Fiquei constrangido. A gente não morre por causa disso. Foi bobagem da igreja. Os dois já eram da igreja.

Salomão, 34 anos.

²⁵ As transgressões tais como promiscuidade e fornicação, entre os solteiros adventistas, formam algumas das razões para disciplina pública. Esse viés disciplinar que acarreta o cancelamento da cerimônia na igreja e reprovação dos pais e da comunidade, parece ancorado no pressuposto da divinização da sexualidade.

Atualmente não tenho nenhuma responsabilidade eclesial porque estou disciplinada na igreja ainda.

Ester, 21 anos.

Fiquei assustado bastante assustado não sabia o que fazer. Não sabia a quem contar, nem como falar para os familiares. Como ia apoiar Ester e sustentar uma família. Fiquei bastante assustado. Por um pecado a gente transgrediu um mandamento de Deus e ela engravidou... Mas, a gente se amava e resolvemos casar.

Assuero, 20 anos.

Por outro lado, a sexualidade do casal adventista é demarcada por uma visão impregnada de espiritualidade e esse olhar tende a firmar as alianças e restringir-lhe determinadas práticas, como o adultério, entendidas como promíscuas e pecaminosas. O sexo, da mesma forma, é também espiritualizado pelos presbiterianos que o vêem como uma forma de louvor a Deus ao fazerem uso do que Ele mesmo criou (BARBOSA, 1999).

Muitos casais informantes adventistas, exteriorizam em seus depoimentos uma relação intrínseca entre suas práticas sexuais e seus relacionamentos com Deus.

Quando eu estou fazendo amor com meu marido eu me preocupo muito se estou agradando a Deus. Às vezes até fazendo sexo eu elevo meu pensamento a Deus, não com vergonha. Eu preciso ter consciência que ali no quarto estamos nós dois fazendo sexo e que não precisamos convidar aos anjos pra sair do nosso quarto e aguardar do lado de fora porque eles estão vendo uma coisa feia. Nós dois estamos fazendo uma coisa que foi planejada por Deus. Não tenho que ver nisso algo vergonhoso. Imagino Deus como se Ele estivesse ali estendendo seus braços e suas mãos sobre nós e nos abençoando.

Rute, 38 anos.

Eu costumo em algumas ocasiões, por exemplo, quando minha esposa está no banho se preparando para essa ocasião, para termos momentos agradáveis, os dois, eu costumo aguardá-la em oração, ajoelhado, orando ao Senhor. Eu tenho percebido que o relacionamento fica mais gostoso, mais puro, mais prazer realmente, é algo impressionante. Não consigo ver o sexo sem Deus. Quanto melhor estou com Deus melhor estou com a minha esposa e melhor é

o ato sexual. Eu tenho percebido que tenho alcançado maior prazer quando faço isso. Não sei explicar, mas pra mim é Deus mesmo atuando, dessa forma o orgasmo parece ser uma plenitude, algo que te aproxima de Deus.

Boás, 34 anos.

Quando você tem a convicção religiosa, quando você vê o sexo fora de todos os preconceitos, sabendo que é uma coisa divina, que o amor é uma coisa de Deus realmente, que aquele momento é o momento do homem e da mulher, do casal, é o momento que você convida Jesus pra tá participando daquele momento ali, então eu acho que isso te leva a um nirvana sexual, a uma plenitude realmente sexual, e muitas vezes as pessoas que eu vejo no mundo, Eu já fiz parte desse mundo aí, dos não crentes, onde há muitos preconceitos, muitos paradigmas, você tem muitos padrões, você tem muito medo. A gente sente que é mais livre quando tem a Deus do lado no relacionamento sexual.

Davi, 29 anos.

A relação sexual além de ser essa coisa do desejo que é excitada pelos hormônios normais do ser humano é uma coisa divina também. Quando você tem essa consciência que você tem uma pessoa do seu lado que foi permitida por Deus está ao seu lado, você tem essa relação mais íntima e chama Deus também pra tá nessa relação.

Abigail, 30 anos.

Na fé adventista, manter-se fiel um ao outro é uma exigência marcada por um mosaico multifacetado. Posturas de perdão e re-começo se cruzam com intolerância e inaceitação. A idéia de que a infidelidade é, hoje em dia, menos avaliada como um pecado do que como uma atitude criticável por ter conseqüências sobre o contrato conjugal encontrada em Bozon (2004), pode ser confrontada pelos estudos de Barbosa (1999), em evangélicos presbiterianos, mostrando que a restrição do exercício da sexualidade ao casamento tende a concorrer para estabelecer a fidelidade, atenuando possíveis desentendimentos entre o casal. Vejamos os discursos dos casais da IASD quanto às questões de fidelidades.

O amor que eu tinha com ele mudou muito depois dele ter sido infiel comigo, mas eu tinha uma preocupação espiritual com isso. Pensei muito nos meus filhos, eu orava muito, eu me agarrei muito na minha

fé, quem me deu forças, quem me mostrou que eu tinha que lutar e continuar com o meu casamento foi Deus. Quando eu me lembro do que eu passei do que eu sofri, eu fico me questionando se mesmo com a base cristã que eu tenho hoje, eu perdoaria uma segunda queda dele considerando que Jesus perdoa tantas vezes. Mas quando a gente lembra do que a gente passou parece que o que aflora na gente é o lado mais egoísta. Honestamente eu não sei se ocorresse hoje novamente se eu perdoaria. Eu acho que não, sinceramente. Creio que uma situação como aquela que ocorreu no passado não vai ocorrer mais. Falo isso pelo relacionamento que eu vivencio hoje com ele e com os meus filhos. Hoje ele é um homem mais amadurecido e consciente do que ele quer e eu venho percebendo a transformação que Deus tem feito na vida dele ao longo dos anos. Ele hoje é uma pessoa muito diferente do que ele foi no passado. Graças a Deus por isso. Eu não queria que o meu marido perdesse a vida eterna, naquele momento eu me senti responsável por ele também. Acho que uma situação como essa nunca mais vai acontecer em nome de Jesus!

Rute, 38 anos.

Eu acho que eu até seria tolerante no caso de infidelidade, como eu conheço bem como ele é. Mas, eu acho que tem que ser um só parceiro por toda vida, porque Deus criou assim.

Noemi, 34 anos.

Se acontecesse uma infidelidade dela eu perdoaria, acho que seria pelo fato de conhecê-la. Até porque existe contexto, que eu iria avaliar. Pelo tanto que a conheço pelo que a gente vive. Pelo nosso histórico de vida, acho que seria possível perdô-la.

Elimeleque, 42 anos.

Não! Traição não!. Confiei muito, investi muito, eu não continuaria.

Lapidote, 36 anos.

Acho que não perdoaria uma infidelidade. Porque é algo que machuca muito, abre uma ferida. Teria que ter uma intervenção divina para apagar da mente definitivamente.

Débora, 33 anos.

O relacionamento Cristo/Igreja, observado nos escritos de Barbosa (1999) é também experimentado pelos casais adventistas e pode levar, não só o marido, como a autora observou, mas a díade evangélica, a afastar-se das aventuras “mundanas” diminuindo conflitos e reafirmando a indissolubilidade do casamento.

3.2.2.6 O significado sexual do dia de sábado

Outra influência do Sábado, além do relacionamento analisado em outra sessão, se reflete em questões sexuais vistas pelos adventista de modo bem singular. A maneira como esses casais vivenciam esse dia, inspirados na Bíblia e nos escritos dos autores denominacionais, exerce influência para maior ou menor simetria nas suas relações. Alguns acham que podem praticar sexo no santo sábado nivelando-o com a santidade do sexo, outros entendem que tais práticas não devem ocorrer nesse dia.

3.2.2.6.1 Injunções da própria consciência

No olhar de Reis (2008), a díade adventista aguarda com expectativa a chegada desse dia especial, eles preparam toda a casa num ritual que carrega a família de certo anseio pelo que chamam de dia do Senhor, de forma que o sábado, entre eles, passe a ser uma delícia e um verdadeiro refrigerio. Esse autor da IASD ainda comenta: “tome seu banho, arrume as unhas, os cabelos, o que precisar. Prepare o lanche especial da noite e espere feliz e tranqüila a chegada do sábado, que será o mais abençoado da sua vida.” (Reis, 2008, p. 31). Mesmo esse quadro inspirador pode levar uns para vivenciarem uma sexualidade mais plena nesse dia coadunada a adoração e o serviço e outros para a abstinência e foco na meditação e atividades na obra do Senhor.

Mas quando casamos a gente não tinha... Nossa! Nossa! Não tinha, eram vinte quatro horas ali, do por do sol da sexta até o por do sol do sábado, não tinha, ninguém nem tocava um no outro, nem beijo. Aí agente assistiu a um comentário aqui do pastor e daí ele parou com isso entendeu? Hoje não tem problema nenhum não.

Sunamita, 30 anos.

O sexo é sagrado, mas a gente procura evitar no sábado. A gente procura se concentrar mais nas atividades religiosas, mais em Deus.

Rebecca, 34 anos.

Já ouvi uma palestra dizendo que era pecado a prática do sexo no sábado. Então não está bem definido na minha mente se deve ou não deve. Mas eu preferia que não ocorresse no sábado.

Débora, 33 anos.

3.2.2.6.2 O sábado como liberdade e como afrodisíaco

Andreasen (1984) salienta que um relacionamento matrimonial entre pessoas com sérios problemas de tempo pode-se tornar apenas um acordo para a provisão de alimento, abrigo, alguns serviços mútuos e sexo, mas a vivência de um tempo especial de dedicação mútua (Sábado) aponta para a possibilidade de se experimentar melhor a complementaridade, o crescimento e a alegria da intimidade física e espiritual.

São as vinte e quatro horas que a gente desliga tudo, que a gente recarrega as baterias. Então isso aumenta o vigor sexual. No sábado à noite, depois do pôr-do-sol, então já nos dá uma força mais para o domingo e aí vai o restante da semana. É um revigorante. É o Viagra adventista.

Davi, 29 anos.

Pro casal que trabalha a semana todinha, de manhã, de tarde e de noite e às vezes quase não se vê. Eu acho que o sábado contribui com a sexualidade.

José, 34 anos.

Acho que a santificação do sábado contribui muito para o aperfeiçoamento da sexualidade. É um dia que você tem tempo para a família. Sexo é uma forma de expressão de amor, de união. Se fomos feitos para ser uma só carne, é um bom momento de sê-lo. Na minha concepção é até plano divino que seja.

Elimeleque, 42 anos.

Um momento abençoado por Deus não é uma depravação. Será que após a criação de Adão e Eva não houve? Se eu estou com meu marido e estou abençoada por Deus não vejo nenhum problema.

Maria, 28 anos.

3.3 RECONSTRUÇÕES SOBRE A DESIGUALDADE ENTRE GÊNEROS NO SEIO DA IASD

A assimetria entre marido e mulher parece ser uma categoria pouco explorada criticamente, entre os adventistas, embora a díade evangélica conte com uma espécie de estímulo para relações mais igualitárias, por leituras de alguns autores ou por programas realizados pela igreja. Isso constitui um dito regular entre eles. Os programas providos pela igreja podem operar mudanças nos diversos quadros de desigualdade, mas a chama da autocrítica pode brilhar mais intensamente realizando mudanças mais profundas. Salomão, um dos entrevistados, salienta que em Cachoeira, a igreja parece não se dedicar muito ao desenvolvimento simétrico dos casais. Sunamita, sua esposa enfatiza que quando ambos vão a um Encontro de Casais o comportamento na díade muda e por isso mesmo deveria acontecer mais vezes. Vejamos o discurso de outros informantes:

A discussão sobre esses temas tem sido mal trabalhada na igreja. Tem um pensamento machista, eu já vi lares cristãos que ainda pregam que o homem não pode fazer serviço de casa e quando tem filho homem agem de maneira diferente em relação a mulher. Eu vim de um lar diferente, lá em casa, tanto os meninos quanto as meninas ajudavam em casa. Esse assunto quase nunca é discutido na igreja. A desigualdade existe e tem atrapalhado a muitos. Nós viemos de uma cultura machista, dominante, entre os patriarcas bíblicos. Nossas igrejas muitas vezes tendem a manter essa cultura patriarcal. Nós homens temos a tendência de ser dominadores e não é fácil buscar o equilíbrio, eu luto com isso todos os dias.

Boás, 34 anos.

Acho que a igreja tem certo preconceito contra a mulher, se exige mais da mulher. Deveria haver mais igualdade, por exemplo, quando a mulher é obreira o marido não tem direitos e quando o homem é obreiro a esposa tem.

Abigail, 30 anos.

Acho que a desigualdade entre gêneros é um aspecto que a igreja deveria tocar mais. A igreja, até pela estrutura, cultura é muito militarizada, então valoriza demais o homem e subvaloriza a mulher. Acho que a igreja poderia ajudar nesse sentido. O grande ícone de nossa igreja é a mulher, então deveria valorizar mais o papel da mulher. Penso que quando a mulher, se enxerga no mesmo horizonte do homem, nem a baixo, nem acima, a chance da probabilidade do casamento dá certo, é bem maior.

Davi, 29 anos.

A escritora mais respeitada entre os casais da IASD denuncia que a religião no lar é terrivelmente negligenciada. Afirma que diversos homens e mulheres mostram maior interesse no trabalho missionário e se entregam liberalmente para esse fim buscando satisfazer sua consciência na suposição de que dando para a causa de Deus expiam sua negligência de dar um exemplo correto no lar. Mas o lar, diz a autora, é seu campo especial, e nenhuma desculpa é aceita por Deus pela negligência deste campo (WHITE, 2004). Como observou Barbosa (1999), entre os presbiterianos o romantismo parece ceder lugar ao *amor* a obra de Deus. O discurso empático de uma informante adventista preocupada com outras esposas dessa diáde evangélica representa um achado significativo para essa derradeira questão.

Esse tema da desigualdade precisa ser discutido pela igreja. Inclusive eu já comentei com algumas pessoas que se eu fosse psicóloga hoje, eu faria um estudo de caso em relação as mulheres de pastor, porque realmente a missão de pastor não é só do homem né, o chamado não é só do homem, é da mulher também. Mas eu acho que é muito injusto a vida da mulher de pastor e dos filhos. O pastor é uma pessoa que se dedica a missão, é uma pessoa que se dedica as pessoas e que passa a maior parte do tempo fora de casa ajudando outras pessoas. Mas dentro da sua casa, normalmente essas mulheres são solitárias, são depressivas e os filhos sentem muita falta desses pais. Isso não sou eu quem está colocando, são índices que eu vejo hoje e que se eu pudesse faria um esforço, principalmente aqui dentro do IAENE, que é um local que a gente tem tudo pra ser feliz. Você tem uma qualidade de vida, você vive uma vida tranqüila, fora da criminalidade de certa forma, uma religiosidade ali a todo instante né. Todo mundo se conhece e o que você nota é muitas mulheres depressivas. Então o que justifica isso? Será que os maridos dessas mulheres não estão vivendo muito a favor de outras pessoas e não estão se dando conta que a própria família está necessitando deles? Não sei... Tem alguma coisa por aí... Eu acho que essas mulheres sofrem, há uma desigualdade.

Abigail, 30 anos.

Esses últimos achados implicam que a assimetria entre marido e mulher não é um assunto abordado freqüentemente entre os adventistas. Em lugar disso, percebo um incômodo silêncio. A igreja como guardiã da fé e dos ideais divinos de relacionamento dos casais poderia discutir, com mais ênfase, a questão da desigualdade de gêneros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas abordagens vistas até agora tomaram particular valorização no universo das chaves interpretativas, relacionamento e sexualidade, postas na questão das relações de gênero entre os adventistas do sétimo dia. Questões estas para as quais busquei *sentidos* realizando um garimpo nos teóricos que pesquisaram em sociedades de um modo geral, nas comunidades religiosas, em autores, diretrizes, manuais, livros e periódicos da IASD.

O uso da entrevista e do exame documental foi essencial para uma reflexão contextualizada e para um processo de reconstrução da realidade pesquisada. Esses instrumentos e os paulatinos passos metodológicos foram relevantes neste estudo. Os achados em documentos e os ditos regulares nas entrevistas se cruzaram com as idéias dos diversos teóricos e autores dessa igreja, na montagem exaustiva de uma grade de análise por categoria de estudo.

No decorrer dessa semiologia busquei checar a *rés* e a heurística das minhas hipóteses, o seu caráter provisório, e se elas seriam firmadas ou não pelos fatos na expectativa de encontrar, ao menos, respostas parciais ao problema proposto. Esse caminho metodológico me fez notar uma multiplicidade de significados nas representações de gênero no campo e nos atores adventistas.

Conforme os documentos examinados juntamente com outros instrumentos de injunções, percebi que há claras idéias sobre a igualdade de gêneros nos ditos encontrados em diversos documentos oficiais da IASD, mas muitos dos seus autores, que não representam a posição formal da igreja, ora defendem essa postura igualitária, ora argumentam no sentido de uma postura menos simétrica entre os gêneros no casal. Essa visão dos autores denominacionais se reflete nos casais adventistas, que, como indivíduos no mundo, revelam no seu *ethos* uma mistura de valores seculares e religiosos. A norma interna parece prevalecer sobre as injunções eclesiásticas. Mesmo assim, há uma luta intensa no seio dessa díade por vivenciar a simetria de gêneros nos moldes anunciados pela IASD. A categoria dominação masculina apesar de descartada nos documentos oficiais da igreja é reavivada em muitos discursos dos seus autores e palestrantes de forma explícita ou velada. Nos casais informantes essa dominação se dá de forma moderada, e constantemente confrontada com uma tentativa em homens e mulheres de

aproximar-se dos ideais divinos. Por isso, a suposição de uma dominação masculina evidente pode ser substituída por uma espécie de *igualdade moderada*, mesmo que essa dominação tenha sido visibilizada em alguns casos.

A unidade doméstica na IASD é um lugar de diferentes conotações semânticas, mas o estímulo à submissão feminina aparece mais forte nos escritos dos autores da igreja do que nos ditos dos casais entrevistados. Tais apologistas podem engendrar qualidades negativas ancoradas na 'liberdade oprimida'.

A hipótese da modelação feminina é também confirmada pelos escritos de diversos autores, autoras da instituição e pelos ditos de muitos casais. Essa evidência é embasada pela grande quantidade de material e palestras produzidos para orientar as esposas, comparada com o que é produzido para orientar os maridos. Apesar da modelação masculina também aparecer em diversos autores da IASD, o maior acento está sobre a modelação feminina, caracterizando indícios de uma assimetria entre os gêneros.

Contudo, muitos casais da IASD vivenciam formas de relacionamento igualitário, especialmente nas práticas domésticas. Com exceção de apenas um marido, todos os demais da amostra, tinham algum tipo de envolvimento nesta categoria estudada, alguns chegando a assumir café da manhã, jantar e às vezes, almoço. Além disso, há entre os adventistas um acordo de esforço na díade, quando do nascimento dos filhos no sentido de abrir mão de um trabalho assalariado ou de avanço nos estudos para dedicar maiores cuidados à educação da criança num revezamento de cuidados. Na IASD, a esposa ou marido demarcados pelo excesso de trabalho secular ou mesmo de ocupações na igreja, não estão qualificados para educar e cuidar adequadamente dos seus filhos.

Nessa perspectiva, uno o que observei em muitos casais da amostra - um vínculo pontual com Cachoeira, como se fosse um lugar de passagem, em função dos estudos na faculdade local que concentra alunos e profissionais de diversos Estados do país. Isso parece tornar o domicílio conjugal, em um lugar mais circunstancial do que permanente. Muitos maridos não têm um trabalho fixo, outros trabalham bem próximos ao IAENE ou são professores na Faculdade e por isso tem mais tempo em casa. A sua disposição para auxiliar sua parceira nos trabalhos domésticos pode estar ligada a essa variável, considerando que a nova paternidade tem sido observada, ainda, por muitos teóricos, como uma reprodução das desigualdades, mesmo que em novos moldes. Essa nova paternidade alcançou os

lares da IASD mais ainda imersa num individualismo próprio das transformações ideológicas da sociedade.

A suposição da divinização dos relacionamentos e da sexualidade, entre os casais adventistas é firmada em diversos alertas dos próprios informantes, lembrando que a dedicação a obra do senhor não pode substituir a ligação com o Senhor da obra nem com Suas determinações quanto aos ideais de simetria nos relacionamentos afetivo e sexual. A unidade doméstica é Seu campo especial e nenhuma desculpa é aceita pela indiferença neste espaço.

Essa divinização inspirada na relação Cristo-Igreja é favorável, entre os adventistas, a um maior romantismo, contribuindo inclusive para uma relação mais igualitária e o aperfeiçoamento dos homens no sentido de se tornarem mais sensíveis com relação à afetividade ligada a sexualidade feminina, além de ajudar a restringir, na díade, determinadas práticas promíscuas e de infidelidade.

Percebi nos informantes adventistas que empatia e amizade são categorias fundamentais para a permanência do casamento. O discurso da díade no entorno da valorização da interdependência do sexo e o amor funda possibilidades contínuas de superação das rotinas diárias através do amor *amical*, do companheirismo e da afetividade. Suas mulheres afirmam que ternura e romantismo durante o dia e um pouco mais de dedicação à noite fazem grande diferença.

Quanto à frequência nas relações sexuais observei que o ritmo das atividades sexuais tende a cair com passar do tempo e com a ocorrência da parentalidade, do mesmo modo como ocorre entre casais seculares e evangélicos de outras denominações. Além disso, notei que existe uma distância considerável entre as expectativas sexuais dos homens e das mulheres adventistas. Os homens da amostra desejam mais o sexo do que as mulheres.

Já a prática do sexo oral e anal quando do estudo, tanto em campos laicos como em campos religiosos, foi rejeitada quase que unanimemente pelas informantes num tom forte de aversão. Essa mesma postura ecoa entre as esposas adventistas, mas não percebi na permissão do sexo oral, em casos esporádicos, a idéia de ceder à vontade do marido por razões de conquista ou manutenção da aliança. Aquelas que cederam o fizeram por razões erótico-afetivas.

A santificação do dia de sábado, entre os casais adventistas, recebe tons singulares pela sua implicação com a visão de santidade do sexo e a divinização das relações. Muitos se sentem mais inspirados no sábado para resolver suas

diferenças, reforçar seus relacionamentos e conseqüentemente sua sexualidade. Para os casais adventistas, esse dia de descanso não apenas reserva tempo, mas inspira o interesse no companheirismo, do diálogo, troca de idéias e intimidade do corpo e alma. O sábado lembra aos cônjuges o caráter sagrado do seu pacto com Deus e aponta razões divinas para reforçar seus votos de fidelidade e afeição. Outros cônjuges, porém, entendem que o sábado é santo, mas o sexo é secular, por isso preferem evitar o relacionamento sexual nesse dia.

Nessa tentativa de reconstrução da representação de gêneros na IASD chego a deduzir, inclusive, que essa igreja como guardiã da fé e dos ideais sagrados para a diáde evangélica, poderia discutir mais essa relação entre os seus fiéis e encarar com inspiração divina, sua própria prática de ideais simétricos e a sua tendência para assimetria dos gêneros.

Em suma, penso que novos estudos poderiam ser realizados nessa perspectiva, um deles poderia ser, sobre as relações entre casais adventistas onde a diáde não fosse caracterizada pela endogamia. Finalizo esse *contato* com o leitor esclarecendo que não foi minha pretensão esgotar os fatos. Nessa experiência incorporei, ao longo dos estudos, o meu eu pessoal ao meu eu pesquisador, afinal toda investigação é carregada de valores. E esse complexo exercício me ajudou a admitir que o que fiz foi tão somente uma incursão, momentânea e parcial, sobre a narrativa masculina e feminina no ethos dos casais adventistas. Tentei estabelecer um diálogo com a igreja, seus autores, seus fiéis, documentos, e os diversos teóricos da família em campos laicos e religiosos. Identifiquei categorias, analisei idéias, cruzei dados, descobri e internalizei muitas coisas entre coisas a fazer.

REFERÊNCIAS

ABOIM, S. **Conjugalidades em mudança**: percursos e dinâmicas da vida a dois. Lisboa: ICS, 2006.

ANDREASEN, N. A. **Tempo para viver**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1984.

ARAÚJO, C.; SCALON, C. (Orgs). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Importância do Ancião da Igreja. In: _____. **Guia para anciãos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

BACCHIOCCHI, S. **Repouso divino para la inquietud humana**. Michigan: Universidade Pontifícia Gregoriana, 1980.

BARBOSA, A. K. P. **A Família da fé em tempos modernos**: uma interpretação sobre a constituição familiar, relações de gênero e sexualidade entre presbiterianos. Ribeirão Preto, 1999. 208 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1999.

BESSA, D. B. A Batalha espiritual e o erotismo. **Interseções**: revista de estudos da religião, São Paulo, ano 6, n. 1, p. 1-7, jul., 2006.

BIDDULPH, S. **Por que os homens são assim?** São Paulo: Fundamento Educacional, 2003.

BODY-GENDROT, S. Modelos estrangeiros. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Orgs.). **Da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 527-580. (História da vida privada, v. 5).

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOZON, M. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 119-153.

BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 20, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000100005&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 09 out. 2008.

BOZON, M. Sexualidade, conjugalidade e relações de gênero na época contemporânea. **Interseções**: Revista de Estudos Interdisciplinares, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 133-145, jul./dez., 2001.

CARREIRA D. et al. **Igualdade de gênero no mundo do trabalho**: projetos brasileiros que fazem a diferença. São Paulo: Cortez, 2004.

CASTAN, N. O público e o particular. In: Duby, George (Org.). **Da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 413-453. (História da vida privada, v. 3).

CENTRO DE PESQUISA E. G. WHITE. **Notas e manuscritos de E. G. White**. São Paulo: CENTRO DE PESQUISA E. G. WHITE, 1983.

CHAGAS, A. Construção de um lar feliz. **Revista Adventista**, Tatuí, p. 14, mar., 2001.

CHRISTO, G.; CHRISTO, R. Jacó e Raquel: trabalho por amor. **Lição da Escola Sabatina**, Tatuí, p. 42, jul.-set., 2007.

CORBIN, A. Bastidores. In: DUBY, George (Org.). **Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 413-611. (História da vida privada, v. 4)

COSTA, L.F.; JACQUET C. Família e opção religiosa: notas etnográficas sobre a conversão de mulheres ao neopentecostalismo. In: COSTA, Livia Fialho; JACQUE, Christine (Orgs.). **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004. p. 49-65.

COUTO, M. T. Gênero e comportamento reprodutivo no contexto de famílias em pluralismo religioso. In: HAILBORN, Maria Luiza et al. (Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 61-84.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. Ed. São Paulo: Artmed, 2007.

DISCINI, N. **O estilo nos textos**: história em quadrinhos, mídia, literatura. São Paulo: Contexto, 2003.

DIEHL, A. O homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. In: WAGNER, Adriana (Org.). **Família em cena**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 135-158.

DOUGLASS, H. E. **A Mensageira do Senhor**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

DUARTE, L. F. D. Ethos privado e justificação religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HAILBORN, Maria Luiza et al. (Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 137-176.

DUBY, G.; BARTHÉLEMY, D. A. Vida privada nas casas aristocráticas da França feudal. In: DUBY, George (Org.). **Da Europa feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 49-162. (História da vida privada, v. 2)

EBLING, J. C. **Mosaico do amor**. 2. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

ESTRADA, A. **Família uma sociedade que pode dar certo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

FLORÊNCIO, C. Trate bem o seu esposo. **Ministério**, Tatuí, p.12, set.-out., 2005.

FLOWER, K. Celebrando as diferenças. **Ministério**, Tatuí, p. 7-8, jul.-ago., 2000.

FREIRE, G. **Sobrados e mocambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDES, A. **Alguém no espelho refletindo Jesus**. Curitiba: Sergraf, 2005.

GUIDDENS, A. **A transformação da intimidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: EUEP, 1993.

HALL, C. Sweet Home. In: DUBY, George (Org.). **Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.53-88. (História da vida privada, v. 4).

HEILBORN, M. L. Vida a dois: conjugalidade igualitária e identidade sexual. **Revista IBEP**, v. 2, p.143-156, 1992.

HUNT, L. Revolução Francesa: vida privada. In: DUBY, George (Org.). **Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 21-51. (História da vida privada, v. 4).

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. O casamento e a família. In: _____. **Manual da igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

KAUFMANN, J. C. Construção dos hábitos conjugais e sexualidade. **Interseções: Revista de Estudos interdisciplinares**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 121-135, jul./dez., 2001.

KNAUTH, D. R.; LEAL, Ondina Fachel. Sexualidade, reprodução e negociação familiar. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 147-158, jul./dez., 2001.

KUSMA, K. Bom pastor e bom marido. **Ministério**, Tatuí, p.7-8, nov.-dez., 2000.

LEAL, A. F. Práticas sexuais no contexto da conjugalidade: o que implica a intimidade? In: HAILBORN, Maria Luiza et al. (Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 61-84.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 6. ed. São Paulo: EPU, 2001.

MACHADO, M. D. C. As Relações intrafamiliares e os padrões de comportamento sexual dos pentecostais e carismáticos católicos do Rio de Janeiro. **Revista Universitária Rural**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1/2, p. 69-84, jan./dez., 1994.

MACHADO, M. D. C. Representações e relações de gênero. **Interseções: Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p.1-10, maio-ago., 2005.

MANSINI, E. F. S. O enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. (Org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

MELLO, E. C. O Fim das Casas-Grandes. In: ALENCASTRO, L. Felipe (Org.). **Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 385-440. (História da vida privada no Brasil, v. 2).

MINAYO, M.C.S; SOUZA, E. R.; CONSTANTINO, P.; SANTOS, N. C. dos. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, S. G. et al. (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p 71-103.

NAGEL, E. O dia em que ela disse sim. **Ministério**, Tatuí, p. 8, set.-out., 2001.

NÚÑEZ, M. A. **Amores que matam: o drama da violência contra a mulher**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

OLIVEIRA, N. D. O homem dos sonhos. **Revista Adventista**, Tatuí, p.18-19, dez., 2001.

PELT, N. **Felizes no amor**. 5. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1991.

PERROT, M. Funções da família. In: DUBY, George (Org.). **Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.105-192. (História da vida privada, v. 4).

PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Orgs.). **Da Primeira Guerra à nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 13-115. (História da vida privada, v. 5).

QUADROS, M. T. Paternidade, trabalho doméstico e envolvimento com os/as filhos/as. In: CAMPOS, Roberta B. C.; HOFFNAGEL, Judith C. (Orgs.). **Pensando família, gênero e sexualidade**. Recife: Universitária da UFPE, 2006. p.59-98.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1998.

REIS, D. **Palavras do coração**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

REIS, M. **Estarei pronta no sábado**: um manual de preparação para o sábado da mulher cristã. Rio de Janeiro: Ados, 2008.

RIOS, G. B. A igreja e a esposa do pastor. **Revista da Afam**, Tatuí, p. 23, 2. Trim., 2004.

ROHDEN, F. et al. Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares. In: HAILBORN, Maria Luiza et al. (Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 61-84.

SALÉM, T. "O casal igualitário: princípios e impasses". **Revista RBCS**, v. 3, n. 9, p. 26, fev., 1989.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2004.

TOURAINÉ, A. **O mundo das mulheres**. Petrópolis: Vozes, 2007.

VANDERMAN, G. E. **Por que esperar?** Londrina: Líder Ltda, 1993.

VIEIRA, G. N. **Amor sexo e erotismo**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1978.

VILA, M. B. **Habilidades sociais conjugais em casais de diferentes filiações religiosas**. Ribeirão Preto, 2002, 98 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

VINCENT, G. Uma História do segredo. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Orgs.). **Da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 157-389. (História da vida privada, v. 5).

WHITE, E. G. **Cartas a jovens namorados**. 2. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1994.

WHITE, E. G. **Fundamentos do lar cristão**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

WHITE, E. G. **O lar adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

ZILBERGELD, B. **Male sexuality: a guide to sexual fulfillment**. New York: Bantam Books, 1978.

Outras obras consultadas:

ABDALA, G. Iahweh e Israel: **Além do fracasso**. 2007. Debate realizado na Igreja Adventista do IAENE em 28 de set. 2007.

ARANTES, A. A. **Colcha de Retalhos** – Estudos sobre a família no Brasil. Campinas; Unicamp, 1994.

BÉRGAMO, J. Iahweh e Israel: **Além do fracasso**. 2007. Debate realizado na Igreja Adventista do IAENE em 28 de set. 2007.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

CARNEIRO, T. F. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Revista Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

CHRISTO, G.; CHRISTO, R. Adão e Eva: O ideal planejado. **Lições da Escola Sabatina**, Tatuí, p. 5, jul.-set., 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, E.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

MARCONI, E.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARLY, R. **Estarei pronta no sábado**: manual de preparação para o sábado da mulher cristã. Rio de Janeiro: União Este Brasileira, 2008.

MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 28.

PELT, N. Namoro: preparando-se para um casamento bem sucedido. **Diálogo Universitário**, Tatuí, v. 11, n. 2., 1999.

PHILLIPS, R. **Desfazer o nó**: breve história do divórcio. Lisboa: Terramar, 1991.

SARTI, C. Deixarás pai e mãe: notas sobre Lèvi-Strauss e a família. **Revista Antropológica**, ano 9, v. 16, n. 1, p. 31-52, 2005.

TORRES, A. C. Casamento e gênero: mudanças nas famílias contemporâneas a partir do caso português. **Revista Interseções**, ano 3, n. 2, p. 53-70, jul-dez., 2001.

APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Ano e local de nascimento (município, Estado, zona rural ou urbana) do entrevistado.

Bairro de residência atual.

Tipo de união: casamento no civil, no religioso?

Número de filhos suas idades

Local do nascimento. Tem filhos fora desse casamento?

Quem são os que moram nessa casa?

SEU PERCURSO RELIGIOSO

É um adventista praticante? Nível de prática.

E a sua esposa?

Você foi criado dentro dessa fé?

Sempre foi dessa religião ou mudou de religião ao longo de sua vida? Por quê?

Você já participou de algum encontro de casais realizado por sua igreja?

Como você avalia esse encontro?

Que outras atividades sua igreja realiza para ajudar os casais no seu relacionamento?

Você é assinante de alguma revista editada pela igreja? Qual?

Você lê? O que acha?

Tem algum livro editado pela igreja que fale sobre relacionamento de casais? Qual?

Você leu? O que achou?

Caso não tenha lido, qual a razão?

Você tem alguma responsabilidade na igreja? Quais?

Como você concilia igreja, trabalho, estudos, etc?

De que forma a igreja lhe ajuda a ter uma melhor compreensão quanto ao casamento?

Ser adventista ajuda nisso? Como?

Qual a religião dos pais?

SUA CRIAÇÃO

Quais são as lembranças que você tem da sua mãe quando era criança?

E do pai?

Papel da sua mãe na família?

E do pai

NAMORO...

Teve outras namoradas?

Queria sair logo da casa dos pais?

PROJETOS PARA O FUTURO...

Quando era mais jovem, como imaginava sua vida de adulto? Tinha um projeto de futuro?

Como os pais concebiam seu futuro?

Acha que correspondeu às expectativas dos pais?

SUA UNIÃO NO NAMORO E NO CASAMENTO COM ELA

Como vocês se conheceram?

Grau de estudo e emprego quando começou a namorar?

Quando começou a namorar, logo pensou que ia ser uma relação séria?

Quais eram os seus projetos vida na época?

O que os seus pais esperavam para o filho?

Como foi o primeiro encontro entre os seus pais e ela?

Como reagiram os pais dela quando souberam que ela estava lhe namorando?

As famílias se deram bem uma com a outra?

A partir de que momento essa idéia de casar surgiu?

Quais eram os planos de vida de vocês?

Os objetivos de vida de vocês eram parecidos?

Que idade você tinha quando se casaram?

Quando vocês foram morar juntos, você tinha uma idéia clara de como ia ser a vida conjugal familiar de vocês?

Por acaso, essas idéias mudaram?

Na época, o que você imaginava ser uma vida de casado?

A vida de casado correspondeu às suas expectativas?

Houve algum momento em que questionou sua escolha?

Como reagiram as famílias quando souberam que vocês iam casar?

A CHEGADA DOS FILHOS

Logo no início da união, você pensou em ter filhos?

Chegou a conversar com ela a esse respeito?

Negociaram sobre um possível adiamento?

Já usou algum método para evitar filhos?

A esposa já ficou grávida sem querer ou sem você querer?

Por que não queria?

Quanto tempo depois de casados ela engravidou?

O que levou a prosseguir a gravidez?

Como você reagiu quando soube da gravidez?

Na época, quais eram os seus projetos de vida?

Como você viveu a gravidez?

O que mudou na sua vida após o nascimento da criança?

Mudou alguma coisa importante na vida do casal depois do nascimento da criança?

Houve problemas na família depois do nascimento da criança?

Você parou de trabalhar antes ou depois do nascimento da criança?

Quando parou? De quem veio a idéia?

O que lhe levou a tomar essa decisão?

Você pretende ter outros filhos com ela? Por quê?

Chegou a conversar com ela sobre essa possibilidade de ter mais filhos?

Em sua opinião, quais são as melhores condições num casal para se ter filhos?

Com relação à organização do casal, quem cuida da casa?

Nos finais de semana ou nas férias, quem cuida da casa?

Quem prepara as refeições?

Às vezes você prepara as refeições?

Você acha que as tarefas da casa são bem divididas entre o casal?

Quem cuida no dia a dia das crianças: banho, hora de dormir, preparação das refeições?

O que você acha disso?

AS FINANÇAS

Sua faixa de renda.

Você sabe a faixa de renda da dela?

Quem administra o dinheiro da casa?

Vocês têm uma conta bancária conjunta?

Quem deposita dinheiro na conta?

Vocês dividem as contas da casa?

Quem paga as despesas ligadas à criança?

Você tem poupança?

QUANTO ÀS DECISÕES

Quem escolheu a casa onde vocês estão morando?

Quais foram os critérios para escolher a moradia?

Quem escolhe as atividades do final de semana?

No último final de semana, o que vocês fizeram?

Quem escolhe o tipo de férias?

Nas últimas férias, o que vocês fizeram?

Você costuma aceitar um convite de alguém sem antes consultá-la?

Você costuma convidar pessoas em casa sem avisar antes a ela?

SOCIABILIDADE DO CASAL

O que você costuma fazer para se divertir?

De noite. Nos finais de semana. Nas férias. Você faz normalmente acompanhado por quem?

O que você fez à noite no último final de semana? Nas últimas férias? Quem participava?

Você costuma sair sem ela e sem os filhos?

Têm algumas diversões, atividades ou lugares que você prefere ir sem ela ou sem os filhos?

No horário da noite, você fica com ela?

Em relação com o tempo que vocês passam juntos, você acha suficiente?

Quem são os seus melhores amigos? (parentes, infância, colegas, vizinhos, etc.)

Ela conhece esses amigos? O casal tem muitos amigos em comum?

Você frequenta a família dela?

No natal você vai visitar a família? Que família: sua ou dela?

Você acha que existem diferenças entre sua família e a dela?

RELACIONAMENTO CONJUGAL

Que lembranças você guarda do início de sua vida conjugal?

O início da vida conjugal foi difícil?

Na época, como você encarava a vida a dois?

No início da vida conjugal, vocês estabeleceram juntos algumas regras de convivência?

Você teve que fazer esforços para ter uma boa convivência com ela?

Você acha que o relacionamento com ela mudou com o tempo? O que mudou?

Como mudou?

Quais foram os momentos mais felizes da sua vida conjugal?

Quando é que você percebe que as coisas não são muito iguais entre vocês?

Alguém está em desvantagem

O que acha que um casal pode fazer para ter uma relação com mais harmonia?

Muitos casais acham que a família interfere na sua maneira de organizar sua vida conjugal. Você tem esse sentimento ou já chegou a ter?

SEXUALIDADE

Caso acontecesse uma infidelidade dele (a) hoje, você seria mais tolerante do que no início do casamento? Por quê?

O que você acha da idéia de um (uma) só parceiro (a) por toda vida?

A sua igreja dá alguma orientação sobre sexo aos casais?

Como vocês recebem tais orientações?

Acha que é importante para os casais contar com a ajuda da igreja nesse assunto?

Quais temas da vida conjugal você gostaria de ver a igreja orientando? Por quê?

Acha que o seu trabalho prejudica a sua atividade sexual? E o trabalho dela chega a prejudicar?

Com que frequência vocês fazem amor na semana? Como você avalia essa questão?

A última relação sexual com seu cônjuge foi agradável? Por quê?

Na ocasião você estava se sentindo plenamente apaixonado? De que forma?

O adventista tem mais motivo para ter uma relação sexual mais plena do que um não crente?

Até que ponto acha que Deus ajuda na sexualidade do casal?

No casamento, já teve de recorrer à masturbação? Acha que foi válido?

Conhece bem as áreas mais sensíveis da sua parceira? Por que isso é importante?

No sexo, entre quatro paredes, vale tudo? O que não vale? Por quê?

Pratica sexo oral? Por quê?

E sexo anal?

O que pensa sobre esses temas tão polêmicos?

Descreva um homem e uma mulher boa de cama:

Como você se avalia nessa perspectiva?

Como você vê a prática de sexo no sábado?

Qual a opinião dela sobre isso?

Quem faz o controle de natalidade? E como faz?

Porque fazem dessa forma? Quem decidiu?

Você acha importante que o orgasmo seja freqüentemente simultâneo? Por quê?

Quanto à variedade do repertório sexual, o que você pensa?

Você se sente livre com relação à sexualidade ou há alguma forma de pressão da igreja ou do próprio cônjuge?

Suas expectativas em matéria de sexualidade sofreram alguma alteração agora que estão com criança (s) em idade mais baixa?

O que você pensa das obras pornográficas ou eróticas como estimulante do sexo?

Já teve que apelar para esses recursos? Como foi a experiência?

Acha que Deus tem algo que ver com a sexualidade adventista?

PAPÉIS

Na vida de casal, cada um tem seu papel. Em sua opinião qual o seu papel no casamento?

E o papel de dela?

Já sentiu dificuldade em assumir esse papel?

Que coisas você gostaria de mudar nesta questão de papéis?

COMUNICAÇÃO

Os objetivos de vida seus e dela são parecidos?

Você costuma conversar com ela? Em que medida?

Quais os principais assuntos? Quais são os assuntos mais difíceis de conversar com ela?

Quando você enfrenta dificuldades no trabalho, costuma conversar com ela?

E quando ela enfrenta dificuldades no trabalho?

Vocês oram juntos? Por quê?

DEPENDÊNCIA

Você acha que precisa de independência maior na vida conjugal?

Em que sentido?

Você tenta estar em casa quando ela está?

Organiza suas atividades de acordo com os horários dela?

Quem faz as compras? Por quê?

Que atividades da casa você acha que são próprias para o homem? E para mulher?

PROBLEMAS CONJUGAIS

Quais os principais problemas que você já encontrou ou está encontrando na sua vida de casado?

Você já sentiu dificuldades em se adaptar ao caráter ou à personalidade dela?

Já tiveram dificuldades em encontrar coisas que os dois gostem de fazer, hábitos comuns?

Como você reage quando um problema conjugal importante aparece no casamento?

Costuma conversar com alguém que seja amigo (a), membro da sua família ou da família dela?

Procura especialista ou profissional? Fala abertamente com ela sobre o que sente, ou o que pensa? Consegue se controlar?

Tem tendência a fugir do problema?

E ela, como reage?

Se você pensar nos problemas conjugais que enfrentou no seu casamento até agora, acha que, de modo geral, foram solucionados de maneira satisfatória?

Como?

Quais são os principais motivos/assuntos que os levam a discordar um do outro?

Por quê?

Já teve divergências sobre a repartição das tarefas domésticas? Descreva.

Houve desentendimentos sobre a educação das crianças? Comente.

Sobre a religião? Como aconteceu?

Viveram desentendimentos sobre a utilização do dinheiro? O que houve?

Já discordaram em relação ao projeto de vida, ao futuro comum? Como vê essa questão?

Houve desacordos em relação à sua família? À família do seu cônjuge? O que aconteceu?

Vocês concordam em tudo com relação a questões de sexo? No que discordam e por quê?

A guarda do dia de sábado ajuda de alguma maneira na relação do casal? Como?

CONFLITOS

Em qualquer casal, há também brigas. No decorrer dos seis últimos meses, quantas vezes vocês brigaram? Como se sente?

Quais foram os motivos dessas brigas? Como foram essas brigas: graves, sérias, leves?

Sentiu dificuldades em resolver essas brigas? Como resolveram essas brigas?

Como se deram as reconciliações? Foram rápidas e fáceis ou difíceis e incompletas?

Tem assuntos que você prefere não conversar com ela para não provocar brigas?

Você já atravessou momentos particularmente difíceis (crise no seu relacionamento conjugal) desde que mora com ela? Quais?

Muitos casais enfrentam problemas tais que pensaram seriamente em se separar.

Você já pensou em se separar dela?

SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO À CONJUGALIDADE

De modo geral, como você avalia sua vida conjugal?

Gostaria que ela mudasse em determinados aspectos? E ela, gostaria que você mudasse em determinados aspectos?

De modo geral, você está satisfeito com o comportamento dela em relação a você?

Como você descreve um casal realizado?

**ANEXO – AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA DA FACULDADE
ADVENTISTA DE FISIOTERAPIA**